

**MARIA CRISTINA CARPES**

**FREUD E A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO FUNDADOR DA PSICANÁLISE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem.

Universidade do Sul de Santa Catarina.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Marta Furlanetto

**TUBARÃO, 2005**

**MARIA CRISTINA CARPES**

**FREUD E A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO FUNDADOR DA PSICANÁLISE**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão – SC, dia de mês de ano.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Marta Furlanetto

Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Solange Leda Gallo

Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Francisco Franke Settineri

Associação Psicanalítica de Porto Alegre

*A Ricardo, Marcelo e Eduardo.*

## **AGRADECIMENTOS**

*A Maria Marta, pelas orientações competentes, dedicadas e tranqüilas, que me auxiliaram na realização deste trabalho.*

*[...] uma coisa é externar uma idéia uma ou duas vezes sob a forma de um aperçu passageiro, e outra bem diferente é levá-la a sério, tomá-la ao pé da letra e persistir nela, apesar dos detalhes contraditórios, até conquistá-lhe um lugar entre as verdades aceitas.  
Sigmund Freud.*

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar a construção do discurso fundador da psicanálise, através do discurso freudiano, enquanto autor fundador de uma discursividade. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica documental, utilizando-se recortes de trabalhos e cartas escritas por Freud e relacionando-os a outros textos que tratam de temáticas afins com a escritura freudiana. A análise realizada identifica as marcas de judeidade no discurso freudiano; o descentramento da racionalidade, enquanto o lugar da verdade do sujeito; a apropriação da memória discursiva sobre o conhecimento científico do século XIX, para a fundação de um novo discurso, como as condições sócio-históricas para o surgimento do discurso fundador da psicanálise. A auto-análise de Freud possibilitou-lhe realizar interpretações intra e intertextuais que forneceram novos sentidos aos sentidos já estabelecidos, como o fator psicológico, que juntamente aos fatores sócio-históricos já mencionados, condicionaram a emergência do discurso fundador da psicanálise.

**Palavras-chave:** discurso fundador, Freud, psicanálise.

## **ABSTRACT**

The purpose of this work is to analyse the psychoanalysis founder discourse through freudian speech, while founder author of a discoursivity. For this purpose, a documental bibliographic research was made, using work cuttings and letters written by Freud and relating them to other texts which deal about themes similar to the freudian writ. The realized analisys identify the jewish imprints in the freudian speech. The rationality decentralization while place of the subject truth, the appropriation of the discursive memory about the scientific knoledge of the XIX century for the foundation for a new discourse, as the socio-historical conditions for psychoanalysis founder discourse appearing. Freud self-analisis made possible for himself to materialize intra and inter-textual interpretations wich redered new meanings to the already stabilished meanings, as psicologica factor, that in conjuntcion to the socio-historical factors already mentioned, have conditioned the appearing of the psychoanalysis founder discourse.

**Keywords:** founder discourse, Freud, psychoanalysis.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>O DISCURSO FUNDADOR.....</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>FREUD E A JUDEIDADE.....</b>	<b>41</b>
<b>4</b>	<b>A HISTÓRIA DA LOUCURA.....</b>	<b>61</b>
<b>5</b>	<b>A PSICANÁLISE NO CONTEXTO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO.....</b>	<b>84</b>
5.1	O CONHECIMENTO CIENTÍFICO ANTERIOR AO SÉCULO XIX.....	84
5.2	AS CIÊNCIAS NO SÉCULO XIX.....	91
5.2.1	<i>A filosofia.....</i>	<i>91</i>
5.2.2	<i>A física e a química.....</i>	<i>97</i>
5.2.3	<i>A medicina.....</i>	<i>101</i>
5.2.4	<i>A história da psicologia.....</i>	<i>111</i>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>122</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>135</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O *discurso fundador* é uma categoria de análise utilizada pela análise de discurso de origem francesa, para compreender a formação de discursos que fundam uma nova ordem de significações. Há discursos que rompem com a memória discursiva (os já ditos) e deslocam os sentidos no tempo e espaço, realizando um novo arranjo e instituindo um novo sentido. Além dessas propriedades de partir do já conhecido e instituir um nunca pensado, o discurso fundador possibilita a criação de um número ilimitado de discursos que nele se apóiam e a ele retornam como um referencial.

Apesar de todos os condicionamentos históricos e ideológicos a que os sujeitos estão submetidos e que os colocam no fadado destino da repetição e, acrescido a isso, alienados desse processo, aparecem oásis onde é possível sair desta cadeia de repetição discursiva. O acontecimento, a interpretação e o inconsciente possibilitam a emergência de sentidos ao não-sentido. Sítios de significância onde, num movimento de vai e vem, o discurso submerso na memória irrompe pelas determinações inconscientes no acontecimento, uma ruptura na organização dos sentidos e, num movimento lúdico, utiliza a capacidade simbólica da linguagem e faz uma nova interpretação do real. Como considera Orlandi (2001), no discurso fundador ainda não há uma diferenciação entre a realidade, a imaginação e o simbólico.

Há discursos que são considerados como fundadores – mitos, lendas, o discurso religioso, científico e filosófico – e autores que são considerados fundadores de uma discursividade. Dentro da perspectiva exposta é que se reveste de importância aproveitar espaços teóricos para se trabalhar acerca da conceituação do discurso fundador. Nesta

dissertação, o discurso fundador é trabalhado juntamente ao tema do discurso psicanalítico, mais especificamente do discurso freudiano.

Sigmund Freud (1856-1939) funda a psicanálise enquanto uma teoria do funcionamento mental e uma técnica terapêutica de intervenção em situações de sofrimento psíquico. Essa técnica foi primeiramente orientada para os pacientes adultos individualmente, mas autores pós-freudianos fizeram contribuições teórico-técnicas e ampliaram os níveis de intervenção para situações de grupos e instituições, bem como para pacientes infantis, além do que a teoria psicanalítica influenciou e continua influenciando outras áreas além da psicologia e da psiquiatria, como a educação, o direito, a sociologia, a lingüística, a filosofia, entre outras.

A que se deve essa marca expressa no discurso da sociedade ocidental, a partir do século XX, pela psicanálise? O que faz de Freud um homem intensamente combatido e referenciado na sua produção discursiva? Que sentidos emergem a partir do discurso freudiano? Por que esse discurso influencia tanto o meio científico como o público leigo?

Para articular possibilidades de respostas a questões dessa ordem é que se apresenta o tema: “Freud e a construção do discurso fundador da psicanálise”. O discurso fundador é uma categoria de análise discursiva que merece maior sistematização conceitual-teórica na AD. O seu cruzamento com a psicanálise, embora já citado por autores das duas áreas, instala um amplo campo de estudo a ser realizado, visto que possibilita um maior aprofundamento teórico para as duas áreas de conhecimento envolvidas.

Nesta dissertação parte-se do princípio de que Freud, ao criar a psicanálise, institui um discurso fundador na maneira de situar o Homem, psiquicamente falando, no mundo. Esta idéia é referenciada por autores como Pêcheux (2002), Maingueneau (2002), Foucault (1997) e Orlandi (2001). Portanto, não se está discutindo *se* o discurso freudiano é um discurso fundador; ele o é. A questão proposta é *como* se dá a construção desse discurso fundador. Para tanto se fará, ao longo do trabalho, recortes do texto freudiano com outros

textos relacionados para, como diz Pêcheux (2002), realizarem-se novas práticas de leitura da obra freudiana e... “‘entender’ a presença de não-ditos no interior do que é dito” (p. 44).

Em termos culturais, a psicanálise faz sentido como uma teoria do aparelho psíquico que procura compreender o funcionamento mental, marcado por tropeços que denunciam que, na origem, o homem não é plenamente civilizado. A linguagem em funcionamento é a marca da fundação originalmente lacunar desse discurso.

Um novo sentido é possível porque a linguagem é “falha”, não é possível ela abraçar todos os sentidos possíveis, e neste espaço vazio, de silenciamentos, é que emerge um outro sentido. Este novo é um discurso que vai fundar uma “ordem alternativa” de saberes. Neste ponto vamos relatar a emergência de um novo discurso no surgimento da psicanálise. A psicanálise surge no final do século XIX, rompendo com os saberes que existiam sobre o homem no que tange a sua vida psíquica. O psiquismo é ampliado com a noção de inconsciente, sexualidade, pulsão e recalçamento.

Quem é o homem? É uma pergunta que inquieta a filosofia desde as suas origens. Depois dos filósofos da natureza, a filosofia sempre esteve imbuída da necessidade de perguntar sobre a origem e a essência do homem, ou seja, qual é a verdade sobre o homem. Encontra-se, desde os sofistas, passando por Sócrates, Platão, Aristóteles, que a razão humana é a fonte do conhecimento. O homem é o centro das investigações e a racionalidade faz do homem um ser que busca o conhecimento e a verdade.

Após o período da Antiguidade e da Idade Média, reencontra-se em Descartes a plena expressão da racionalidade como o caminho da verdade. No século XX, surge a filosofia existencialista, fortemente inspirada em Kierkegaard, que irá descentrar a verdade absoluta para verdades singulares a cada indivíduo, contudo, a consciência segue sendo compreendida como a sede do ser humano.

O discurso freudiano, a partir do inconsciente, destrona a consciência e a razão do lugar privilegiado onde se encontravam. A psicanálise subverte a lógica cartesiana do *penso, logo existo*. A partir de Freud, Lacan rearticula a máxima cartesiana e diz *o homem existe lá onde não pensa que existe*, ou seja, o homem existe no lugar da inconsciência, no lugar do desejo. A partir da polaridade inconsciente-consciente o homem é um sujeito dividido entre o seu desejo e a sua racionalidade. O pensamento lógico não é mais hegemônico, o sujeito do inconsciente também tem uma lógica própria, onde o tempo é outro e os contrários coexistem.

Freud, em *Totem e tabu* (1987i [1925]), fala, através de uma história acontecida com os povos primitivos, sobre como o homem selvagem se transforma em homem civilizado. Essa transformação caracteriza o início da civilização em termos de uma sociedade minimamente organizada com leis que assegurem a continuidade da vida em grupo. O autor ressignifica os dados da história da criação do homem numa nova ordem simbólica, enquanto um ser inserido na cultura. O tabu do incesto é um ritual que marca a entrada do homem nas organizações sociais. Pode-se dizer que a partir dos escritos de Freud, a compreensão do humano não é mais a mesma.

A partir dessas reflexões apresenta-se como tema de pesquisa: “Freud e a construção do discurso fundador da psicanálise”.

A formulação do problema a ser trabalhado é: como foi construído o discurso fundador da psicanálise?

O objetivo desta dissertação é analisar a construção do discurso fundador da psicanálise.

A intenção de realizar esta dissertação é identificar que características presentes no discurso freudiano são importantes para a fundação do discurso psicanalítico. Essa pesquisa tanto se destina aos estudiosos do campo da lingüística que se interessam pelo discurso fundador, quanto aos que querem subsídios para uma compreensão sobre os

cruzamentos entre lingüística e psicanálise, como também, ao leitor mais específico da psicanálise, que pode se apropriar de um campo de estudo ainda não muito explorado sobre a análise discursiva da escritura freudiana.

Trazer novas perspectivas ao tratamento do discurso fundador aponta para a relevância de possibilitar nova compreensão sobre a quebra de paradigmas nas áreas do conhecimento. Direciona-se para relações que podem ser feitas entre os processos discursivos e a apropriação do saber do homem, sobre si mesmo e acerca do mundo em que vive. Este estudo pode interessar a psicanalistas, lingüistas e epistemólogos.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica/documental. Os documentos pesquisados são textos escritos por Freud e reunidos na *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* editadas pela Imago, a partir da tradução inglesa realizada por James Strachey, sob a direção geral de Jayme Salomão, com coordenação, revisão geral e técnica da segunda edição de Vera Ribeiro para a tradução brasileira. Também são utilizados trechos de cartas escritas por Freud para seus amigos e colegas psicanalistas, além de obras de outros autores que tratam da escritura freudiana.

O discurso fundador é abordado como uma categoria de análise de discurso. Para tanto se utilizam recortes dos textos freudianos partindo-se da sua superfície lingüística para transformá-los em um objeto discursivo. Através das formações discursivas, chegar-se ao processo discursivo e à formação ideológica como produtora de sentidos. Dito de outra maneira, o procedimento de análise adotado, conforme descreve Orlandi (2001a), concebe que o texto será remetido ao discurso, onde, através das formações discursivas e das ideologias, serão entendidos alguns sentidos simbolicamente construídos do discurso fundador da psicanálise.

A análise do material é realizada concomitantemente com a apresentação do referencial teórico da análise do discurso, com ênfase no discurso fundador. Paralelamente a

estes procedimentos, também são trabalhados outros textos, que são utilizados como intertextos ao texto de Freud.

Desta forma, o primeiro capítulo é sobre o discurso fundador; são apresentadas as bases teóricas para a análise do discurso fundador, embasado principalmente nos autores Pêcheux, Foucault, Maingueneau e Orlandi.

No segundo capítulo, Freud e a judeidade, são analisadas as marcas do judaísmo no discurso freudiano. Na história da loucura, o terceiro capítulo, a loucura é tomada como objeto discursivo e estudadas suas modificações ao longo da história. O conhecimento científico anterior ao século XIX – época do surgimento da psicanálise – é tomado no quarto capítulo, para relacionar os conhecimentos da ciência àquilo com que, posteriormente, a psicanálise vai se ocupar. Também são localizados os conceitos de que Freud se apropria para fundar um novo discurso, ou seja, um novo dizer ao já dito. Mostra-se, igualmente, a apropriação que o discurso fundador faz da memória discursiva.

O quinto capítulo traz os saberes das outras áreas das ciências, com que Freud mantinha uma interlocução, para marcar diferenças e semelhanças objetivando a legitimação da psicanálise. As áreas apresentadas são: a filosofia, a física, a química, a medicina e a psicologia. Para concluir, sintetizam-se as condições sócio-históricas e os fatores psicológicos que condicionam a emergência do discurso fundador da psicanálise.

## 2 O DISCURSO FUNDADOR

O estudo realizado nesta dissertação sobre o Discurso Fundador é feito a partir das contribuições de Foucault (1993a), Maingueneau (2002) e Orlandi (2001b). Embora os três autores tenham enfoques distintos, tratam da “constituíncia” discursiva relacionada a um novo dizer, ou seja, quando na origem, o discurso se constitui num *quantum* de diferenciação e avanço discursivo comparado aos demais. Foucault vai se direcionar a questionar a “autoria”, Maingueneau vai focar o “discurso constituinte”, enquanto que Orlandi vai utilizar o “discurso fundador” como uma categoria de análise.

A categoria de análise que se está utilizando para trabalhar o discurso freudiano é a do *discurso fundador*. Verifica-se que, apesar da sua importância, o discurso fundador não é considerado com a mesma formalidade de tantos outros conceitos estudados pela análise de discurso, como: sujeito, sentido, ideologia, memória discursiva, entre outros. Ao contrário, é difícil achar material sistematizado sobre o tema. Penso que, em parte, a dificuldade de teorizar a respeito deste tema é proporcional à dificuldade em surgir os discursos fundadores.

Avançar em relação à memória discursiva é uma condição que não está facilitada, mas é possível pela interpretação. Pêcheux (2002) chama a atenção que, simultaneamente a todas as filiações sócio-históricas a que se está submetido e condicionado a repetir os sentidos já construídos, há a possibilidade de desestruturação destes sentidos já dados. Interpretar cria a possibilidade de o sujeito não depender somente de um sentido já dado ou de uma verdade já estabelecida, considerando-se também os deslocamentos realizados por suas determinações inconscientes. O autor acrescenta que assumir uma posição solitária a que fica o enunciador, ao fazer uma interpretação e sustentar este dizer frente à comunidade discursiva, é uma questão política, ética e de responsabilidade. Tratar-se-á mais adiante, neste mesmo capítulo, sobre a interpretação.



Retornando à fundação, Foucault (1993a) fala sobre os discursos fundamentais ou criadores como textos primeiros, nos quais os comentários vão se apoiar. Porém o curso da história é que irá referendar um discurso como fundamental, pois que ele possibilita a criação de um número infundável de discursos filiados a ele. O autor trata também do tema do *sujeito fundador*; através da escritura, ele irá significar os vazios e fundar significações discursivas. Pode-se dizer que o sujeito fundador cria um núcleo de saberes que possibilita que outros discursos tirem deduções a partir dele.

No transcurso dos anos seguintes à criação da psicanálise, vê-se uma multiplicidade de textos que foram escritos tendo como referência as idéias freudianas; são os *textos-comentários*. Como sujeito fundador, Freud irá tratar dos vazios do discurso humano. Vazios e silêncios que ganham expressão no psiquismo humano através das aparições do inconsciente, que tem na fala sua forma mais simbólica de expressão.

Orlandi (1987) considera que o silêncio é outra forma de tratar o não-dito no discurso. Pode ser considerado como “a respiração da significação”, ou seja, um lugar onde a palavra necessita de um espaço sem palavras para significar.

Na fundação do discurso, há a possibilidade de um outro sentido para o significante e, por motivos contingenciais, num momento só pode se colocar um sentido. Uma fala está sempre calando ou silenciando outras. Pode-se considerar que na emergência de um discurso fundador, há outros discursos que se silenciam. Assim, pode-se analisar que o discurso freudiano surge no silêncio de outros discursos e, por sua vez, silencia outros dizeres. Ele silencia a visão cartesiana da hegemonia da racionalidade. Após Freud, a compreensão sobre o sujeito é a de um ser dividido entre a racionalidade da consciência e uma outra lógica: a do inconsciente.

Freud, em 1914, em *Totem e tabu* (1987i), fala sobre a união dos filhos descontentes que matam o pai, sendo esse o marco de surgimento da culpa que, por sua vez,

vai fundar a organização social, as restrições morais e a religião. Há, nesse dizer, um privilégio do parricídio em detrimento da conduta filicida anterior, marcada pela crueldade e abandono cometido pelo pai da horda primitiva contra os filhos. Desta forma, um sentido emerge e silencia outros sentidos. Na história da criação da civilização é dada maior importância à culpa filial.

Orlandi (1987) postula uma equiparação entre o silêncio e a palavra, nas suas formas de produção e ambigüidades. Assim, pode-se colocar o silêncio na procura de um sentido no discurso, considerando o enunciador e seu contexto, tanto quanto se pode colocar a palavra como silenciadora de sentidos. Aqui introduzo para discussão o silêncio fundador referido por Orlandi (1995), como o silêncio que se encontra nas palavras, e espaço do não dito, onde se cria a condição de uma nova significação para o significante.

Orlandi, no mesmo trabalho, refere três campos em que o implícito, como forma silenciadora, pode ser tratado: na psicanálise, através das formações do inconsciente; na retórica, através das teorias de argumentação; e pela análise do discurso, através da noção de ideologia. Na psicanálise, o silêncio aparece com expressividade na teoria do recalçamento. O silêncio ou “outras palavras” surge como um disfarce para a “representação palavra” que é impedida por obra do recalçamento de aparecer no campo da consciência psíquica.

Maingueneau (2002), por sua vez, embora nomeie o discurso fundador, escreve nos seus trabalhos sobre o *discurso constituinte*, e esclarece que não se trata da mesma coisa, embora não especifique mais a respeito. Sobre o discurso constituinte, o autor escreve que são aqueles a que alguém se reporta quando busca uma explicação para determinada questão. Assim, quando se quer uma compreensão sobre as causas emocionais do comportamento humano, a psicanálise é chamada a falar como autoridade sobre o assunto. Ou pode-se dizer que palavras espontaneamente surgem na memória quando um determinado assunto é tratado. Maingueneau diz que o discurso constituinte não é uma categoria fundamentalmente

interpretativa, mas tem nos funcionamentos discursivos um forte componente empírico, devido à associação que se estabelece entre ele e a comunidade discursiva.

Tratando do discurso fundador, encontra-se um livro organizado por Orlandi (2001b), onde o primeiro capítulo está voltado para uma sistematização teórica sobre o tema. Porém, como a autora considera o discurso fundador uma categoria de análise, não há uma preocupação maior em fazer uma análise conceitual mais apurada. Assim, os demais capítulos do livro são dedicados à análise de discursos fundadores em textos que tratam da construção da identidade do País. Em uma linha semelhante a Maingueneau, a autora diz que o discurso fundador é uma categoria de análise que vai se definindo pela importância teórica que os discursos adquirem ao longo da história. Eles fazem parte do imaginário popular de uma sociedade. Há vários temas retirados da psicanálise, como o complexo de Édipo, o uso do divã, a expressão “Freud explica”, que fazem parte do imaginário popular.

Nos conceitos sobre memória, interdiscurso, esquecimento, formação discursiva, ideologia, sujeito e heterogeneidade, encontra-se um sentido que aponta para a direção de considerar o sujeito submerso em uma ilusão, ao achar que é o senhor do seu dizer. No discurso do sujeito, encontram-se marcas de outros discursos, quer através dos registros no texto (heterogeneidade mostrada), quer através das relações com o interdiscurso (heterogeneidade constitutiva). Mesmo quando se considera que o sentido é dado por um rearranjo inédito de repetições, criando um espaço para o novo, predomina o sentido que aponta para a repetição e a trivialidade ideologicamente constituída pela maioria dos discursos, independente do seu estilo: literário, científico ou religioso.

No entanto, encontra-se, em pontos circunscritos historicamente, discursos que emergem com um poder de influenciar uma série de outros discursos, que irão se referenciar nos formadores. São discursos que fundam uma nova ordem de dizeres, discursos que

rompem ideologicamente com os seus predecessores e constituíram um valor significativo para serem comentados. Pode-se dizer que criam uma escola e seus sentidos não se esgotam.

Para se considerar um discurso como fundador, toma-se a língua enquanto uma materialidade do texto. A língua, mais especificamente o idioma, não é um instrumento neutro dentro do discurso. Assim, é importante considerar-se que a obra freudiana foi originalmente escrita em alemão. A tradução para o inglês realizada por James Strachey possibilitou reunir a maioria dos escritos de Freud acompanhados de notas e comentários do tradutor, fruto de uma extensa pesquisa realizada. A edição da obra freudiana para o português foi realizada pela editora Imago a partir da tradução inglesa realizada por Strachey.

Foucault (1993a, p. 3), em *A ordem do discurso*, traz uma compreensão, descrição e reflexão sobre os procedimentos que existem para controlar o discurso. Entende que o discurso é alvo de proibição pela sua estreita relação com o desejo e o poder. Compreende-se que o poder já é um desejo de dominação, de que o discurso pode ser a principal ferramenta.

Em primeiro lugar, refere-se a procedimentos externos que tratam de assujeitar os discursos relacionados com o poder e o desejo. São procedimentos que trazem como princípio de exclusão:

- a) a proibição de falar o que quiser, ou seja, não se pode falar sobre tudo em qualquer situação, sendo os temas da sexualidade e da política os que mais fortemente exibem restrições e, conseqüentemente, submetem a sanções os infratores;
- b) a oposição entre razão e loucura. Essa oposição implica uma divisão entre os discursos, com rejeição à categoria de loucura. Ao louco é vedado o direito a voz. Seus atos (incluindo os de fala) são destituídos de direitos civis;
- c) último procedimento apontado é a busca de verdade. Historicamente a verdade sofreu mudanças e deslocamentos decorrentes de quem têm o poder e a autoridade para proferi-la. É o canal de exclusão mais poderoso, e engloba os dois primeiros.

Em relação aos procedimentos externos de controle do discurso, Freud infringe os três pontos referidos. Ao falar sobre a sexualidade, a loucura e a “verdade” do Inconsciente, ele traz à análise como estes pontos foram entendidos ao longo da história, questiona-os e apresenta outras formas de compreensão.<sup>1</sup> O criador da psicanálise tinha consciência de que a reação da sociedade em excluí-lo estava relacionada à importância de tratar o tema da sexualidade. Este é o trecho de uma carta que escreve a Abraham em 1908: “A resistência à sexualidade infantil... fortalece minha opinião de que os três ensaios<sup>2</sup> são uma realização de valor comparável à *Interpretação dos Sonhos*” (apud GAY, 1989, p. 146).

Em segundo lugar, Foucault comenta os procedimentos internos para o controle discursivo. Enquanto os procedimentos externos se dirigiam a práticas de controle sobre o poder e o desejo, os procedimentos internos vão controlar outra dimensão do discurso, a do acontecimento e do acaso.

Penso ser oportuno falar sinteticamente sobre o conceito de *acontecimento*, que tem em Foucault seu articulador. Para ele os acontecimentos discursivos não são da ordem da materialidade, embora precisem dela para se produzir como efeito. Estão inseridos numa série homogênea, mas num processo descontínuo de aparecimento. Nas palavras do próprio autor, “[...] trata-se de cesuras que quebram o instante e dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e de funções possíveis” (1993a, p. 20).

Para Pêcheux (2002), a discursividade enquanto acontecimento está no lado oposto da estrutura. Enquanto a última coloca o discurso num automatismo e repetição por conta da memória discursiva e do assujeitamento do enunciador, o acontecimento discursivo

---

<sup>1</sup> Sobre a loucura, ver o capítulo nesta dissertação: “A história da loucura”.

<sup>2</sup> “Os três ensaios” mencionados por Freud referem-se ao seu trabalho *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. VII.

ocorre na medida em que os deslocamentos no espaço são possíveis pelas determinações inconscientes.

Voltando-se aos procedimentos internos de controle do discurso, tem-se agora o mecanismo do próprio discurso para limitar a fala do sujeito, sendo o acaso e o acontecimento “acidentes de percurso” em que o discurso sai do controle de si mesmo. Um dos mecanismos descritos pelo autor recai sobre o comentário e o discurso fundador<sup>3</sup>. Há no comentário uma relação restritiva com o discurso fundador: ele precisa identificar-se com o texto primeiro. Fala sobre o que já foi dito, porém trilhando um caminho que foi sinalizado, mas não foi percorrido. Neste caminho pode surgir o acaso e o acontecimento discursivo. É na dialética de dizer o já dito que se abre uma fenda para surgir o novo. Porém o comentário não é da mesma magnitude do discurso fundador. Embora abra novos sentidos, não rompe com o paradigma do discurso fundador.

Orlandi (2001b, p. 7), ao referir-se ao discurso fundador, diz que não se trata de um conceito definido, mas sim de uma categoria que o analista de discurso utiliza no exercício da sua análise. O discurso fundador marca uma referência básica no imaginário constitutivo dos sujeitos.

Para entender melhor essa categoria de análise, vai-se trilhar a obra da autora, quando considera que as idéias em um texto não possuem lugares absolutos. Os lugares vão surgindo quando as idéias vão adquirindo um sentido no corpo do texto. Pode-se dizer que é um fazer constitutivo, um fazer formador de sentidos. Neste processo de formação de sentidos pode haver deslizamentos, deslocamento de lugares e formação de um novo sentido, transfigurando-se. A transfiguração de idéias, formando um novo sentido, marca um discurso fundador.

---

<sup>3</sup> O outro mecanismo descrito é a função-autor, que dá coerência, unidade e insere a linguagem no campo do real. Este tema é tratado mais extensamente nas páginas seguintes deste mesmo capítulo.=

Um ponto importante a considerar é que a organização dos sentidos é um trabalho ideológico. O lugar que as idéias vão adquirindo neste processo é condicionado pela ideologia. Assim sendo, o trabalho para identificar se um discurso é fundador passa também pela compreensão da ideologia que forma esse discurso. A esse respeito pensa-se que as condições de produção de sentidos são influenciadas por fatores históricos e sociais<sup>4</sup>, como também por fatores psíquicos.

Quando se considera as formações imaginárias, há um afastamento da referência de pensar o sujeito do discurso ocupando um lugar e passa-se para a compreensão de que ele ocupa uma posição no discurso. Essa posição é referida pela AD como condicionada a fatores sócio-históricos, por haver relações de força (por exemplo, quando se analisa a fala de um patrão e de um empregado). No entanto, compreendo que nestas relações de força estão também fortemente implicadas as relações de poder. É nestas relações de poder que, no nível imaginário, os sujeitos significam e se constituem como sujeitos psíquicos.

É dentro dessa perspectiva de análise que se considera a importância dos fatores sócio-históricos como condicionantes da ideologia do discurso fundador, e também de fatores psíquicos que condicionam a construção de novos sentidos para este discurso fundador. Pêcheux (2002) chama a atenção ao duplo sentido da fala que foi denunciada por Freud. A fala traz, simultaneamente, o sentido da consciência (o que pode ser dito) e o sentido do inconsciente (o que está lá, porém só é conhecido pelos seus efeitos).

O discurso é aqui entendido como um já dito; assim, o discurso fundador inaugura um novo sentido, um novo rearranjo de sentidos sobre o que já foi dito. Inaugura um novo sentido para o que estava em falta. Para isso acontecer é necessário um apagamento do sentido anterior, incluindo todas as resistências, para que o novo surja e desloque o que retorna, dando um outro sentido. Daí vê-se confirmado o entendimento de que os fatores

---

<sup>4</sup> Os fatores históricos e sociais que influenciaram o discurso freudiano são abordados nos próximos capítulos.

psíquicos conjuntamente aos fatores sócio-históricos condicionam a construção de novos sentidos.

Freud (1987i) ressignifica os dados da história da criação do homem numa nova ordem simbólica. Através do seu trabalho, já referido, *Totem e tabu*, ele significa a história da criação do homem enquanto um ser simbólico inserido na cultura. O tabu do incesto é um ritual que marca a entrada do homem nas organizações sociais e rompe com a memória de filiação do homem a sua história primitiva. Instaura uma nova tradição pela ressignificação da memória simbólica da humanidade. Assim diz textualmente Orlandi sobre o discurso fundador (2001b, p. 13-14):

Cria tradição de sentidos projetando-se para frente e para trás, trazendo o novo para o efeito do permanente. Instala-se irrevogavelmente. É talvez esse efeito que o identifica como fundador: a eficácia em produzir o efeito do novo que se arraiga no entanto na memória permanente (sem limite). Produz desse modo o efeito do familiar, do evidente, do que só pode ser assim.

A força do discurso, para ser um discurso fundador, não reside no factual. A historicidade de que trata o discurso fundador é a sua relação com o imaginário de um povo ou da espécie humana do mundo ocidental. É o que forma o sujeito psíquico na sua especificidade como um objeto simbólico. É desse modo que se entende o discurso de Freud sobre a criação do sujeito civilizado. A partir dos rituais totêmicos, do assassinato do pai da horda primitiva e do tabu ao incesto, utilizou uma metáfora para alicerçar o imaginário da civilização. É possível fazer uma analogia da história totêmica com a tragédia grega de Sófocles – “Édipo Rei”, através da qual Freud criou, a partir de metáforas, uma nova compreensão sobre a sexualidade humana.

Para Orlandi (2001b), há um movimento indistinto nos gêneros do imaginário, simbólico e realidade no discurso fundador. É ela quem escreve:

O que nos importa é observar esse movimento entre o real da descoberta (sem-sentido), a fantasia (imaginação) e a ideologia (imaginário), produzindo a realidade dessa história que se está fazendo. É o que produz o efeito de que a ideologia sempre



está fora da história (oficial). Por seu lado, essa história aproveita, do discurso fundador, o fato de que nele há ainda uma indistinção entre imaginação, simbólico e realidade. (p.18)

Maingueneau-Cossutta (citados por MAINGUENEAU, 2000, p. 31-32) usam a expressão *discurso constituinte* como uma referência ao “papel fundador” que possuem certos discursos de influenciarem uma legião de novos discursos de uma coletividade discursiva. Citam como discursos constituintes o discurso religioso, o científico, o filosófico, o jurídico e o literário. Eles têm como propriedade serem autoconstituintes e heteroconstituintes concomitantemente, pois para se estabelecerem como “discursos primeiros” necessitam falar sobre sua própria constituição, para serem falados pelos outros discursos. É importante considerar que os discursos constituintes passam necessariamente por uma relação de conflito com os discursos pré-existentes e agem sobre as comunidades discursivas marcando um lugar na memória, no qual influenciaram outros discursos.

Vê-se, no discurso freudiano, que o conflito entre as idéias propostas por Freud e as da comunidade científica da época estão sempre presentes. O fundador da psicanálise trata destas questões, por diversas vezes, trazendo as argumentações dos críticos para o seu próprio texto e “conversando” com eles. Neste trecho, escrito em 1909, ele conversa com os presentes da Clark University em Massachussetts, por ocasião da comemoração dos vinte anos de fundação. Freud (1987f) leva a psicanálise para o “novo mundo”.

Bem sei que não se acredita de boa mente nesta minha afirmação<sup>5</sup>. Mesmo os investigadores que me seguem solícitos os trabalhos psicológicos são inclinados a julgar que eu exagero a participação etiológica do fator sexual, e vêm a mim perguntando por que outras excitações mentais não hão de dar também motivo aos fenômenos da repressão e formação de substitutivos. Por ora só lhes posso responder: não sei. Mas a experiência mostra que elas não têm a mesma importância. Quando muito, reforçam a ação do elemento sexual, mas nunca podem substituí-lo. ...vi-me forçado a adotá-la quando as minhas experiências se tornaram mais numerosas e penetraram mais intimamente o problema. Senhores! Acham-se entre os presentes alguns de meus adeptos e amigos mais chegados, que viajaram comigo até Worcester. Se os interrogarem, ouvirão que todos eles a princípio recebiam com a maior descrença a afirmação da importância decisiva da etiologia sexual, até que pelo exercício analítico pessoal foram obrigados a aceitar como sua própria aquela afirmação. (p.38)

---

<sup>5</sup> A afirmação de Freud em questão é sobre a relação existente entre a etiologia da neurose e a sexualidade.

Pêcheux (1997), analisando as condições de formação do discurso e fazendo referência ao esquema informacional (emissor-mensagem-receptor), diz que a intenção do emissor não é somente a transmissão de informação, mas o “efeito de sentido” que o seu discurso vai causar. Nos processos discursivos estão em jogo os papéis sociais do emissor e do destinatário no discurso. Assim, está-se falando sobre as formações imaginárias que designam o lugar que os envolvidos atribuem-se a si e aos outros. Desta forma, o emissor estrutura a sua estratégia defensiva a partir de representações antecipadas que tem acerca do emissor, também baseadas nas formações imaginárias. É o que se verifica na citação, acima, de Freud.

Pêcheux propõe que as condições do discurso não se dão pela percepção que o emissor tem de si mesmo e/ou do destinatário, mas de um “já ouvido” e o “já dito” que se constituem na matéria-prima das formações imaginárias. O autor destaca que as condições de produção de um discurso não ocorrem meramente pela justaposição dos elementos que o compõem, mas pelo tipo de ligação que estabelecem entre os elementos. Neste sentido afirma:

Nesta perspectiva, o objeto de uma sociologia do discurso seria, pois, o de verificar a ligação entre as *relações de força* (exteriores à situação do discurso) e as *relações de sentido* que se manifestam nessa situação, colocando sistematicamente em evidência as *variações de dominância* que acabamos de evocar. (PÊCHEUX, 1997, p.87).

Voltando ao discurso constituinte, Maingueneau (2002) considera ser uma categoria essencialmente discursiva. São discursos tributários de uma forma de transcendência, que dão sentido aos atos da coletividade. Além deles estão o indizível e o absoluto. Criam desdobramentos para uma série de discursos secundários, ou seja, discursos que são comentários para dar sentido ao dizer constituinte. Eles criam a necessidade de comentários e interpretações. Foucault (1993) também se refere à característica dos discursos fundamentais de gerarem comentários. O autor mostra que, se por um lado, o comentário

sempre se reporta ao texto originário, por outro lado, pelo retorno, cria a possibilidade do novo.

O discurso constituinte se forma criando uma instituição que o torna possível, enquanto legitima o universo social onde o texto se inscreve. Maingueneau (2002) utiliza o conceito de *cenografia*, entendendo que esta é criada ao mesmo tempo como moldura e como processo: “[...] o locutor deve dizer construindo o quadro de seu dizer” (p. 6).

O autor também considera a relevância do conceito de *código linguageiro* para a compreensão do discurso constituinte. A língua, e mais especificamente o idioma, não podem ser considerados como instrumentos neutros para constituírem o sentido que o enunciado vai adquirir. Cabe às comunidades específicas, com a autoridade que lhes pertence, dar a legitimação ao discurso constituinte. Assim, a comunidade discursiva é quem dá o aval para o discurso constituinte ser o representante do dizer de toda a comunidade. Nesse sentido pode-se encontrar pistas no discurso freudiano, quando ele fala sobre sua preocupação em ser bem aceito em relação às suas idéias, tanto pela comunidade psicanalítica quanto pela comunidade das ciências sociais. No prefácio à primeira edição de *Totem e tabu*, de 1914, Freud (1987i, p.17) escreve:

Estou plenamente consciente das deficiências destes estudos. Não preciso mencionar aquelas que são necessariamente características das obras pioneiras, mas outras exigem uma palavra de explicação. Os quatro ensaios coligidos nestas páginas visam a despertar o interesse de um círculo bastante amplo de leitores instruídos, mas, na realidade, não podem ser compreendidos nem apreciados exceto por aqueles que já não sejam alheios à natureza essencial da psicanálise. Estes ensaios procuram diminuir a distância existente entre os estudiosos de assuntos como a antropologia social, a filologia e o folclore, por um lado, e os psicanalistas, por outro. No entanto, não podem oferecer a ambos os lados o que a cada um falta: ao primeiro, uma iniciação adequada na nova técnica psicológica; ao último, uma compreensão suficiente do material que se encontra à espera de tratamento. Devem assim contentar-se em atrair a atenção das duas partes e em incentivar a crença de que uma cooperação ocasional entre ambas não poderá deixar de ser proveitosa para a pesquisa.

Maingueneau (2002, p. 8) comenta a hierarquia dos gêneros que o discurso constituinte traz como uma das suas propriedades fundamentais – uma vez que a enunciação de um texto como primeiro vai, conseqüentemente, dispor os textos secundários num outro

nível de discursividade. Assim, um texto ou gênero pode ser primeiro ou segundo, conforme o seu atributo de “constituência”. Pode ser também fechado ou aberto, de acordo com a forma com que constrói a sua cenografia e a possibilidade do leitor de contribuir com a sua escritura ao texto. E por último Maingueneau focaliza o tratamento quanto aos textos serem fundadores ou não-fundadores, pelos seus autores ou posteriormente pelo julgamento dos seus leitores.

O discurso primário é assim considerado quando, para fins de vulgarização, o texto-fonte é modificado para possibilitar uma maior abrangência por parte dos leitores. O texto fundador está, tanto em nível cronológico como em nível de profundidade, em outro patamar com relação ao texto vulgarizado. A esse respeito é grande a quantidade de textos e comentários feitos sobre a teoria freudiana.

Os discursos constituintes não se definem somente pela relação ao interdiscurso como os demais discursos. Eles também se definem e significam por eles mesmos. O entendimento de como se processa a origem dos discursos constituintes passa pela relação entre o intradiscurso e o extradiscurso. A linguagem como representação do mundo e como a enunciação do pensamento – em outros termos, como acontecimento – se significa.

Maingueneau (2000) diz:

Através das operações pelas quais se institui o discurso, se articulam a organização textual e a organização institucional que ao mesmo tempo ele pressupõe e estrutura. O paradoxo constitutivo do funcionamento de tais discursos é que o Absoluto em que eles se autorizam é supostamente exterior ao discurso para lhe conferir sua autoridade, mas deve ser construído por esse mesmo discurso para poder fundá-lo. (p. 5)

A relação entre o intradiscurso e o extradiscurso é uma constante na obra de Freud. O autor se utiliza ora do que outros campos do saber falam sobre o tema que está tratando; ora sobre como os médicos, seus interlocutores mais diretos na época, tratam o tema; ora ao senso comum e, em outros momentos, trava um diálogo direto com os leitores. O seu texto, muitas vezes, parece um recorte do extradiscurso com o intradiscurso. Freud

visivelmente buscava a legitimação da comunidade discursiva para fundar o seu discurso. Neste trecho de *Cinco lições de psicanálise* ele utiliza um conceito já validado do campo da biologia, para fazer uma afirmação nova do campo da psicanálise. O que causou e ainda causa uma rejeição por alguns segmentos da sociedade é a afirmação de que, nos seres humanos, a sexualidade é perversa na sua origem e que sua ocorrência na vida adulta não é uma raridade.

Senhores. Um princípio de patologia geral afirma que todo processo evolutivo traz em si os germes de uma disposição patológica e pode ser inibido ou retardado ou desenvolver-se incompletamente. Isto vale para o tão complicado desenvolvimento da função sexual que nem em todos os indivíduos se desenrola sem incidentes que deixem após si ou anormalidade ou disposições a doenças futuras por meio de uma regressão. Pode suceder que nem todos os impulsos parciais se sujeitem à soberania da zona genital; o que ficou independente estabelece o que chamamos perversão e pode substituir a finalidade sexual normal pela sua própria. Segundo já foi dito, acontece freqüentemente que o auto-erotismo não seja completamente superado, como testemunham as multiformes perturbações aparecidas depois. A equivalência primitiva dos sexos como objeto sexual pode conservar-se, e disso se originará no adulto uma tendência homossexual, capaz de chegar em certas circunstâncias até a da homossexualidade exclusiva. Esta série de distúrbios corresponde a entraves diretos no desenvolvimento da função sexual: abrange as perversões e o nada raro infantilismo geral da vida sexual. (FREUD, 1987f, p. 42-3).

Levanto como hipótese a consideração de que constituir um discurso não é algo pontual, em um momento específico, mas um processo que necessita da ancoragem nos extradiscursos, na memória e no esquecimento, a fim de deixar marcas. Institui a filiação na historicidade discursiva e investe no espaço institucional.

Embora o discurso constituinte possua uma legitimação intradiscursiva, é a *posteriori* que ele será considerado (e, portanto, construído) como constituinte. Complementando, o enunciador constitui o seu discurso, mas é a comunidade discursiva que o legitima a fazer isso. É a análise dos fatos que irá constituir o discurso fundador. São referências básicas no imaginário constitutivo. Como eles se estabilizam como referências é a tarefa do analista de discurso compreender.

O livro *A interpretação dos sonhos*, de Freud (1987d), é considerado o mais importante dos seus trabalhos, e também, a obra que funda a psicanálise. Causou muita

apreensão por parte de Freud a sua publicação, em parte pelo fato de a maioria dos sonhos apresentados no trabalho serem seus, o que o expunha pessoalmente aos leitores.

Mas, se quisesse relatar meus próprios sonhos, a conseqüência inevitável é que eu teria de revelar ao público maior número de aspectos íntimos de minha vida mental do que gostaria, ou do que é normalmente necessário para qualquer escritor que seja um homem de ciência e não um poeta. Tal foi a penosa mas inevitável exigência, e me submeti a ela para não abandonar por completo a possibilidade de fornecer a comprovação de minhas descobertas psicológicas. (p. 29)

A reação da comunidade científica foi a da mais completa indiferença. Após seis anos da publicação, foram vendidos 351 exemplares. No segundo prefácio do livro, após dez anos de publicação, Freud (1987d) faz uma crítica a esta recepção.

Se, no intervalo de dez anos desde a publicação deste livro (que está muito longe de constituir fácil leitura), uma segunda edição se faz necessária, isso não se deve ao interesse nele demonstrado pelos círculos profissionais a que se dirigiu meu prefácio original. Meus colegas psiquiatras parecem não se ter dado nenhum trabalho de superar o espanto inicial criado por minha nova abordagem dos sonhos... A atitude adotada pelos críticos nos periódicos científicos só poderia levar a supor que minha obra estava condenada a mergulhar em completo silêncio; enquanto o pequeno grupo de bravos partidários que praticam a psicanálise médica sob minha orientação, seguem meu exemplo na interpretação dos sonhos e utilizam suas interpretações no tratamento de neuróticos, jamais teria esgotado a primeira edição do livro. Assim é que me sinto grato a um círculo mais amplo de meus leitores cultos e de espírito curioso, cujo interesse levou-me a retomar, após nove anos, esta obra difícil, porém, sob muitos aspectos, fundamental.(p.31).

Após vinte e dois anos da primeira edição, havia oito edições em alemão. Em 1931, no prefácio à terceira edição inglesa, agradece a Brill pela tradução de alguns trabalhos, incluindo o livro dos sonhos. Suas idéias já eram reconhecidas em quase todo o mundo ocidental, e agora ele escreve (FREUD, 1987d):

Sua primeira tradução de A Interpretação dos Sonhos surgiu em 1913. Desde então, muitos acontecimentos se verificaram no mundo e houve muitas modificações em nossos pontos de vista sobre as neuroses. Este livro, com a nova contribuição à psicologia que surpreendeu o mundo quando de sua publicação (1900), permanece essencialmente inalterado. Contém, mesmo de acordo com meu julgamento atual, a mais valiosa de todas as descobertas que tive a felicidade de fazer. Um discernimento claro como esse só acontece uma vez na vida. (p.38).

Furlanetto (2004) tece uma série de considerações a propósito de categorias discursivas que envolvem o discurso constituinte, o discurso fundador e a autoria. Parte das

considerações de Foucault e Maingueneau sobre o tema, tendo o cuidado de pontuar que o primeiro autor parte da autoria para tratar dos “fundadores de discursividade”, enquanto que Maingueneau tem como foco de estudo a discursividade. Furlanetto escreve:

Nesse conjunto de observações, pode-se refletir, em primeiro lugar, sobre a seguinte diversidade: *autor fundador de discursividade, discurso constituinte, discurso fundador, texto fundador*. Assim, é possível inferir que Freud é autor fundador de discursividade (conforme Foucault), que o discurso da psicanálise é um discurso constituinte e simultaneamente fundador, e que *A interpretação dos sonhos* é um texto fundador (como unidade no conjunto da obra).<sup>6</sup>

Num discurso que assumiu o estatuto de se tornar fundador, é como se as idéias/palavras adquirissem sentido naquele momento. Os sentidos, como já é sabido, não têm origem definida, eles são fruto de deslocamentos/deslizamentos. Portanto, o sentido que aparece como fundador sofreu deslocamentos. Ele é transferido de um lugar para outro, num efeito conhecido como metáfora. A metáfora encerra transformações sofridas no tempo (interdiscurso) e no espaço (intradiscurso), ocorridas pelos deslocamentos de significação das palavras. O efeito metafórico é, pois, um processo constitutivo da construção de sentidos. Estudar o discurso fundador passa por analisar a relação interdiscursiva que esse dizer teve, com os efeitos metafóricos que sofreu a partir dos deslizamentos de sentido, para fundarem uma nova discursividade.

Através da ilusão referencial se tem a crença de que existe uma correspondência entre linguagem/pensamento/mundo. Pode-se articular que no discurso fundador há um novo deslizamento de sentidos. Esses sentidos que emergem na enunciação da língua dão conta de um novo pensamento para criar uma outra representação de mundo. Pelo trabalho simbólico do discurso, emerge uma nova linguagem para fazer a mediação entre o homem e a realidade. A estrutura da organização dos sentidos que gerarão uma nova significação discursiva é um

trabalho ideológico. No discurso fundador “as práticas sócio-históricas são regidas pelo imaginário, que é político” (ORLANDI, 2001, p. 7).

A trama dessa estrutura é tecida num jogo de forças para que os sentidos tragam a sua significação de outros dizeres. No discurso fundador é mudada a posição das formações discursivas, sendo possível que do mesmo (paráfrase) seja gerado um sentido diferente (polissemia). Freud parece ter consciência destes deslizamentos de sentidos dos discursos já proferidos. Apresenta-se um trecho de uma carta que escreve a Putnam seu tradutor, onde lhe fala para não se preocupar demais com o nome que dará, na tradução, aos conceitos, pois “[...] vamos abrindo nosso caminho para o progresso científico enchendo garrafas velhas com vinho novo” (Hale, *apud* ORNSTON, 1999, p. 26).

Antes que o novo sentido possa ser construído, há o sem-sentido. Como significar o sem-sentido? É na dimensão do acontecimento, conceito apresentado anteriormente<sup>7</sup>, que melhor se pode estudar o sem-sentido. O acontecimento, de acordo com Foucault (1993a), caracteriza a fenda que se abre no discurso, como quebra da linearidade e da previsibilidade do sentido do discurso. Essa fenda joga o sujeito do discurso numa gama de possibilidades de significância. O autor diz que o estatuto do acontecimento não faz parte das relações sucessivas de causalidade ou simultaneidade. Não se trata dessa lógica da consciência. O instante desconcerta o sujeito homogêneo e Foucault traz também “O acaso como categoria na produção do acontecimento” (p. 20). O acontecimento traz a quebra dos sentidos, o sem-sentido, como o instante do caos para que a partir daí possam emergir novas ligações de sentido.

---

<sup>6</sup> Versão reduzida do texto, cujo título é *Função-autor e interpretação – uma polêmica revisitada*, foi publicada nos Anais do Seminário Internacional Foucault – perspectivas; edição e produção do CD-ROM Clicdata Multimídia Ltda., Florianópolis, 2004.

<sup>7</sup> O acontecimento é referido, juntamente com o acaso, como instantes em que é rompido o controle interno do discurso.



Mahony (1990), analisando o estilo da escrita freudiana, diz que a estrutura fragmentária com que escreve se aproxima do caráter incognoscível do inconsciente. Chama atenção, também, ao uso dos tempos verbais empregados por Freud quando escreve sobre os casos clínicos. Mesmo que as cenas tenham ocorrido em tempos diversos, ele utiliza sempre o tempo presente. Desta forma, recria a atemporalidade do inconsciente, onde tudo está em constante acontecimento. É um recurso pelo qual o leitor fica participando da cena. Freud, igualmente, utiliza a linguagem evocativa, segue um fluxo de associações e vai abrindo novas categorias para discussão, sendo que sem sempre volta a todas as categorias abertas. O seu texto assemelha-se à livre associação que solicita que seus pacientes façam, para que neste fluxo de pensamentos apareçam elementos inconscientes. É um estilo de linguagem que abre possibilidades para emergência do acaso e do acontecimento no discurso.

Ao ser proferido, o discurso apresenta um cerimonial convencionalmente construído por uma comunidade discursiva. Quanto mais instaurado em um lugar de poder estiver o enunciador, mais cuidado ele terá com a sua fala. Porém o interessante é o cerceamento que este mesmo enunciador experimenta da sociedade que lhe outorga o poder. Sobre isto Foucault (1993a) comenta:

E a instituição responde: “Você não tem por que temer começar; estamos todo aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém”.(p.7)

O próprio autor complementa que o discurso não é somente o cerceador do poder e do desejo, ele também é – e, digo eu, é ao mesmo tempo – o objeto do desejo. Pelo discurso o sujeito se enuncia e anuncia. O autor fundador de uma discursividade se anuncia com uma originalidade no seu dizer. Esta originalidade é recebida com estranheza pela comunidade discursiva. Trata-se do *Das Unheimliche* que Freud (1987r) refere como o efeito que o estranho causa por ser um familiar, que estava “esquecido” pelo recalçamento, e que agora

retorna. No tema da sexualidade podemos compreender, por um lado, esta estranheza como se fosse Freud que tivesse introduzido a sexualidade na vida das pessoas ou como se fosse ele quem iniciasse a falar do tema.

Birman (2000), em uma obra que faz conexões entre o pensamento de Foucault e a psicanálise, mostra, a partir do livro de Foucault *A vontade de saber* – que é parte de *A história da sexualidade* –, que não foi da psicanálise a responsabilidade por se falar tanto de sexo, como ocorreu ao longo do século XIX. A chamada “repressão vitoriana” já era fruto das práticas sexuais realizadas na época.

Não obstante isso, Freud inova ao tratar sobre o tema da sexualidade infantil, este sim um tema tabu para a época. Na obra chamada *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, editado em 1905, no capítulo que se intitula *A sexualidade infantil*, ele diz:

Ao que eu sei, nem um autor reconheceu claramente a existência regular de um instinto sexual na infância; e, nos escritos que se tornaram tão numerosos sobre o desenvolvimento das crianças, o capítulo sobre “Desenvolvimento sexual” é, via de regra, omitido. (FREUD, 1987e, p. 177-8)

Após este trecho, escreve, em uma nota de rodapé, que realizou uma revisão bibliográfica sobre o tema e confirma não haver autores que tivessem escrito sobre o tema da sexualidade na infância. Freud recorre a outros textos (intertextualidade) para mostrar a originalidade do seu discurso. Em outras situações, também utiliza o intertexto para mostrar, com ironia, espanto pela reação dos seus interlocutores, quando um trabalho seu é criticado e já foi tratado por outro autor, como, por exemplo, neste trecho do prefácio à quarta edição do já citado *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*:

Certas pessoas chegaram ao extremo, em sua busca de termos pomposos e de fácil aceitação, de mencionar o ‘pan-sexualismo’ da psicanálise e de acusá-la levemente de ‘tudo’ explicar pelo sexo. Isto poderia nos espantar se nos fosse possível esquecer como os fatores emocionais tornam as pessoas confusas e esquecidas. Pois já faz muito tempo que Arthur Schopenhauer, o filósofo, mostrou à humanidade o quanto suas atividades são determinadas pelos impulsos sexuais, no sentido comum da expressão. (p. 134)

Chama a atenção que Freud utiliza argumentos ora invocando o original do seu dizer, ora referenciando o que já fora dito anteriormente. Trata-se da relação que já foi discutida anteriormente entre o extradiscurso e o intradiscurso. Pode-se dizer que esta relação legitima o discurso. O que está em questão é que suas idéias sejam aceitas pela comunidade discursiva, ou seja, o meio científico.

Orlandi, ao tecer considerações sobre o processo de surgimento do discurso fundador, diz que este aproveita os “retalhos” da estrutura anterior que organizava os sentidos para fazer emergir novos sentidos. O discurso fundador institui uma ruptura com os sentidos já estabelecidos, dá um re-significado ao já instaurado e forma uma nova memória discursiva. Assim diz Orlandi (2001a): “O sentido anterior é desautorizado. Instala-se outra ‘tradição’ de sentidos que produz outros sentidos nesse lugar. Instala-se uma nova ‘filiação’.” (p. 13).

O discurso fundador trabalha com as filiações a partir de um acontecimento discursivo, fazendo um movimento de vaivém na produção de sentidos. Cria um novo sentido, alicerçando-se na memória estabelecida, criando o efeito de familiar e evidente ao novo discurso. Para P. Henry (*apud* ORLANDI, 2001a, p. 14), “São os fatos que reclamam sentido, daí a historicidade”. Freud (1987k) costumava repetir uma expressão ouvida nas aulas de Charcot, que dizia “[...] olhar as mesmas coisas repetidas vezes até que elas comecem a falar por si mesmas”. (p. 33). A citação expressa a mesma idéia de Henry e Orlandi: no discurso, o que está em foco é a produção de sentidos e não a materialidade dos fatos, embora os fatos sejam imprescindíveis para a criação dos sentidos.

Orlandi fala sobre a construção da realidade na história de um povo, articulando os fatos da realidade com o sem-sentido, a fantasia com a imaginação e a ideologia com o imaginário. Considera que, para o discurso fundador, não há ainda uma separação desses três registros. Os fatos ainda sem-sentido precisam de um trabalho de significação para fazer parte do imaginário de uma comunidade discursiva. A autora diz que “Freud, Marx e Saussure” são

fundadores de discurso, e não apenas autores. Ela trabalha com a noção de função-autor (cf. FOUCAULT, 1997), que destaca o autor como um sujeito que representa a unidade, a coerência e a responsabilidade no seu dizer. É o que usualmente se considera como autor de um texto.

Pela relevância do tema tratado por Michel Foucault (1997) no seu trabalho *O que é um autor*, no que concerne aos objetivos desta dissertação, recorro alguns pontos para comentários. O enfoque dado ao estudo sobre a autoria se dirige a compreender as regras criadas pelos autores que possibilitam a estes criarem suas teorias.

Há um entrelaçamento entre autor-obra-escrita sobre o qual Foucault tece suas considerações. A escrita, como registro histórico, está submetida às leis do esquecimento e da repressão. O autor comenta que se pode ligar o esquecimento e a repressão a um princípio religioso de haver um sentido oculto a interpretar, e outro princípio crítico dos sentidos obscuros e implícitos, na necessidade do comentário. A escrita é transgressora das normas e restrições a que ela está submetida. Pode-se dizer que ganha uma vida própria ao nascer, enquanto que o sujeito da escrita está sempre a desaparecer.

Há uma ligação da escrita com a imortalidade, e a escrita, por sua vez, apaga o sujeito que a escreve. Ao escrever, o escritor trata de retirar do texto as marcas da sua individualidade. Existe uma série de regras gramaticais que retiram a personalidade do escritor no texto. Há um apagamento do autor na escrita, ao mesmo tempo em que há um espaço de “sobrevivência transcendental” através da escrita. O nome do autor, para Foucault, não é empregado no sentido cotidiano do nome próprio de um indivíduo. Para a escrita estar ligada ao nome de um autor, este autor terá que ter inaugurado um estatuto na ordem do discurso onde ele circula. Há marcas no discurso que identificam que “isso” foi escrito por “aquele” autor.

Para designar este estatuto na discursividade, Foucault vai chamar de “função-autor” a um modo de existir, circular e funcionar do discurso em uma cultura. Há quatro características ligadas a esta função.

A primeira delas faz referência ao fato de que os textos, historicamente, passaram a ter autoria quando sua escrita começou a ser transgressora de valores morais e os autores tornaram-se passíveis de punição. O direito à propriedade autoral, primeiramente, tem um sentido penal para depois ter um sentido de patrimônio. Como segunda característica, o exercício da função-autor não ocorre uniformemente em todas as formas discursivas. Os textos literários e científicos são valorizados de formas diferentes pelas diferentes culturas e dependendo da época. Assim, na Antigüidade os textos literários eram anônimos, já na Idade Média, os textos científicos recebiam o anonimato, enquanto que os literários eram identificados à autoria. Como terceira característica, a função-autor não se origina espontaneamente, ela é fruto de um estatuto de racionalidade, coerência e responsabilidade no seu dizer. O autor tem a função de criar uma unidade na sua obra. Mesmo que sua obra passe por fases diferentes, ela cria uma coerência quando analisada no conjunto. Como quarta característica, tem-se que a função-autor não é ocupada por um único “eu” que possa ser definido como escritor. O autor de uma obra comporta vários “eus” de acordo com o sentido do seu discurso. Em Freud pode-se observar estes vários “eus”, por exemplo, quando ele argumenta com seus interlocutores, quando desenvolve a sua teoria ou quando analisa a teoria a partir de um caso clínico.

Foucault vai distinguir entre os autores aqueles que podem ser chamados de “fundadores de discursividade”. São autores que instauram, através da sua obra, a possibilidade da produção de outros textos. Eles são os pontos ou eixos de referência através dos quais outros discursos vão gravitar – não importa se para afirmá-los ou negá-los, mas sempre os referenciando.

Foucault, continuando a referência ao trabalho *O que é um autor*, considera Freud e Marx como os primeiros e mais importantes autores fundadores de discursividade: “[...] eles estabeleceram uma possibilidade indefinida de discursos” (p. 58). Com referência a Freud, o autor diz que os textos freudianos abrem um leque de possibilidades para que outros discursos se criem e se diferenciem do texto freudiano. Por exemplo, Melanie Klein e Jacques Lacan são autores que criam duas novas correntes teóricas dentro da psicanálise.

Foucault desenha as diferenças de trajetória entre a fundação de uma ciência e a fundação da discursividade. Na ciência, as transformações ou mudanças que dela derivam estão no mesmo plano do ato da sua fundação. O “progresso” da ciência pode-se dizer, ocorre em avançar com autonomia em relação às proposições anteriores. Não há necessidade de retornar às origens para “beber na fonte” do criador, porque são os experimentos e observações em foco que vão atrair a atenção do pesquisador.

Nos instauradores de discursividade, por sua vez, cria-se uma rede de filiações: os fundadores re-significam os discursos anteriores e possibilitam a criação de novos. Contudo, ao contrário da ciência, nos instauradores os discursos posteriores não se desligam da fonte. Criam a exigência do retorno às origens, pois saberes como a psicanálise criam um tempo ou núcleo onde as possibilidades de significância são ilimitadas. Em suma, pode-se sintetizar dizendo que os instauradores de discursividade demarcam um excesso, estabelecendo a necessidade de uma cadeia de significantes para emergir novos sentidos, sem, contudo, perder a relação com o sentido primeiro.

A exigência do retorno às origens, segundo a compreensão de Foucault, se restringe unicamente aos fundadores de discursividade. Ou, melhor dito, o retorno é um movimento que caracteriza essas instaurações e ocorre no interior da discursividade. Como se trata de um excesso/ausência de significância, a palavra do fundador não dá conta de explicar todos os sentidos. Há sempre a necessidade de novas leituras, e nestas releituras descobre-se

um sentido que parecia estar sempre lá, mas, ao mesmo tempo, não estava. A ausência é o lugar primeiro onde se instala o discurso.

Neste contexto pode-se entender a proliferação de textos psicanalíticos: ao mesmo tempo em que trazem diferenças, também retornam ao que o fundador disse. Dificilmente se encontram textos psicanalíticos que não façam referência a Freud, concordando com ou discordando de suas proposições. Os comentários procuram dar conta do excesso de significância que o texto freudiano expressa. Há sempre um enunciado passível de ser exposto. Os conceitos emitidos por Freud como: castração, inconsciente, pulsão de morte, necessitam de diversas interpretações, como forma de significação do que já estava no seu lugar. É pela limitação da língua que os excessos de sentido do discurso não podem ser expressos de uma única vez. A famosa frase “Freud explica” também pode ser entendida como um constante retorno a Freud. É como se estivesse sendo dito: “tudo já foi explicado por ele”. Não deixa de ser um retorno à memória do seu discurso na cultura, ao mesmo tempo em que Freud não está envolvido com aquela situação específica e a sua ausência possibilita que novos comentários surjam para explicar tal situação.

Para complementar este aspecto do excesso de significância, faz-se referência ao “princípio de rarefação” de Foucault (2004). Ele parte do pressuposto de que nem tudo é dito no domínio da língua. Há um sentido explícito e outros tantos implícitos que não são expressos, mas que estão esperando uma significação. O princípio da rarefação evidencia que o sistema lingüístico não dá conta de toda a complexidade dos sentidos, enquanto que, no campo discursivo, os sentidos transbordam. Daí se dizer que a língua não é transparente. A interpretação surge a partir dessa lacuna e limitação enunciativa, pois pela interpretação é possível abrir várias possibilidades de significação dos enunciados.

Segundo a contribuição de Orlandi (1996), interpretar é nomear um sentido dos muitos possíveis. Conforme entendo, é através da interpretação que o sujeito fixa o seu nome

na história, dando um sentido para a sua exterioridade<sup>8</sup>. A multiplicidade de sentidos cria o equívoco e a partir daí, aparece a necessidade da interpretação; a esse processo Orlandi chama: ideologia. A autora considera tal processo inconsciente, porque ele denuncia a falha e a incompletude da linguagem, evidenciando a ordem da língua como algo que ultrapassa a organização pautada na regra e sistematização. Pêcheux (2002), conforme dito anteriormente, considera que pelas determinações inconscientes é possível, ao sujeito, fazer deslocamentos de sentidos e instituir o novo ao já dito do discurso.

Pode-se compreender que os fundadores de discurso rompem com os sentidos tradicionalmente usados e com a filiação de memória. Há uma relação conflituosa que se estabelece entre os discursos já constituídos. Daí resultam deslocamentos de um sentido já constituído para outros lugares onde está se construindo uma formação ideológica diferente. O discurso fundador instaura, deste modo, as condições para formação de outros discursos, institui um novo complexo de formações discursivas. Será um discurso que fará memória; através do esquecimento número 1, conforme PÊCHEUX (apud ORLANDI, 2001a), os sujeitos se identificam com ele e se constituirão através desses processos. Há uma reestruturação na organização dos sentidos, tratando-se, pois, de uma mudança ideológica na ordem da significação. Entendo que é possível fazer a seguinte relação: (na psicanálise) o inconsciente está para o sujeito, assim como (na AD) a ideologia está para o registro histórico do sujeito, no sentido em que o inconsciente e a ideologia estão ocultos no discurso, porém produzindo efeitos nos sentidos.

---

<sup>8</sup> Exterioridade entendida como “exterioridade discursiva”. Orlandi (1996) diz: “é no discurso que o homem



### 3 FREUD E A JUDEIDADE

A proposta neste capítulo é, a partir de recortes no texto freudiano, analisar em que medida ser judeu influenciou Freud na fundação da psicanálise. Isto não significa psicanalisar Freud, nem judeizar a psicanálise. Para fugir deste senso comum, em que muitos trabalhos caem quando se propõem a fazer uma relação entre a psicanálise e outro tema, seguirei as marcas deixadas por Freud nos seus escritos, e, utilizando o método de trabalho da AD, partirei da superfície lingüística do texto para transformá-lo em um objeto discursivo.

Sobre isso, com muita propriedade Fuks (2000) diz: “Só uma leitura à letra dos escritos freudianos – vale dizer, acompanhar passo a passo a letra de Freud, agenciar os vazios do seu texto – permitirá sair do nível da opinião e da psicologização” (p. 60).

Mezan (1987, p. 14) faz um assinalamento que considero oportuno, quando diz que falar da história do povo judeu é falar dessa história dentro da história mundial, e não em um contexto isolado. Uma das características mais marcantes da história do povo judeu é o seu caráter de um povo sem pátria. Isso implica, entre outras coisas, considerar que os judeus espalhados nos quatro cantos do mundo possuem uma história que está fortemente influenciada pelo contexto social, cultural e econômico dos países onde moram e onde nasceram.

O mundo na época pré-capitalista, segundo a síntese realizada por Mezan (1987), consistia em classes estratificadas (como a nobreza, o campesinato, a burguesia) onde a

---

produz a realidade com a qual ele está em relação”. (p.39).

mudança de classes sociais raramente ocorria. Um nobre, mesmo falido, não deixava de ser um nobre. Os povos podiam conviver no mesmo país, porém conservavam suas crenças, seus idiomas e seus costumes; assim conviviam povos das religiões cristã, judaica, muçulmana. Os costumes culturais não apresentavam, portanto, hegemonia.

Os judeus se dedicavam ao comércio e isso só foi modificado a partir da gradual substituição do sistema econômico pelo capitalismo. O novo sistema precisava, e ainda precisa, que as economias de mercado fossem unificadas, que as diferenças que antes caracterizavam os povos fossem atenuadas – pois o sistema econômico que surge precisa que a produção e consumo de bens e serviços sejam comuns a um número maior de pessoas nos diversos continentes. Os aspectos econômicos do capitalismo foram acrescidos aos aspectos sociopolíticos da Revolução francesa com os seus ideais de igualdade, liberdade e fraternidade.

Quando Freud nasceu (1856) no Império Austro-Húngaro, no final do século XIX, a transição entre o sistema feudal e as novas mudanças para o sistema capitalista estavam em franco desenvolvimento. Nesta época foi concedida a cidadania a todos os povos dos Estados europeus. Isso implicava o gozo de direitos civis e políticos, como o direito ao voto, ao ingresso em escolas públicas, ao acesso às Universidades, à prática de profissões liberais, entre outros. Houve uma mudança, a partir da concessão da cidadania aos povos; ocorreu uma ênfase no direito individual e um apagamento progressivo das diferenças dos grupos étnicos e sociais. Contudo, essas modificações se processaram gradualmente, e os judeus na Viena de Freud eram passíveis de várias formas de discriminação.

Assim, o contexto histórico e cultural em que Freud viveu no final do século XIX em Viena foi marcadamente influenciado pela sua condição de judeu. Condição esta que traz marcas na sua geração, na dos seus pais e dos seus avós. É de Freud este comentário que faz em 1925 em *Um estudo autobiográfico* (1987w, p. 18).

Meus pais eram judeus e eu próprio continuei judeu. Tenho razões para crer que a família de meu pai residiu por muito tempo no Reno (em Colônia), que ela, como resultado de uma perseguição aos judeus durante o século XIV ou XV, fugiu para o leste, e que, no curso do século XIX, migrou de volta da Lituânia, passando pela Galícia, até a Áustria alemã.

O primeiro êxodo na vida de Freud, como comenta Fuks (2000, p. 18), foi quando, juntamente com os pais e irmãos, saiu de sua cidade natal Freiberg e foi para Viena, no bairro judeu de Leopoldstort. A característica desse bairro era, na época, abrigar os judeus do Império Austro-Húngaro que chegavam a Viena, a capital da modernidade.

Os pais de Freud faziam parte da população “Ostjuden”, constituída de judeus orientais ortodoxos que se comunicavam através do iídiche. Os Ostjudem, além de conservadores, eram marginalizados pelos próprios judeus de fala alemã, por serem de condição sócio-econômica inferior. A família Freud morava na parte mais miserável do bairro, e lá permaneceu até Freud completar a idade de 19 anos. Jakob Freud, o pai de Sigmund, era comerciante e passava por péssimas condições em seu negócio.

Não há relatos quanto à data nem os motivos que fizeram os pais de Freud abandonarem os hábitos de judeus ortodoxos. Contudo, Jakob Freud sempre conservou a Bíblia hebraica – Tanakh. Quando os filhos eram crianças, o pai lia a história do povo judeu a eles. No ginásio Freud estudava o Tanakh e tinha lições de hebraico. Sobre a influência que teve para si a leitura da Bíblia, Freud comenta (1925 p. 18): “Meu profundo interesse pela história da Bíblia (quase logo depois de ter aprendido a arte da leitura) teve, conforme reconheci muito mais tarde, efeito duradouro sobre a orientação do meu interesse”.

Amalie Freud, sua mãe, preparava as comidas típicas nas datas especiais judaicas e falava com os filhos somente em iídiche. Freud foi colecionador de chistes judaicos, na sua maioria falados em iídiche. Muitos deles utilizou no seu trabalho *Os chistes e sus relação com o inconsciente*, (1976a [1905]). Os chistes foram considerados por Freud como a mais social das produções psíquicas humanas.

Em 1867, os judeus que viviam na Áustria obtiveram a igualdade dos direitos civis. Por influência dos ideais iluministas de igualdade e pelo liberalismo político europeu, os judeus foram saindo dos guetos e participando mais da vida social, política, cultural e científica do continente europeu. Essas conquistas não foram, de forma alguma, feitas sem resistências e preconceitos da sociedade. Os judeus continuavam a passar por várias situações de discriminação e a serem considerados eternos estrangeiros, mesmo quando nascidos em solo europeu.

Sander Gilman, citado por Fuks (2000, p. 23), traz contribuições no sentido de mostrar que a ciência do final do século XIX considerava os judeus como uma raça inferior e degenerada quanto às condições de sanidade mental e sexual, e com predisposição a doenças como o câncer e a sífilis. Por serem circuncidados e, portanto, diferentes, a circuncisão provocava um horror semelhante ao horror da castração nas mulheres. Os homens judeus eram comparados, em termos de inferioridade, às mulheres.

No entanto, mesmo com essas adversidades político-sociais, os judeus de língua alemã constituíram, antes da Segunda Guerra Mundial, “uma nova categoria social: a intelectualidade judaica”, segundo refere Michael Lewy (citado por FUKS, 2000, p. 24). A autora analisa alguns fatores que, no seu entender, propiciaram que a intelectualidade judaica florescesse, naquela época, na Europa Central. Entre os mais citados por estudiosos do assunto, está a familiaridade da cultura judaica com a transmissão cultural e religiosa advinda da leitura dos Livros Sagrados. Aparece a primazia da transmissão escrita sobre a transmissão oral da cultura e dos valores.

Outro fator considerado é que as famílias judias dedicavam-se a atividades ligadas ao comércio e à vida das cidades como forma de subsistência – diferentemente da tradição cristã de trabalhar a terra na zona rural. Pelo desejo de pertencimento e ascensão social, os pais judeus tratavam de proporcionar aos filhos condições de ingresso nas universidades e em

ofícios especializados. Os judeus europeus se constituíram em uma classe intelectualizada e responsável por expressivos lugares nas universidades, e também ocuparam espaços sociais como comerciantes e profissionais liberais. Não obstante os progressos conquistados continuavam as medidas discriminatórias que os judeus sentiam na pele. Sobre isso, Freud (1987w) comenta:

Quando, em 1873, ingressei na universidade, experimentei desapontamentos consideráveis. Antes de tudo, verifiquei que se esperava que eu me sentisse inferior e estranho porque era judeu. Recusei-me de maneira absoluta a fazer a primeira dessas coisas. Jamais fui capaz de compreender por que devo sentir-me envergonhado da minha ascendência ou, como as pessoas começavam a dizer, da minha 'raça'. Suportei, sem grande pesar, minha não aceitação na comunidade, pois parecia-me que apesar dessa exclusão, um dinâmico companheiro de trabalho não poderia deixar de encontrar algum recanto no meio da humanidade. Essas primeiras impressões na universidade, contudo, tiveram uma conseqüência que depois viria a ser importante, porquanto numa idade prematura familiarizei-me com o destino de estar na Oposição e de ser posto sob o anátema da 'maioria compacta'. Estavam assim lançados os fundamentos para um certo grau de independência de julgamento. (p.19)

A condição de ser judeu coloca Freud, segundo as postulações da AD, numa determinada posição de formulação e historicidade do seu discurso segundo a memória discursiva que o constitui. Há marcas da sua judeidade tanto no intradiscurso, ou seja, na formulação do seu dizer, nas condições atuais que afetam o seu estar no mundo, como em relação à sua forma de inscrição no interdiscurso, isto é, a sua memória constitutiva. Desta maneira, Freud “reflete” o interdiscurso, ao contar sobre a condição de exílio dos seus antepassados, e formula no intradiscurso, quando fala do lugar que lhe é destinado a ocupar na Universidade e na sociedade pela sua condição de judeu.

É contra essa posição discursiva pré-determinada socialmente e historicamente que Freud quer lutar, para não ocupá-la. Ele se opõe a ocupar essa posição de inferioridade na formação imaginária; em contrapartida, utiliza a posição de “ser diferente” para anunciar uma autonomia de pensamento por não fazer parte de uma “maioria compacta”.

Pêcheux (1997) concebe que há questões implícitas ao enunciador quando formula o seu discurso que diz respeito ao lugar que atribui a si e ao outro no tocante às

formações imaginárias. No momento utilizar-se-ão as seguintes expressões formuladas pelo autor: “Quem sou eu para lhe falar assim?” E “Quem é ele para que eu lhe fale assim?”.

Quem Freud pensa que é para falar assim? Segundo os recortes das citações apresentadas do estudo autobiográfico, Freud responde: alguém que continua judeu e provém de uma família do lado paterno que fugiu da perseguição aos judeus. Teve desapontamentos ao ingressar na Universidade. Resiste a sentir-se inferior. Suporta, sem grande pesar, não ser aceito na comunidade acadêmica. Foi familiarizado numa idade prematura com o destino de estar na oposição. Possui certa independência de julgamento.

Quem são os seus leitores para que Freud fale assim? Segundo os mesmos recorte das citações, Freud diz: eles fazem parte do grupo que perseguiram a sua família por ser judia. Esperam que ele (Freud) se sinta inferior e estranho por ser judeu. Consideram que ser judeu é uma raça para se envergonhar. Expulsaram-no de fazer parte do grupo da maioria, portanto, ele faz parte de uma minoria.

Nesta posição discursiva que Freud ocupa, seu discurso é produzido em uma acirrada relação de força com seus interlocutores, que estão numa posição de maioria e o vêem numa condição de inferioridade e exclusão. Tem-se nesta época nomes como Albert Einstein, Franz Kafka e Sigmund Freud, que despontavam nas suas áreas como judeus alemães, e também sofriam uma série de medidas restritivas em serem aceitos como cidadãos com seus direitos assegurados. Como exemplo, uma regra na Áustria limitava a 2% o total de professores judeus nas universidades. O próprio Freud teve negado seu acesso para lecionar na Universidade de Viena.

O fundador da psicanálise sofreu, ao longo de sua vida, uma série de discriminações por ser judeu. Comentava que após a formação do grupo de Zurique, que tinha em Jung seu principal expoente, era capaz de atrair mais colaboradores através de Jung, mesmo que geograficamente estivessem mais perto de Viena do que da Suíça. Freud entendia

que Viena era alvo de preconceitos por parte das outras nações da Europa ocidental. Estava entre os motivos Viena ser um dos países da Europa com maior número de judeus.

É possível fazer uma analogia entre os exílios que o povo judeu teve que enfrentar ao longo da história e o exílio que Freud também teve que passar pela reação da comunidade científica sobre a psicanálise. Fuks faz referência ao comentário de Derrida no seu livro *Mal d'archive*, de que as idéias de Freud foram recebidas pelo mundo intelectual e político de Viena como uma “ciência judaica”. O próprio Freud, no seu trabalho *A história do movimento psicanalítico* (1987k [1914] p. 52), diz: “[...] me acusarem de ser vienense é apenas um substituto eufemístico de outra acusação que ninguém ousa fazer abertamente”, ou seja, sua condição de judeu.

Em outro trabalho, intitulado *As resistências à psicanálise*, Freud (1987v [1925]) comenta a inevitável associação que há entre ele ser judeu e ser criador da psicanálise.

Finalmente, com toda reserva, pode-se levantar a questão de não ter sido possível que a personalidade do presente autor como um judeu, que jamais procurou disfarçar o fato de ser judeu, concorresse em provocar a antipatia de seu meio ambiente para com a psicanálise. Um argumento dessa espécie amiúde não se enuncia em voz alta; infelizmente, tornamo-nos tão desconfiados que não podemos deixar de pensar que esse fator pode não ter estado inteiramente sem efeito. Talvez sequer seja inteiramente um item do acaso que o primeiro advogado da psicanálise fosse um judeu. Professar crença nessa nova teoria exigia determinado grau de aptidão a aceitar uma situação de oposição solitária — situação com a qual ninguém está mais familiarizado do que um judeu. (p. 275)

Freud faz referências a toda sorte de críticas que sofreu por ter criado a psicanálise e considera que ser judeu contribuiu para aumentar a oposição sobre suas idéias. O discurso psicanalítico é ouvido desde um lugar de exclusão, perseguição e inferioridade. A condição de fundador trouxe-lhe, além das críticas da comunidade científica, o isolamento. São de Freud as palavras (1987k [1914], p. 22): “[...] formou-se rapidamente um vácuo em torno de mim”.

Freud compreendia que sua condição de judeu o dotava de maior familiaridade com a exclusão, com o fato de ser parte de uma minoria. O criador da psicanálise esteve muitas vezes sitiado com suas idéias – tendo que provar que não era pervertido quando falava

da sexualidade infantil, da teoria da sedução, da sexualidade na etiologia das neuroses. Após a comunicação das suas descobertas em uma reunião da Sociedade de Psiquiatria e Neurologia de Viena, Freud (1987k) comenta:

Considerava minhas descobertas contribuições normais à ciência e esperava que fossem recebidas com esse mesmo espírito. Mas o silêncio provocado pelas minhas comunicações, o vazio que se formou em torno de mim, as insinuações que me foram dirigidas, pouco a pouco me fizeram compreender que as afirmações sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses não podem contar com o mesmo tipo de tratamento dado ao comum das comunicações. (p. 32)

Estar na solidão pelas suas idéias, sem fazer concessões conceituais para ser aceito pela comunidade científica, é algo que é comum ao povo judeu e é algo que é comum na prática do psicanalista e para quem quer ser fundador de um novo discurso. Neste sentido Freud se compara a Robinson Crusóe na solidão da sua ilha deserta: o reconhecimento chegaria após sua morte.

Em 1895, Freud ingressa na Sociedade B'nai B'rit (Filhos da Aliança), uma sociedade judaica em Viena, com finalidade filantrópica e cultural, semelhante à maçonaria. Sua permanência nessa associação ocorreu por muitos anos; participava de reuniões quinzenais, e em várias delas proferia conferências aos associados.

Na ocasião do seu 70º aniversário, Freud enviou uma mensagem de agradecimento para ser lida na reunião em que foi comemorada a data. Pela relevância da carta e sua relação com o texto estudado, vou transcrevê-la quase na íntegra. (FREUD, 1987y [1926], p. 315-317).

[...] Gostaria de dizer-vos em breves palavras como me tornei um dos vossos e o que procurei de vós. Aconteceu que nos anos a partir de 1895 fiquei sujeito a duas poderosas impressões que se combinaram para produzir o mesmo efeito sobre mim. Por um lado, alcançara minha primeira compreensão interna (insight) das profundezas da vida dos instintos humanos; eu vira certas coisas que eram tranquilizadoras e mesmo, de início, assustadoras. Por outro, a comunicação das minhas descobertas desagradáveis teve como resultado a ruptura da maior parte dos meus contatos humanos; senti-me como se fosse desprezado e universalmente evitado. Em minha solidão fui presa do anseio de encontrar um círculo de homens de escol de caráter elevado que



me recebesse com espírito amistoso, apesar da minha temeridade. Vossa sociedade foi-me indicada como o lugar onde tais homens deviam ser encontrados. O fato de vós serdes judeus só me poderia ser agradável, pois eu próprio sou judeu, e sempre me parecera não somente indigno como positivamente insensato negar esse fato. O que me ligava ao povo judeu não era (envergonho-me de admitir) nem a fé nem o orgulho nacional, pois sempre fui um descrente e fui educado sem nenhuma religião, embora não sem respeito pelo que se denomina de padrões 'éticos' da civilização humana. Sempre que sentia inclinação pelo entusiasmo nacional esforçava-me por suprimi-lo como sendo prejudicial e errado, alarmado pelos exemplos de advertência dos povos entre os quais nós judeus vivemos. Mas restavam muitas outras coisas que tornavam a atração do mundo judeu e dos judeus irresistível — muitas forças emocionais obscuras, que eram mais poderosas quanto menos pudessem ser expressas em palavras, bem como uma nítida consciência de identidade interna, a reserva segura de uma construção mental comum. E além disso havia uma percepção de que era somente à minha natureza judaica que eu devia duas características que se haviam tornado indispensáveis para mim no difícil curso de minha vida. Por ser judeu encontrei-me livre de muitos preconceitos que restringiam outros no uso de seu intelecto, e como Judeu estava preparado para aliar-me à Oposição e passar sem consenso à 'maioria compacta'. [...] Não posso dizer se fui um autêntico Filho da Aliança no vosso sentido da palavra. Estou quase inclinado a duvidar disso; muitas circunstâncias excepcionais surgiram no meu caso. Mas de uma coisa posso assegurar-vos — que vós muito significastes para mim e muito fizestes por mim durante os anos nos quais fiz parte de vós. Peço-vos, portanto, que aceiteis meus calorosos agradecimentos tanto por esses anos como por hoje. Vosso em W. B. & E. Sigm. Freud (p.315-317)

No primeiro parágrafo da carta, Freud situa o lugar na sociedade científica que passou a ocupar quando fala da psicanálise. A um só tempo infringe as regras estabelecidas pela comunidade médica da época. Fala sobre sexualidade e neste momento surge como uma nova força política em termos de autoridade científica. Não é só isso, também rompe com a forte oposição vigente entre razão e loucura ao falar que não há tanta diferença, como se apregoava, entre a loucura e a normalidade.

Segundo Foucault (1993a), existe uma série de medidas restritivas para controlar o discurso pela vinculação que existe entre o dizer, o desejo e o poder. Há temas que estão mais expostos a essas medidas coercitivas; o autor destaca a sexualidade, a política, o discurso louco e a hegemonia da verdade. Freud, com seu discurso, a um só tempo fala de todos os temas proibidos. Busca a verdade do Inconsciente, denunciando que a sexualidade e a loucura estão presentes na vida de fantasias de todas as pessoas. Funda a psicanálise e ameaça politicamente a hegemonia da verdade científica em áreas como a medicina, a psicologia e a filosofia.

“Ao réu a sentença”; Freud cai num isolamento tão grande que em inúmeras passagens fala até de sua vontade de desistir pelo preço que tem a pagar. O próprio autor traça um paralelo entre o seu isolamento e o do povo judeu. Mais que isso, identifica que sua condição de judeu o habilita para enfrentar tais situações. Assim, a sociedade B.B. pode ser um dos lugares para dar acolhida a Freud. Potencialmente, todos os lugares das minorias excluídas seriam um lugar; em termos de identidade, a B.B. é o seu lugar.

No segundo parágrafo Freud especifica sua identificação com o judaísmo. Apesar do seu ateísmo e de sua condição declarada de homem da ciência, ele pertence ao grupo judaico. Porém, para Freud, não é o Deus religioso que o faz pertencer a esse grupo, mas sim a ética. Que ética é essa que, segundo as declarações de Freud, particulariza o povo judeu?

Fuks (2000, p. 57) enfatiza que várias obras têm se dedicado a fazer uma analogia e uma aproximação entre a psicanálise e o judaísmo. Muitas delas enfocam o aspecto de Freud ser um ateu confesso e não seguir a religião judaica, com isso querendo minimizar a influência que a judeidade teve na condição de o fundador da psicanálise ser um judeu. Porém, é claro que Freud não era um judeu praticante, em se tratando de seguir as normas e costumes da instituição religiosa. Mas o judaísmo é também uma forma de pensamento e uma ética.

Freud, ao longo de sua obra, dá um tratamento à religião como um sistema de valores que serviram ao *eu* para fazer frente às demandas pulsionais. Em *Totem e tabu* (1987i) vai atribuir aos primórdios da religião – os tótems – a responsabilidade pelo legado da culpa que se abateu sobre a civilização humana. Porém é em *Moisés e o monoteísmo* (1975 [1939]), com o conceito de verdade histórica, que a religião vai ter outro sentido. Nesse trabalho, Freud vai discutir, após uma minuciosa análise sobre a origem de Moisés (judeu ou egípcio?), que o relevante para se entender a importância das religiões na cultura é entender sua verdade histórica, ao invés da verdade factual.

A verdade histórica encontra-se entrelaçada com a tradição. Uma verdade, quando se encontra marcada na tradição, tem valor de verdade. Fazendo uma analogia com os conceitos da AD, pode-se dizer que a historicidade do discurso encontra-se entrelaçada com a memória discursiva. A verdade do discurso emerge quando se encontra marcada pela ideologia. Assim, Freud retoma o mito de *Totem e tabu* (1987i) sobre o grande pai totêmico para compreender que a sociedade encontra uma história verdadeira em um Deus monoteísta, porque há um registro filogenético e cultural de um pai todo-poderoso, assim como na história individual de cada criança esse lugar é ocupado pela figura do pai.

A religião ganha um novo sentido para a teoria freudiana. De uma função superegóica, a serviço de conter, pela culpa, as demandas pulsionais, ganha um lugar de ilusão necessária para que o homem consiga suportar o sentimento de impotência e desamparo que a realidade impõe. No final de sua vida, Freud lamenta por não ser capaz de acreditar nessa ilusão, que torna o mal-estar da civilização mais suportável.

Fuks (2000) faz referência ao uso dos mitos na obra freudiana. A partir dos mitos gregos Édipo e Narciso, são construídos dois conceitos fundamentais na teoria psicanalítica: o complexo de Édipo e o narcisismo. Segundo a autora: “Freud rompeu com a consciência negativa da razão sobre o mito ao designá-lo como uma narrativa, de alto valor social e individual, cuja função é expressar uma verdade sobre as origens e a arquitetura do espírito humano” (p. 59).

*Totem e tabu*, pela conhecida referência lacaniana, é “o único mito da modernidade”. Freud, nesse trabalho, utiliza, a partir dos dados antropológicos, uma história mítica que fala da origem da civilização com seus processos sociais e que vai constituir-se em uma verdade histórica como o entendido em *Moisés e o monoteísmo* (1976b). Entendo que as duas obras representam dois momentos da compreensão de Freud sobre a importância da religião para a humanidade: a importância do pai da horda primitiva e a importância das leis.

A autora, ao comentar o livro *O Moisés de Freud*, de Yerushalmi, diz que a partir dessa obra é possível traçar uma relação entre a psicanálise e o judaísmo com o umbigo do sonho, entendido como o limite para o não interpretável ou como o ponto de urgência frente ao impasse do surgimento de novos sentidos.

Fuks (2000) pontua a influência de Lévinas na produção filosófica de Derrida, que traz a reflexão ética da leitura e escritura hebraica para a filosofia ocidental moderna. O conceito de *arquivo* para Derrida em *Mal d'archive* vem a ser a repetição marcada pela exterioridade. Ou seja, vai além da repetição para registro de memória, é uma ação marcada pela lei. Traz na sua significação a direção dada pela palavra grega *arckhé* que designa direção e comando. Esta palavra abriga dois princípios. O primeiro da origem histórica, lá onde as coisas têm o seu início. O segundo diz respeito ao princípio da lei, lá onde é dada a ordem por uma autoridade, um princípio social regulador e estruturador.

As marcas da judeidade de Freud presentes na fundação da psicanálise se apresentam de duas formas: a marginalidade social e a científica, que o próprio Freud dizia poder sustentar graças a sua origem judaica e pela forma de um devir judeu. A autora comenta o sentido de *devir* de acordo com Gilles Deleuze: ele o considera uma “realidade processual”, uma transformação que não implica uma nova formação, mas sim a desconstrução de um sentido dado que acarreta um novo rearranjo de sentidos numa construção infundável. Nesta linha de pensamento, Freud se reconhece como um judeu na construção de sua identidade, e nega o seu pertencimento enquanto seguidor da doutrina religiosa do judaísmo, que impõe uma unidade de pensamento e de atitudes à qual ele sempre mostrou-se contrário, e que é avessa à própria descoberta psicanalítica.

O exílio do povo judeu está articulado com a idéia de “estrangeiro”. Os judeus, através dos seus constantes exílios, são um povo estrangeiro nas terras em que habitam. O sujeito da psicanálise também é um estranho na terra do *eu*. O *isso* é estranho ao *eu*. A partir

do artigo sobre *O estranho*, Freud (1987r), através da análise semântica do termo *unheimliche*, vai dizer que o estranho e o familiar estão presentes na origem do termo, e também presentes no *eu* a partir da existência do *isso*. “Onde estava o *isso*, o *eu* há de advir”.

Sobre essa errância e estranheiridade Fuks (2000) considera que:

Conforme a tradição milenar, com a destruição do Templo e a expulsão de Jerusalém, os judeus engajaram-se na prática de suportar e ultrapassar a vivência da desterritorialização pela escrita da história. O Livro, suporte permanente da escritura, junta o povo na diáspora (p. 86).

Em *Moisés e o monoteísmo*, através da tese lançada por Freud (1976b), de Abraão ser egípcio ao invés de judeu, tem-se a metáfora da estranheiridade que marca o povo judeu, desde os primórdios da sua história. A leitura talmúdica é considerada, por vários autores, como uma leitura aberta, que possibilita que seu sentido nunca esgote e para cada leitor abra a possibilidade do novo. Abraham, numa carta a Freud, já fazia referência a “uma maneira talmúdica de ler” os textos, fazendo alusão entre o texto bíblico e *Os chistes e a sua relação com o inconsciente* (1976a [1905]).

Fuks (2000) traz uma explicação clara sobre o que é a Torá; é oportuno reproduzi-la:

Já foi dito que a relação do povo judeu com seu Deus se estruturou em torno do Livro dos livros, mais precisamente da Torá ou Revelação – um código falado e escrito de comunicação dos homens entre si e do homem com o divino. Esse livro e essa tradição constituíram, ao longo dos séculos, a um só tempo o eixo estruturante da religião, da ética e da política do povo judeu, bem como o espaço no qual os judeus desenvolveram uma práxis singular de interpretação que se revelou capaz de sustentar a permanência do judaísmo e de seus desdobramentos – a judeidade e a judaicidade. (p.118)

Freud refere dois fatores que levam o judaísmo a não ser considerado uma religião universal como tornou-se o cristianismo: o primeiro, a não representação de Deus, deixando um lugar vazio, uma fenda constitutiva da religião; o segundo, a não admissão do assassinato do pai (Deus). Ao contrário, o cristianismo, ao admitir a vinda de Cristo, cria uma representação para Deus e o alívio pela culpa de ter matado o pai.

Fuks compreende o texto talmúdico como um texto que, paralelamente ao sentido nômade do povo judeu, não tem moradia fixa. O sentido do texto não se cristaliza; citando Umberto Eco, ela diz que o conjunto dos livros sagrados do judaísmo é uma “obra aberta”. Referindo-se a Lacan em *Transmissão e talmude*, diz que o texto do talmude encerra um ateísmo que não paralisa a leitura na criação de sentidos. Ao contrário, os religiosos dogmáticos corporificam e engessam as palavras, colocando o texto na categoria de ídolo que possua os sentidos. Mahony (1999) faz referência às características estilísticas da escrita freudiana, e considera que os seus textos têm um caráter aberto, convidando o leitor a completá-los. Ele escreve:

[...] os escritos de Freud são, às vezes, explicitamente dialógicos, convidando-nos a preencher ou emendar mentalmente determinadas passagens... Em escala mais ampla, somos convidados a dar prosseguimento à interminável tarefa deixada por Freud, que evitava consistentemente a abrangência em favor de um discurso fragmentário e móvel. (p.50-51).

Há também uma relação de intertextualidade entre os diversos livros que compõem o Torá. O sentido de uma palavra é formado quando o leitor remete à sua aparição em outro texto, a partir do qual o texto primeiro adquire sentido. Por exemplo, o jejum no Yom Kipur só é significado quando o termo *afligir (laanot)* do Levítico é comparado a outros textos em que o termo aparece com o sentido de sofrimento, privação e fome.

Na AD se tem a compreensão de que as palavras não têm sentidos fixos. Entre elas e os “fatos” não há correspondência direta. Os sentidos das palavras, no discurso, derivam das formações discursivas de onde elas partem. Por sua vez, as formações discursivas adquirem uma significação de acordo com a ideologia, ou seja, o mecanismo que estrutura a construção de sentidos no discurso. No Torá está presente esta fluidez de sentido: as significações das palavras são construídas artesanalmente, remetendo a outro texto. A leitura do Torá pressupõe um constante processo de interpretação em que, comparando-se um termo

a outro, vai-se construindo os sentidos. É a palavra funcionando como mediação simbólica do mundo.

Freud não se preocupava com os nomes que dava aos conceitos, mas explicava o conteúdo dos conceitos num maior número de modos possível. Sabia que um significante podia ter vários significados simultâneos, de acordo com a camada psíquica de onde ele provinha. Expôs isto muito claramente no processo de formação dos sonhos. Para escrever os seus trabalhos, também se preocupava com os limites em expressar as idéias que eram dadas pela língua. Neste trecho, onde está apresentado um caso clínico, ele diz: “A apresentação linear não constitui um meio muito adequado de descrever complicados processos mentais que se desenrolam em camadas diferentes da mente” (FREUD, 1987t, p. 199).

Como se sabe, Freud escreveu seus trabalhos em alemão, a língua oficial de Viena, porém, foi através da tradução inglesa de Strachey que seus trabalhos se tornaram internacionalmente conhecidos e influenciaram a formação de milhares de psicanalistas no mundo inteiro. Mesmo em algumas edições em alemão, as notas de tradução de Strachey são utilizadas, pela abrangência da sua pesquisa. A Standard Edition de James Strachey compõe a grande maioria dos escritos de Freud. Há dois trabalhos, chamados *Neuroses de transferência: uma síntese* e *A interpretação das afasias: um estudo crítico*, que não compõem a edição, o primeiro por ter sido descoberto após a sua edição, e o segundo, por um desejo de Freud de que os textos pré-psicanalíticos não compusessem as edições de psicanálise. As cartas escritas por Freud também não compõem a coleção, com exceção de alguns trechos de cartas escritas a Fliess, que mantêm uma relação direta com a teoria psicanalítica em formação. Fichtner (apud ORNSTON, 1999) estima que Freud escreveu cerca de vinte mil cartas; destas, três mil e duzentas foram publicadas, sendo que cinco mil estão transcritas eletronicamente por Fichtner, esperando edição.

Freud, durante sua vida, manteve uma atitude ambivalente com seus tradutores. Era clara a sua intenção de que a psicanálise se tornasse conhecida no maior número possível de países e línguas, daí a necessidade de tradução, contudo se opunha a uma visão simplificada que a psicanálise poderia ter em outras culturas. Após a primeira guerra mundial, os Estados Unidos surgiam como uma promessa de crescimento junto ao sistema capitalista. Os americanos já eram conhecidos por serem pragmáticos e Freud tinha aversão a esta característica. Achava que esta pragmaticidade poderia desvirtuar o entendimento sobre a psicanálise. Ornston (1999) cita dois trechos de cartas de Freud que exemplificam sua opinião sobre os americanos. A primeira foi destinada a Jones, em resposta à informação deste de que um nono dos escritos de Freud seriam editados em inglês. “[...] absolutamente americano e, a meu ver, bastante repugnante” (p. 190). Em outra carta também a Jones, relacionada às quotas de subscrições dos americanos enviadas à Associação Psicanalítica Internacional – IPA, e aos produtores da Standard Edition, ele afirma: “Eu sempre disse que os EUA não servem para mais nada além de nos dar dinheiro” (p. 191).

Havia fortes interesses políticos e econômicos em torno da tradução dos textos de Freud para a língua inglesa, pois estava em jogo a proliferação da psicanálise no mundo e quem oficialmente seria o representante do pensamento freudiano. Jones, psicanalista britânico e amigo de Freud, foi nomeado pelo próprio Freud como representante da psicanálise na língua inglesa. É de Jones a primeira bibliografia sobre Freud, que por muitas décadas se constituiu na única bibliografia sobre o fundador da psicanálise. Goza o *status* de ser autorizada, por ser escrita por alguém que manteve uma convivência próxima com Freud.

James Strachey conhecia Freud e já havia realizado algumas traduções dos seus trabalhos. Após a morte de Freud, Strachey e Jones se unem para agilizar os trabalhos para a tradução das obras completas de Freud. Strachey declarou que Freud o havia autorizado a lançar uma coleção traduzida para o inglês da sua obra. Porém esta declaração é questionada,



por não haver nenhum escrito ou testemunha que confirme a veracidade dela. Ornston refere que, após cinco dias da morte de Freud, Jones propõe a Strachey começar a tradução de “uma edição definitiva” dos trabalhos de Freud, para que pudessem assegurar a tradução e por ser o momento oportuno para conseguir um financiamento norte-americano para o projeto.

Mahony (cf. ORNSTON, 1999) analisa os interesses de Jones na tradução.

Jones, com forte base ideológica, defendia uma terminologia psicanalítica “verdadeira uniforme e definitiva” e, portanto, uma redução unívoca dos textos freudianos - a qual, a seu ver, seria uma das ferramentas mais eficientes para a institucionalização da psicanálise.(p.53).

O alemão de Freud, conforme destaca Ornston, traz as marcas de um puro alemão do século XIX, através do qual é possível dizer coisas diferentes com as mesmas palavras, o que dá um caráter de movimento e flexibilidade à língua. O autor chama a atenção para as diferenças entre a concepção científica para a língua inglesa e para a alemã. Para o alemão, ainda hoje, é aceitável descrever idéias indefinidas expressando esta forma na escrita, enquanto que, para os ingleses, a linguagem é concisa, objetiva, descrevendo os experimentos e justificando – ou não – a confirmação das hipóteses, sem lugar para indefinições.

O autor apresenta a sua compreensão sobre a dificuldade em traduzir Freud:

Em suma, às vezes o alemão de Freud é extraordinariamente intrincado e difícil de converter em outra língua. Ele pode alterar o significado de um termo mudando o contexto, fazer diversas observações contraditórias ao mesmo tempo ou empregar o mesmo termo de várias maneiras incompatíveis em termos lógicos. (p.142)

Chama atenção a perspicácia com que Freud conduzia o leitor a entrar no mesmo “clima” psicológico do material que estava apresentando. Porém, a tradução de Strachey retira o caráter de ambigüidade e de um texto aberto, sugerindo que o leitor o complete. O estilo adotado pelo tradutor traduz-se em deixar o texto em tom afirmativo e em uma linguagem padrão.

Muitos dos psicanalistas brasileiros, em especial do Rio Grande do Sul, leram Freud em Espanhol<sup>9</sup>. O primeiro grupo de psicanalistas do sul do Brasil realizou sua formação em Buenos Aires e, retornando ao Brasil, influenciou a formação de vários analistas e psicoterapeutas. Daí a importância das considerações acerca da tradução de Freud em espanhol. A Amorrortu Editores, através de José Etcheverry, lançou a tradução das obras de Freud. Este trabalho foi editado após cinquenta anos da primeira edição espanhola da Lopez-Ballesteros, que foi alvo de várias críticas por parte dos psicanalistas de língua espanhola, por, entre outros aspectos, ter sido escrita em espanhol clássico, e em alguns trechos o texto estar traduzido pelo sentido contrário ao sentido do original e não conter todos os trabalhos de Freud<sup>10</sup>.

A edição da Amorrortu foi traduzida diretamente dos *Gesammelte Werke*<sup>11</sup>; suas palavras-chave e formas verbais foram preservadas e, sempre que os tradutores encontravam dificuldades na tradução de um termo, este aparecia em alemão, entre colchetes. Muito das críticas que se tem da edição brasileira, com os termos criados por Strachey, como *id-ego-superego* como tradução dos termos alemão *das es – das ich – das über-ich*, foram traduzidos para o espanhol como *ello – yo – super-yo*, preservando a correspondência dos significados. O termo alemão *trieb* foi traduzido por *instinto* em português, e *pulsión* em espanhol. *Besetzung*, termo alemão traduzido para o inglês e português pela palavra criada por Strachey, *cathexia*, foi traduzido por *investidura* em espanhol.

A editora Imago, através da “Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud”, traduziu para o português a obra freudiana a partir do inglês.

---

<sup>9</sup> No final da década de quarenta, um grupo de médicos do Rio Grande do Sul foi fazer sua formação psicanalítica em Buenos Aires. Quando regressaram fundaram a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Na década de setenta, outro grupo também fez a sua formação em Buenos Aires; regressando, formaram o Centro de Estudos Psicanalíticos de POA e mais tarde A Sociedade Brasileira de Psicanálise, em Porto Alegre.

<sup>10</sup> Para maior aprofundamento sobre o tema ler: “Traduções de Freud para o espanhol” de Ingá Villarreal (cf. ORNSTON, 1999).

<sup>11</sup> Em alemão seus trabalhos estão nas “Obras Reunidas – *Gesammelte Werke*”.

Como se pode supor, transferem-se as críticas da tradução de Strachey à edição brasileira, acrescidas das dificuldades decorrentes da tradução intermediada por outro idioma. Um grupo brasileiro coordenado pelo psicanalista Luiz Alberto Hanns iniciou um trabalho de tradução da obra freudiana do seu idioma de origem – o alemão. Deste trabalho surgiu o primeiro volume traduzido<sup>12</sup>, composto de cinco textos sobre as estruturas do inconsciente. A obra está dividida em assuntos e temas. Dentro de cada tema o tradutor segue uma ordem cronológica, ao invés de organizá-la toda em ordem cronológica como é a edição de Strachey. Foi adotada na tradução a semântica contrastiva, ou seja, a comparação dos termos em vários níveis em mais de um idioma, para se escolher o significado mais apropriado ao contexto. Pelas considerações realizadas, tem-se presentes as limitações de trabalhar com um texto traduzido, contudo, o conhecimento da obra freudiana pelos brasileiros se dá, quase que exclusivamente, pela “Edição Standard Brasileira”; sendo assim, o entendimento da construção do discurso fundador freudiano, a partir desta dissertação, se dá à luz de um olhar brasileiro.

Retornando ao hebraico, língua materna de Freud, esta traz a peculiaridade de ser uma língua impronunciável por fazer justaposições de consoantes, sem o uso de vogais. Sobre isso Fuks (2000) escreve:

Do ponto de vista fonético, o hebraico é uma língua semítica de raiz triconsonântica que se presta a múltiplas interpretações. Tanto o hebreu quanto o árabe são línguas que autorizam somente a escritura consonântica. A esta raiz impronunciável, juntam-se interpontuações vocálicas que não se escrevem. Do ponto de vista dinâmico, a característica de escrever o que não se pronuncia e pronunciar o que não se escreve dá às línguas semíticas o caráter de inacabamento; o que exige do leitor o trabalho permanente de completá-la. (p.127)

A língua hebraica, pelas características apontadas, traz na sua composição intrinsecamente a noção de incompletude que, segundo destaca Orlandi (2001), possibilita

---

<sup>12</sup> O lançamento do primeiro volume das *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*, foi em outubro de 2004. Os textos usados nesta dissertação são da Standard Brasileira, pois além de conter a quase totalidade dos trabalhos de Freud, foi também através da sua edição que os leitores de língua portuguesa estudaram a obra freudiana.

uma abertura ao simbólico. A marca da falta, da incompletude da língua possibilita o uso de metáforas e o deslocamento de sentidos. O que possibilita, por sua vez, que não haja a cristalização de sentidos.

Freud, ao estabelecer a interpretação como o centro da prática psicanalítica, rompe com a racionalidade hermenêutica da época, de considerar o ser humano um objeto a ser decodificado por um código pré-fixado. Para a psiquiatria importa saber o conjunto de sintomas que o paciente apresenta para, de acordo com o código de doenças, classificá-lo, enquanto que para a psicanálise importa colocar os pacientes a falarem e, numa atenção flutuante, fazer uma leitura (talvez talmúdica) dos sentidos, que no enquadre analítico vão se estabelecendo. Assim, nenhum paciente é igual ao outro, ou, melhor dito, a cada leitura/escuta o paciente se mostra singular.

É assim também na interpretação dos sonhos, onde Freud privilegia a associação do paciente e não a decodificação apriorística dos símbolos. Sobre a interpretação talmúdica Fuks (2000) escreve:

A arte de interpretar os textos sagrados, desenvolvida dentro de uma determinada experiência, ancorou-se no que Lévinas chama de o princípio ético da diferença (ou da ética do outro) [...] Lévinas encontra na Lei judaica subsídios para falar de uma ética face ao outro que se arraiga numa anterioridade fundada no ser antes do Mesmo. Não há, na interpretação talmúdica, a conversão do Outro ao Mesmo: ela se dá no registro de uma abertura ética ao Indizível que fala aos homens em seu silêncio. Ler as Escrituras exigiu um intenso trabalho afetivo e intelectual dos talmudistas para compreender a palavra de um Deus que se retirou após a entrega da Lei e não mais enviou mensagens. (p.122)

A lembrança de cenas na psicanálise não é um método historiográfico de restituição dos fatos, é um ato de fala, como diz Austin, é um presente vivido que dá sentido ao passado. Assim, a psicanálise se assemelha à reconstrução criativa do judaísmo.

#### **4 A HISTÓRIA DA LOUCURA**

A psicanálise é uma teoria e uma terapêutica que rompeu com os saberes da psiquiatria, neurologia e psicologia. Porém, na sua fundação, ela encontrava-se entrecruzada por estes saberes (memória discursiva). Para seguir analisando a construção do discurso fundador da psicanálise, toma-se como objeto discursivo a loucura, que também, foi objeto do discurso da psiquiatria e da neurologia no século XIX (interdiscurso), para, assim, identificar as condições sócio-históricas condicionantes do discurso freudiano.

O conceito de loucura está ligado a comportamentos (ações motoras e falas) que denunciam um modo diferente de ser em uma determinada época. Mora (1994) diz que em termos filosóficos a loucura pode ser considerada sob dois aspectos. O primeiro diz respeito a uma enfermidade do corpo que se expressa na mente; o segundo relaciona-se a uma possessão da mente por um demônio – embora, em relação a esse aspecto, o apoderar-se da alma possa ser também atribuído aos deuses, como, por exemplo, na visão de que os poetas e os artistas criam coisas extraordinárias e, portanto, são diferentes da grande maioria das pessoas.

Em ambos os sentidos apontados pelo autor, pode-se observar que a mente é um lugar de representação em que um outro (corpo, deus e demônio) assume o seu comando. É um outro que fala. O discurso desse outro aponta para um estrangeiro que fala: algo se apossa do sujeito. A possessão marca uma diferença no discurso do possuído em relação ao discurso oficial da sociedade.

É interessante observar que, para a sociedade, o louco, no seu discurso, não é o senhor do seu dizer, ele está possuído por uma voz estranha a si que desafia ser igual à de sua época. O desatinado não necessita ter a ilusão de que é a origem do seu discurso. Por quê? Porque no seu discurso não há sentido. É isso que é retirado do louco: seu discurso é institucionalmente sem sentido. Nesse aspecto pode-se pensar na afirmação de Foucault (1993b), que considera a loucura como uma produção da civilização. Seguindo esse pensamento, surge uma indagação: houve uma época em que não existia a loucura? Para aprofundar essa questão serão historiados os sentidos que a loucura adquiriu ao longo dos tempos.

Muitos estudiosos escreveram sobre a loucura, porém, sem dúvida, o trabalho de Michel Foucault (1993b) *História da loucura na idade clássica*, ganhou uma visão de destaque pelo criterioso levantamento e análise dos dados que realizou acerca do tema, referentes aos séculos XV a XIX. Tomei esse estudo como eixo para apresentação deste tópico sobre a história da loucura.

Da alta Idade Média até o fim das cruzadas, a Europa está às voltas com a lepra. Multiplicam-se os leprosários – cerca de 19.000 – onde os doentes são alojados. A significação da lepra para a sociedade da época engloba a expressão da bondade e a cólera de Deus frente ao pecador. Segregado da sociedade, o leproso tem o tempo para se redimir dos seus pecados e ganhar a salvação para uma nova vida espiritual. O corpo é castigado e a alma

é liberta. Após as cruzadas há um declínio da incidência de lepra, provavelmente pela diminuição do contágio entre o ocidente e os focos de infecção no oriente.

Foucault, no mesmo trabalho, escreve que, no final da Idade Média, o lugar que a lepra ocupava na sociedade é transferido à loucura. A multiplicação de leprosários que se instalaram na Europa vai ceder lugar aos novos excluídos e marginalizados da sociedade. Saem os leprosários e entram em cena os asilos que iriam abrigar os “insanos”. Dessa forma, continua um espaço para a exclusão, a segregação social e a reintegração espiritual no plano divino. Os lugares que antes eram ocupados pelos leprosos são agora preenchidos pelos pobres, vagabundos e os alienados ou loucos.

Frayze-Pereira (1993) destaca que no Renascimento muitas cidades da Europa confinavam os loucos em navios – “a Nau dos loucos” – como eram chamadas essas embarcações, que navegavam de uma cidade a outra. Algumas cidades acolhiam enquanto outras expatriavam os insanos. O autor invoca um significado simbólico para essas viagens. É um navegar pelos mares onde não há certeza sobre o seu destino. Metaforicamente, a loucura é vista como uma viagem, muitas vezes sem volta. Foucault destaca que a “Nau dos loucos” (*Narrenschiff*) foi um termo retirado da literatura da época que se referia a viagens com heróis que conseguiam feitos grandiosos, como arrebatar fortunas. A única *nau* verídica foi a dos loucos, que aportava nos portos da Europa retirando os loucos dos seus países de origem e colocando-os numa transitoriedade nada virtual.

Mas o passeio marítimo não era a única alternativa aos insanos. Já na Idade Média existiam lugares de detenção na França e na Alemanha. O autor refere que até a Idade Média o tema da morte atemorizava como consequência da dizimação da civilização pelas guerras e pelas pestes. A loucura substitui a morte, como um fim inequívoco que assola a humanidade como um presságio do seu fim. O louco apavorava porque expressava tentações. Ele demonstrava ter acesso a um saber difícil, fechado, premonitório, a que a racionalidade não

tinha acesso. A loucura fascinava e por isso atemorizava o homem. A insanidade expressava um discurso que soava estranho à sociedade.

Apesar de a loucura já ser tratada com esse caráter de exclusão na Idade Média e na Renascença, ela ainda podia estar, em princípio, em toda a parte. Nos sonhos, na imaginação apocalíptica, nas blasfêmias, nas profanações, na avareza, nas histórias romanceadas e nas poesias onde se falava das desrazões da loucura. Foram artistas desta época: nas artes plásticas, Bosch e Breughel; na filosofia, Brant e Erasmo, e na literatura, Shakespeare e Cervantes.

Da Idade Média até o século XV arte era sinônimo de religião. As imagens mostravam-se sóbrias, captadas pela percepção, e tratavam de transmitir um único sentido. Possuíam um comprometimento histórico de retratar as cenas oficiais. Já no Renascimento as imagens se desprenderam dessa tradição religiosa. A arte adquiriu outra significação, a expressão plástica possuía contornos de onirismo e de transgressão de um único sentido. A fantasia da loucura ocupava as telas em imagens trágicas como os *Cavaleiros do Apocalipse*, de Dürer.

No campo da literatura e da filosofia, a loucura se expressava de outra forma. O discurso escrito estava impregnado de uma consciência crítica que retratava a questão moral. Aqui a loucura expressava as fraquezas humanas, como um vício, um sonho, uma ilusão.

Na Renascença do século XVI, a loucura se acha vinculada à razão, como um subproduto desta. É necessário haver a razão para se constatar a loucura. Na era clássica surge Descartes. A loucura associa-se ao erro, ao engano, ao ficar associada ao sonho. A loucura contrapõe-se à verdade. De Montaigne (século XVI) a Descartes (século XVII), opera-se uma modificação na forma de compreensão da loucura. Antes a loucura era dita como uma ameaça à razão e a verdade, se escondia ao mesmo tempo em que se mostrava na fala da razão; era tênue o equilíbrio que circulava entre a razão e a loucura. Com Descartes, retira-se a dúvida



do plano do pensamento. Na racionalidade não há espaço para a dúvida, a certeza e a verdade são o lugar da consciência. Aqui há um corte epistemológico importante entre a razão e a loucura. Pode-se analisar que se modificam a ordem, as correlações, as posições e os funcionamentos dos enunciados que davam uma regularidade ao que se entendia por loucura. Mudaram as regras da formação discursiva, ou seja, a loucura da Antiguidade não é a mesma da Era Clássica.

No século XVII, não pode haver dúvida se o homem está louco ou não. A loucura é colocada fora do domínio do pensamento. O pensamento leva à verdade. A loucura precisa ser excluída, melhor dito, asilada. O século XVII é o século dos grandes asilos. No decorrer do século XVII, portanto, a loucura deixa de navegar na “nau dos loucos” e vai aportar no hospital. A loucura aparecia como uma fragilidade da razão, que, com o auxílio da misericórdia de Deus, segundo o poder da igreja Católica, é perdoada, porque os loucos agem sem ter consciência dos seus atos. Para as crianças, os pobres e os loucos, o reino de Deus está assegurado.

O internamento da Era Clássica retira ao louco da Idade Média e do Renascimento o direito de estar em todos os lugares, das “paisagens”, e o fixa num lugar só. Agora o louco tem o seu lugar, circunscrito aos manicômios. Em 1656 surge por decreto, em Paris, o “Hospital Geral”. São instituídos os objetivos das instituições asilares:

- a) como local de abrigo e alojamento aos que não têm comida e casa;
- b) como local para os que são encaminhados por autoridades (realeza e judiciário);
- c) como local de contenção aos que estão desprovidos de sua razão – os loucos.

Há plenos poderes de administração dos asilos pela polícia, políticos, realeza e judiciário com objetivos sociais, de correção, de punição e contenção. Sobre o lugar ocupado pelos asilos Foucault (1993b) diz:

De saída, um fato é evidente: o Hospital Geral não é um estabelecimento médico. É antes uma estrutura semijurídica, uma espécie de entidade administrativa que, ao lado dos poderes já constituídos, e além dos tribunais, decide, julga e executa. (p. 50).

Amplia-se a criação de Hospitais Gerais pelo interior da França. São locais governados por administradores a mando do rei e dos poderes constituídos locais. Frayze-Pereira (1993) destaca que, com o movimento da reforma, a pobreza atesta a maldição divina. Não cabe mais a caridade, o que justifica a religião é a fé. O Estado é que vai encarregar-se dos deveres de assistência, através de impostos e doações. A pobreza passa a infringir a ordem e incentivar a caridade.

O Classicismo inventou o internato, semelhante, na Idade Média, à segregação dos leprosos. A Igreja preconiza a reunião dos bons pobres abrigados nos asilos, enquanto que os insubmissos não aceitam o internamento. O pobre perde seu sentido místico de ter sido o escolhido de Deus como na Idade Média. Os vagabundos, pobres e loucos são agrupados para que a sociedade burguesa possa seguir na sua organização saneadora. Nesse período, os portadores de doenças venéreas e os homossexuais são internados juntamente com os loucos. Cria-se uma relação entre os insanos e a devassidão. Os valores burgueses da indissolubilidade da família são tratados na esfera social. Aos insubmissos o internamento.

A partir do século XVII, a loucura liga-se a uma tipologia social. A loucura está no devasso, no homossexual, no sífilítico, em todos que enfrentam os valores sociais de conservação da família. Na medida em que a loucura se fixa em tipos sociais, ela se materializa, pode ser localizada e identificada, pode ser também excluída do convívio com o restante da sociedade. A função de controle é exercida pela polícia, numa época em que o saber médico ainda não tinha se apropriado do domínio da loucura. Ao discurso da loucura está associada uma sexualidade sem controle. Se o controle sexual e da loucura estão a cargo da polícia, isto tem uma significação de crime. Para o crime, o castigo, que vem acompanhado

do arrependimento, que, por sua vez, necessita do sentimento de culpa. Este é um dos temas associados à formação discursiva da loucura.

Frayze-Pereira (1993) destaca que também no século XVII a preguiça vai ocupar o primeiro lugar nos vícios. O trabalho recebe um sentido de punição e penitência. Após a desobediência de Adão e Eva o homem perde o paraíso, e o esforço do trabalho é a sua maldição. O trabalho é obrigatório e a mendicância é o descumprimento das leis divinas e sociais, por isso os pobres são asilados. As casas de internação têm a características de casa de trabalho forçado.

Foucault (1993b) compreende que há uma mudança de valores éticos do bem versus o mal; ligados primeiramente a uma predição e idéia de destino vinculado ao divino, passa-se por uma polaridade entre razão e loucura. O destino não está mais ligado a valores divinos, mas a valores concretos que denunciam uma conduta voltada à sexualidade, portanto à quebra de valores morais da sociedade da época.

A propósito dessa busca da verdade que acompanha o homem desde as suas origens, Mora (1994, p. 701) sintetiza quatro vertentes que o termo 'verdade' expressa dentro do pensamento filosófico. São elas:

(1) equivale à verdade das coisas, ou à realidade como verdade; (2) expressa a correspondência, ou adequação, do enunciado à coisa ou a realidade; (3) refere-se à verdade na medida em que é concebida por um intelecto e formulada, num juízo, por um sujeito cognoscente; (4) é a verdade como conformidade entre signos.

A direção da humanidade vai no sentido de organizar um caos próprio da existência humana. O viver em sociedade é fruto de uma coerção de dizeres. Assim, vê-se que os conceitos de loucura e de verdade apontam para direções distintas. Enquanto a loucura é a dispersão e a diferença, a verdade é a delimitação e aponta para a correspondência ao que pode ser apreendido pelos sentidos e a realidade externa. Há urgência para se assegurar que o que é visto (através dos sentidos) ou conhecido (através do intelecto) é real. O critério de

realidade é a confirmação de que não é um só que vê, mas todos. O coletivo é uma força coercitiva para a adaptação às normas sociais e desincentiva a singularidade – singularidade esta que será retomada com a psicanálise.

O discurso denuncia a dispersão; é preciso que haja mecanismos reguladores e controladores do dizer. É sobre esses mecanismos que Foucault se manifesta. À medida que a sociedade se torna complexa pelas grandes descobertas (bússola, pólvora e imprensa), pela separação do Estado e da Igreja e pelo nascimento da burguesia, é necessário instituir mecanismos de controle mais delimitados.

Foucault entende que a Era Clássica fornece os substratos de base (interdições religiosas e proibições sexuais) para o entendimento que a ciência terá da loucura. Dado assim, mesmo que numa posição científica de neutralidade, a loucura já tem um veredicto de condenação embutido na sua representação de doença. Nos hospitais gerais do século XVII não havia diferenciação entre os loucos e os criminosos. O hospício não era considerado um hospital, mas um local de controle e isolamento. O médico visitava duas vezes por semana o Hospital Geral, para dar conta de quase mil internos. A loucura não era considerada uma doença, e tampouco curável.

Já em 1624, Zacchias (*apud* Foucault, 1993b), jurista romano formado na prática do direito canônico, publica em sua obra *Questões médico-legais* que somente o médico pode dizer se alguém é louco e qual a extensão da sua doença em relação a suas capacidades. Porém, na prática, a decisão do internato é tratada por autoridades policiais, jurídicas, decretos do rei, a pedido da família e até mesmo os vizinhos, sempre que a loucura dê como resultado atitudes que perturbem a moral e os bons costumes. Até o começo do século XIX, discute-se sobre a competência médica para o diagnóstico da loucura e, por consequência, pelo poder do internamento.

Foucault considera que no campo da loucura os esforços do século XVIII destinaram-se a unir as noções do homem jurídico com o homem social. O internamento se deve a colocar o homem como juridicamente incapaz e perturbador do grupo social. Como consequência, o homem perde a liberdade de ser responsável por suas emoções e ações e torna-se exilado de sua família e de seu território. O médico é chamado para proteger a sociedade das instituições asilares. Os hospitais vão para mais longe da cidade, a loucura precisa de mais espaço e vai para fora dos espaços urbanos. A medicina é chamada a ocupar um papel de legitimação que os poderes constituídos destinam à loucura. A loucura ainda não é objeto de tratamento pela medicina. É no século XIX, com Pinel, Tuke e Waignitz que o louco inicia a ser visto como ser humano passível de técnicas terapêuticas.

Ao longo do século XVII, os medicamentos estiveram ligados a elementos da natureza e do corpo humano. Assim, temos medicamentos tanto à base de pedras como excrementos, pêlos e peles do corpo humano e dos animais. A partir do século XVIII a água passa a ser uma aliada na terapia das doenças: banhos de imersão e duchas de água quente, fria ou morna passam efeitos reguladores e relaxantes.

No século XIX o saber médico em torno da loucura se sistematiza: ela é tratada como um objeto de conhecimento. Em princípio há a possibilidade de um olhar objetivo em relação à loucura, por quem não está louco e que se ocupa da loucura como objeto de conhecimento. Cresce o poder do saber médico, por estar livre da loucura. O lado individual será o fórum de tratamento dos conflitos familiares que passa a ser entendido com o enfoque psicológico. Frayze-Pereira (1993) destaca que a psicologia surge nessa época, para exibir à sociedade, os motivos individuais da prática de atos condenáveis, para expor o infrator à vergonha (prática de exposição em praças públicas).

O tratado Médico-Filosófico, o *Traité* de Pinel, foi publicado em 1801 e inaugura a psiquiatria como especialidade médica. Pinel é conhecido como o médico que tirou as

correntes dos loucos e denunciou as condições subumanas em que eram tratados nos Hospitais Gerais. Além disso, deu um entendimento sobre a loucura relacionado a lesões do intelecto e da vontade. Pinel, no *Traité* (1809, *apud* PESSOTTI, 1994), destaca:

Mas, se os sintomas são observados com atenção e empenho constante, é possível classificá-los e distinguir entre eles, com base nas lesões fundamentais do intelecto e da vontade, sem deixar-se despistar pelas inumeráveis formas que eles apresentam. (p.146)

Pinel traz para a cena principal a observação do médico sobre os sintomas do paciente para fins de classificação diagnóstica, prática que até hoje é válida para os exames psiquiátricos. Os substratos orgânicos para a doença mental não são tidos como elemento principal. A loucura é uma doença essencialmente mental. O autor classifica como alienação mental as formas clássicas da loucura, como a mania, a melancolia e a demência. A loucura é considerada como tendo base nas condutas imorais e condições de vida promíscua em que as famílias de miseráveis vivem. Pinel (1809, *apud* PESSOTTI, 1994) aponta o contraste:

É um eterno contraste entre vício e virtude o que os homens manifestam na vida familiar. Há famílias que prosperam em harmonia [...] e outras, sobretudo nas classes sociais inferiores, que merecem compaixão pela dissolução repugnante, pelas brigas e pela ultrajosa miséria. É exatamente essa a forma mais fecunda da alienação. (p.160).

A formação discursiva do período clássico continua vigente no século XIX. A herança ideológica é revestida pela linguagem médica, porém o sentido do discurso é o mesmo. Uma reeducação moralizante tem um efeito de profilaxia da loucura. Ao médico cabe o diagnóstico. A medicina assume um caráter de repressão. O método de observação inclui uma interação médico-paciente que já evidencia uma intervenção clínica para a conduta terapêutica da loucura. Vê-se também o nascimento da clínica psiquiátrica. Pinel constrói uma visão moralista e pedagógica da práxis terapêutica da psiquiatria, cuja finalidade era a reinserção do paciente na sociedade, sendo que para isso necessitava de uma reeducação do

seu comportamento sempre que esse representava desvio quanto aos comportamentos sexuais da época.

J. Cotard publica em 1879 um trabalho intitulado *Loucura-Folie*, que pode ser considerado, segundo Pessotti (1994), um texto pré-psicanalítico. Nele Cotard questiona o caráter metafísico que os “médicos psicólogos” fornecem como causa da loucura. Atribuir à loucura um caráter divino ou demoníaco é algo veementemente contestado pelo autor. Outra causa contestada por Cotard (*apud* PESSOTTI, 1994) é a perda da razão e do pensamento racional. A causa da loucura reside, segundo Cotard, na alteração da sensibilidade moral. A moral, neste contexto, relaciona-se ao que não é físico, ao que atualmente denomina-se psíquico, ao contrário de moral relacionado ao espírito e à alma, numa visão teológica.

O emprego do termo ‘moral’ no contexto científico e religioso marca um deslocamento de sentidos de acordo com a FD de onde vem o discurso, segundo Orlandi (2001 p. 44). Neste caso, tem-se a metáfora criando um novo sentido. Contudo, também se pode pensar que é impossível não trazer junto ao dizer “moral” a memória discursiva que esse termo traz de vários séculos de uso dentro da visão teológica. Conforme a expressão introduzida por Pêcheux, tem-se a mobilização do esquecimento nº 2, ao utilizar esse termo já carregado de sentido e não outro mais passível de conter um outro sentido.

Cotard (*apud* PESSOTTI, 1994) utiliza o conceito de Falret, considerado o teórico da “sensibilidade moral”, para caracterizar como moral os estados de prazer e dor (estados cenestéticos). A psicopatologia seria o resultado de um desequilíbrio entre o prazer e a dor. As funções intelectuais só secundariamente entram no processo de doença mental.

[...] segundo o pensamento de Falret, toda a variedade aparentemente caótica dos sintomas resulta de um processo comum que é a lesão da sensibilidade moral. Os estados gerais da sensibilidade moral são os estados cenestéticos de dor ou sofrimento e de prazer. Assim, a sensibilidade moral inalterada é o regime do prazer. E a lesão dela seria o impedimento ou o excesso de tal regime. (p.197)

Assim, a perda da razão não é a causa essencial da loucura. Sua base está nos distúrbios afetivos que resultam num descompasso do regime do prazer, “aos impulsos e inclinações, normalmente inconscientes” (p. 198). Nos sintomas delirantes o que está em jogo é o estado emocional e não uma falha no pensamento racional ou na capacidade intelectual do paciente.

Quando alguém disser que o *eu*, ou o sentimento da identidade pessoal, fica esmagado entre as forças conflitantes do instinto e do controle social ou moral e que os verdadeiros motivos primeiros de nossas decisões são inconscientes, será obrigatório lembrar essas idéias de Cotard, de 1879, publicadas cerca de dez anos antes que Anna O. procurasse os cuidados do Doutor Breuer. (PESSOTTI, 1994, p. 201)

Convém ressaltar que o modelo proposto por Cotard avança no sentido de procurar a causa da loucura fora de uma visão anatômica como outras doenças físicas, porém o prazer aqui é entendido como satisfação de uma necessidade biológica natural.

Assim, a teoria da loucura no final do século passado, pelo que se pode depreender dos textos referidos, reflete o conflito entre um modelo organicista clássico e um modelo médico-biológico, por vezes médico-psicológico, e no qual o fulcro da etiologia não são as paixões (enquanto vivências afetivas exacerbadas ou frustradas, como a via Eurípedes, por exemplo), mas lesões à necessidade biológica do prazer. (p. 201)

Compreende-se que a psicanálise se filie a esses discursos ao partir de uma base biológica para entender as causas do funcionamento das patologias mentais. A memória discursiva opera a partir do interdiscurso, porém não fica só aí; se assim fosse, não se estaria falando em discurso fundador. Ocorre uma transfiguração de idéias, formando um novo sentido. No destaque de Orlandi (2001a), os deslizamentos, os deslocamentos de lugares e a formação de um novo sentido marcam um discurso fundador.

Ao fundar um discurso, Freud precisa do respaldo científico de outros pesquisadores para ter credibilidade. Vêm-se, no seu discurso, referências a outros discursos



(interdiscurso), como forma de filiar-se ao dizeres da época que trazem uma transferência de saberes da física e da biologia para o campo de medicina. O autor precisa, primeiramente, legitimar o seu dizer, ligando ao saber médico, para depois deslocá-lo para o campo da psicanálise. Em *Além do princípio de prazer*, o fundador da psicanálise antevê as críticas que receberia por apresentar o conceito de pulsão de morte; Freud (1987s [1920] ) faz referência a outros saberes para falar sobre o “princípio do prazer”.

O que isso implica não é uma simples relação entre a intensidade dos sentimentos de prazer e desprazer e as modificações correspondentes na quantidade de excitação; tampouco — em vista de tudo que nos foi ensinado pela psicofisiologia — sugerimos a existência de qualquer razão proporcional direta: o fator que determina o sentimento e provavelmente a quantidade de aumento ou diminuição na quantidade de excitação *num determinado período de tempo*. A experimentação possivelmente poderia desempenhar um papel aqui, mas não é aconselhável a nós, analistas, ir mais à frente no problema enquanto nosso caminho não estiver balizado por observações bastante definidas. Não podemos, entretanto, permanecer indiferentes à descoberta de um investigador de tanta penetração como G.T. Fechner, que sustenta uma concepção sobre o tema do prazer e do desprazer que coincide em todos os seus aspectos essenciais com aquela a que fomos levados pelo trabalho psicanalítico. A afirmação de Fechner pode ser encontrada numa pequena obra, *Einige Ideen zur Schöpfungs- und Entwick- lungsgeschichte der Organismen*, 1873 (Parte XI, Suplemento, 94), e diz o seguinte: ‘Até onde os impulsos conscientes sempre possuem uma certa relação com o prazer e o desprazer, estes também podem ser encarados como possuindo uma relação psicofísica com condições de estabilidade e instabilidade. Isso fornece a base para uma hipótese em que me proponho ingressar com maiores pormenores em outra parte. De acordo com ela, todo movimento psicofísico que se eleve acima do limiar da consciência é assistido pelo prazer na proporção em que, além de um certo limite, ele se aproxima da estabilidade completa, sendo assistido pelo desprazer na proporção em que, além de um certo limite, se desvia dessa estabilidade, ao passo que entre os dois limites, que podem ser descritos como limiares qualitativos de prazer e desprazer, há uma certa margem de indiferença estética [...]’ (p. 18-19)

Foucault, analisando as transformações que ocorreram no século XIX em relação ao tratamento sobre a loucura, diz que, a partir do positivismo, a medicina e a psiquiatria, após um período de objetividade no conhecimento científico, vão se imbuindo dos poderes que até então eram atribuídos à família, à autoridade, à punição e ao amor. Poderes que os séculos anteriores impregnavam de uma aura de magia e mistério relativamente à loucura. Agora é a relação médico-paciente que vai estabelecer, de um lado, um paciente submisso, passivo e entregue aos poderes de um outro; por outro lado, um médico com um poder sem

igual, pois agora se concentra numa só categoria social o que antes estava diluído em vários lugares.

Garcia-Roza (1993), seguindo o entendimento de Foucault sobre a fabricação da loucura, diz: “O louco é o efeito da convergência de, principalmente, duas séries: a série asilar e a série médica” (p. 28). Prossegue metaforizando: que a fábrica da loucura é o hospital, e o artesão, o psiquiatra. O autor faz algumas considerações sobre o uso do interrogatório como intervenção clínica utilizada pelo psiquiatra para obter a história de vida do paciente, a fim de detectar as causas hereditárias da loucura – causas essas que não seriam de ordem orgânica, mas uma anomalia da ordem de um caráter amoral.

Além de obter/configurar a etiologia da doença, o interrogatório tinha a função de obter a confissão do réu-doente, numa clara intenção de colocá-lo numa posição de submissão e culpa. Através da sua confissão, o doente livrava-se do mal que o acometia; eis aqui os efeitos catárticos da fala, que mais tarde serão trabalhados por Breuer e Freud.

Moreau de Tours faz experiências com o uso do haxixe para induzir experimentalmente a loucura. O médico quer saber concretamente como é a loucura. Mais tarde chega à conclusão de que através do sono se chega às mesmas condições da loucura. Posteriormente Freud vai se valer do sono como “a via régia” do ingresso ao inconsciente.

Freud correlacionou o processo dos sonhos com os processos neuróticos e do funcionamento psíquico de qualquer indivíduo. Nas *Conferências introdutórias sobre a psicanálise*, que foram uma série de conferências proferidas na Universidade de Viena para um público formado por médicos e leigos, o autor sistematiza a sua compreensão sobre os sonhos.

Um dia descobriu-se que os sintomas patológicos de determinados pacientes neuróticos têm um sentido. Nessa descoberta fundamentou-se o método psicanalítico de tratamento. Acontecia que no decurso desse tratamento os pacientes, em vez de apresentar seus sintomas, apresentavam sonhos. Com isso, surgiu a suspeita de que também os sonhos teriam um sentido. Não seguiremos, contudo, esse caminho histórico, e sim prosseguiremos na direção oposta. Demonstraremos o sentido dos sonhos como forma de preparação para o estudo das neuroses. Essa inversão se justifica, de

vez que o estudo dos sonhos não apenas é a melhor preparação para o estudo nas neuroses, como também porque os sonhos, por si mesmos, são um sintoma neurótico que nos oferece, ademais, a inestimável vantagem de ocorrer em todas as pessoas sadias.(FREUD, 1987o [1915], p. 105).

A hipnose foi antecedida pelo “mesmerismo”, que, através de Anton Mesmer, doutor em medicina pela Universidade de Viena, desenvolveu uma técnica pela qual, com suas mãos, imantava os pacientes com a fluidez de propriedades magnéticas emitidas pelo contato dos corpos. Seu princípio era de que os corpos dos homens e animais estavam sujeitos a propriedades magnéticas segundo as propriedades do ímã. Mesmer foi apontado como charlatão pela comunidade médica, que avaliou o poder terapêutico de sua técnica como fruto da imaginação das pessoas que se submetiam ao tratamento. Mesmo sem ter percebido a importância desta conclusão, estavam colocados os efeitos da sugestão, que irá se constituir como o princípio da técnica da hipnose.

A hipnose surge na metade do século XIX, inventada por James Braid. Ao contrário da técnica anterior, a hipnose não utiliza nenhum poder externo ao hipnotizado. Vai depender das condições físicas e psíquicas deste. Uma vez adquirido o estado hipnótico, o poder do corpo e da mente é totalmente depositado no hipnotizador. Garcia-Roza (1993) destaca o poder de controle que o médico vai exercer no comportamento do paciente. A ele é dado o poder de eliminar sintomas e, a título de demonstração, fazer o paciente emitir um gesto ou cumprir um comando.

É na época de Charcot que fica muito bem caracterizada a relação de poder que o médico vai exercer sobre o paciente através da hipnose. O poder hipnótico é o poder da sugestão, que as histéricas mantêm com o médico. Neurologista e professor de anatomia e patologia da Universidade de Paris, Charcot causou interesse em Freud, quando este foi, em 1885, participar de um curso no hospital de Salpêtrière. Lá Freud viu Charcot ministrar aulas que eram verdadeiros espetáculos, onde hipnotizava pacientes histéricos. Através de

sugestões, os pacientes com membros paralisados saíam caminhando ou os com cegueira psíquica voltavam a enxergar.

Nessa época, as afecções histéricas acometiam um número crescente de pessoas, e, ao contrário do que se pensava, acometiam homens e mulheres, apesar da derivação da palavra vir do grego *hystéra*, que significa útero. O que fazer com esses pacientes? Ou ainda: a que especialidade médica caberia tratá-los? São loucos, farsantes ou apresentam alguma alteração anatômica no sistema nervoso? Estas questões estavam presentes nas investigações de Charcot. Primeiro, não foi encontrada nenhuma evidência de lesão anatômica nesse pacientes. Segundo, a simulação foi afastada quando se observava que os pacientes apresentavam um conjunto de sintomas e sinais da doença que seguiam uma regularidade e seqüência. Agora a questão é: se fossem loucos iriam para o psiquiatra, se fossem doentes iriam para o neurologista.

Charcot, então, introduz as neuroses “no campo das perturbações fisiológicas do sistema nervoso”, conforme comenta Garcia-Roza (1993, p. 32). Nas sessões clínicas de hipnose que Charcot realizava nos seus cursos, os pacientes falavam de seus sintomas e de situações traumáticas a que estavam ligados os sintomas. O neurologista cria a teoria do trauma, considerando que existe uma predisposição hereditária para que, em decorrência de um trauma, se crie susceptibilidade à sugestão para a criação de sintomas conseguida através de um estado hipnótico. O médico recria artificialmente este estado hipnótico para nele sugerir ao paciente que desfaça os sintomas produzidos em decorrência da situação traumática. Contudo, quando os pacientes recordavam as situações traumáticas, essas estavam associadas a pensamentos e desejos ligados à sexualidade. Charcot não conseguiu integrar este achado a suas teorias, no entanto Freud estava lá.

Breuer, médico vienense que influenciou decisivamente os trabalhos de Freud, criou o método catártico, no atendimento já clássico para a psicanálise do caso da Anna O.

Breuer comunicou ao jovem Freud este caso em 1882. Foi necessário o contato em Salpêtrière com Charcot para que Freud estabelecesse sentido entre histeria - sexualidade - transferência - resistência. Nesse tratamento, o uso de hipnose foi substituído pela catarse, “limpeza da chaminé”, como a paciente o nomeou, que consistia na “cura pela palavra”, aonde, num fluxo de associações, a paciente ia falando sobre fatos penosos de sua vida, seguindo-se uma *abreção* e o alívio dos sintomas.

Em 1888, após seu retorno de Paris e a abertura de sua clínica para tratamento de doenças nervosas, Freud recebe uma paciente, Frau Emmy Von N., utilizando o método catártico inspirado no relato de Breuer. Porém, Freud faz alterações ao método e introduz a sugestão hipnótica. Freud passa por uma fase mais intervencionista e direciona o tratamento, dando sugestões, quando a paciente rememorava a situação traumática, de eliminar os sintomas – ao contrário de Breuer, para quem o desaparecimento dos sintomas era devido à descarga afetiva ante a fala da paciente ao rememorar o acontecimento. Garcia-Roza considera que a atitude de Freud deve-se à influência de Bernheim, com quem Freud esteve por algumas semanas dedicando-se ao estudo da sugestão hipnótica.

Um fato curioso que marcou a história da psicanálise foi o sentimento, inesperado para a época, do apaixonamento que sentiu Anna O. por seu médico Breuer. Foi tomado de espanto pelo acontecimento que Breuer afastou-se do que seria chamado de “transferência” e deixou para Freud a criação da psicanálise.

Em 1893 Freud e Breuer escrevem os *Estudos sobre a histeria* (1987c). A independência teórica de Freud em relação a Breuer se consolida quando Freud abandona o uso da hipnose e institui a “associação livre”. Segue-se uma sistematização teórica do termo ‘defesa’, que depois vai ser diferenciado e conhecido como ‘recalcamento’, e que, na expressão de Freud, se constitui na “pedra angular da psicanálise”.

O início da psicanálise se dá, portanto, pelo uso da técnica da associação livre: Freud (1987w) orientava os pacientes, agora livres da hipnose e das sugestões ainda dadas na catarse, a falar tudo o que viesse à cabeça.

Em vez de incitar o paciente a dizer algo sobre algum assunto específico, pedi-lhe então que se entregasse a um processo de associação livre — isto é, que dissesse o que lhe viesse à cabeça, enquanto deixasse de dar qualquer orientação consciente a seus pensamentos. Era essencial, contudo, que ele se obrigasse a informar literalmente tudo que ocorresse à sua autopercepção, e não desse margem a objeções críticas que procurassem pôr certas associações de lado, com base no fundamento de que não eram suficientemente importantes ou que eram irrelevantes ou inteiramente destituídas de sentido. (p.54)

Pelo uso da associação livre foi possível observar que os pacientes, em algum momento do tratamento, iniciavam a ter resistência em falar para o terapeuta o que estavam pensando. Freud lançou a hipótese de que quando o fluxo das associações verbais dos pacientes diminuía ou cessava, o terapeuta deveria estar sendo o alvo dos pensamentos do paciente. Esse processo, de transferir para a figura do terapeuta, sentimentos e pensamentos que estavam ligados às figuras originais do conflito, estava a serviço de uma enérgica força de resistência à lembrança recalçada. Veja-se a explicação de Freud no seu trabalho de 1912, intitulado *A dinâmica da transferência* (1987g, p. 134):

Assim, é perfeitamente normal e inteligível que a catexia libidinal de alguém que se acha parcialmente insatisfeito, uma catexia que se acha pronta por antecipação, dirija-se também para a figura do médico. Decorre de nossa hipótese primitiva que esta catexia recorrerá a protótipos, ligar-se-á a um dos clichês estereotípicos que se acham presentes no indivíduo; ou, para colocar a situação de outra maneira, a catexia incluirá o médico numa das 'séries' psíquicas que o paciente já formou.

Antes de se falar sobre hipnose, defesa, associação livre já há uma noção para Freud de que existem pensamentos e desejos que escapam à consciência do sujeito. Desde a antiguidade, passando pela visão cartesiana, se atribuía um mistério à alma humana. Em certas épocas essas zonas de mistério eram ocupadas pelas divindades, pelos demônios, pelas

paixões, pela irracionalidade e por questões hereditárias que predispunham o indivíduo à imoralidade, como vimos na noção de loucura através da história.

Assim, Freud não foi o primeiro a falar em inconsciente. O que Freud inova é ir além desse sentido já conhecido de caracterizar a inconsciência, adjetivamente, como um estado humano. O criador da psicanálise institui o Inconsciente como instância psíquica, juntamente com o Pré-consciente e o Consciente. E mais, dá ao Inconsciente um modo de funcionamento próprio, diferenciando-o ainda mais da visão filosófica que atribuía ao inconsciente um caráter de abismo, mistério e escuridão. Freud vai afirmar que o Inconsciente possui uma lógica própria com princípios e mecanismos de funcionamento; assim, o Inconsciente constitui-se como o objeto de estudo desse campo do conhecimento que estava surgindo – a psicanálise.

Juntamente com os estudos da histeria, aparece a conexão com a sexualidade, que caberá a Freud significar. Nas experiências de Charcot a sexualidade falou, mas precisou de alguns componentes para ser fundada como saber. Garcia-Roza (1993) comenta sobre estes três acontecimentos: o conhecimento da experiência de Breuer com o caso Anna O, as associações com a sexualidade que “as histéricas de Charcot” verbalizavam nas suas memórias das vivências traumáticas, e o comentário que Freud escutou de Choback acerca de uma paciente, em que lhe atribui seus sintomas histéricos ao fato de ser virgem, mesmo casada, visto que o marido sofria de impotência sexual.

Na *História do movimento psicanalítico*, Freud (1987k) faz comentários acerca das repercussões negativas que vinha sofrendo pela descoberta da etiologia sexual nas neuroses. Porém, apesar de ser apontado como o criador dessa idéia, ele já havia ouvido idéias semelhantes na boca de outras pessoas, e comenta ter entendido algo sobre a gênese do conhecimento humano:

A idéia pela qual eu estava me tornando responsável de modo algum se originou de mim. Fora-me comunicada por três pessoas cujos pontos de vista tinham merecido

meu mais profundo respeito – o próprio Breuer, Charcot e Chobak, o ginecologista da Universidade, talvez o mais eminente de todos os nossos médicos de Viena. Esses três homens me tinham transmitido um conhecimento que, rigorosamente falando, eles próprios não possuíam [...]. Mas essas três opiniões idênticas, que ouvira sem compreender, tinham ficado adormecidas em minha mente durante anos, até que um dia despertaram sob a forma de uma descoberta aparentemente original. (p. 22-3)

Aqui Freud está se referindo à gênese de uma nova idéia e afirmando que o “novo” não significa que ela não tenha sido pensada ou dita antes (interdiscurso, memória discursiva). Contudo, há um novo e talvez mais árduo trabalho a realizar: transformar essa nova idéia em um saber científico, ou seja, um saber compartilhado que irá ocupar um *status* de verdade. O autor prossegue, no mesmo texto acima citado:

Não revelei a paternidade ilustre desta idéia escandalosa com o intuito de atribuir a outros a responsabilidade dela. Dou-me conta muito bem de que uma coisa é externar uma idéia uma ou duas vezes sob a forma de um *aperçu* passageiro, e outra bem diferente é levá-la a sério, tomá-la ao pé da letra e persistir nela, apesar dos detalhes contraditórios, até conquistar-lhe um lugar entre as verdades aceitas. (p.25)

Orlandi, em *Discurso fundador* (2001), retoma uma questão deixada em aberto em seu trabalho anterior *Terra à vista* (1990), que é relevante para a presente análise: “como do sem-sentido se faz sentido e irrompe o sentido novo?”. Compreende um processo que vai do sem-sentido em direção ao sentido. É a autora que descreve esse movimento da construção dos sentidos:

a. seu apagamento por uma memória já estabelecida dos sentidos (o já dito), b. a resistência ao apagamento e a conseqüente produção de outros sentidos e c. o retorno do “recalque” (ou seja, do que foi excluído pelo apagamento sobre o mesmo, deslocando-o.” (2001, p. 11)

Desta forma, nos recortes acima dos textos freudianos pode-se dizer que primeiramente houve um apagamento dos discursos de Breuer, Charcot e Chobak. Não havia um sentido construído para o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. Num segundo momento, o material que era trazido pelas suas pacientes se associam ao já-dito, para finalmente o esquecido retornar com deslizamentos e deslocamentos, formando um novo sentido.



As questões históricas trazidas por Foucault apontam para o poder crescente que o saber médico vai trazer para a relação com o paciente. De Pinel a Freud, vê-se este poder mágico instrumentalizar tecnicamente a prática médica. Na psicanálise o exemplo mais característico é a transferência: Freud reconhece esse poder e constrói uma técnica para que inicialmente, o médico aceite e exerça esse poder, para depois ir devolvendo a quem tem de direito o poder sobre sua vida. Em outras palavras, a alienação do louco agora se dá na relação com o médico. O paciente se aliena da sua verdade e o médico vai exercê-la. Foucault (1993b) destaca:

E é nessa medida que toda a psiquiatria do século XIX converge realmente para Freud, o primeiro a aceitar em sua seriedade a realidade do par médico-paciente, que consentiu em não separar do par nem seus olhares, nem sua procura, que não procurou ocultá-la numa teoria psiquiátrica bem ou mal harmonizada com o resto do conhecimento médico [...] Freud desmistificou todas as outras estruturas do asilo: aboliu o silêncio e o olhar, apagou o reconhecimento da loucura por ela mesma no espelho do seu próprio espetáculo, fez com que se calassem as instâncias da condenação. (p. 502)

Contudo, Foucault (1993b) critica a posição de Freud por considerar que, a partir da psicanálise, o médico chamou para si todos os poderes alienantes. Porém ele mesmo diz: “Criou a situação psicanalítica onde, por um curto-circuito genial, a alienação tornou-se desalienante porque, no médico, ela se torna sujeito” (p. 503).

Segundo a compreensão de Garcia-Roza (1993), Freud, com o conceito de Inconsciente, opera uma clivagem no campo da subjetividade. A subjetividade e a verdade não são um todo unitário. A verdade de Freud não é a busca da razão e da consciência cartesiana. O criador da psicanálise vai subverter o pensamento filosófico e científico do século XIX. Loucura não é sinônimo de falta de razão humana, como era entendida nos séculos anteriores, ou, melhor dizendo, a loucura, a partir da psicanálise, traz a verdade do Inconsciente. O autor destaca que a psicanálise surge no século XIX como uma teoria e

técnica psicológica segundo a qual o homem é tratado como um ser singular. Antes disso, a igreja era o único lugar institucional onde o homem tinha o seu discurso escutado.

A psicanálise vem ocupar, no século XX, este lugar de escuta. Claro está que isso não correu independentemente das condições que tornaram urgente o aparecimento das ciências do homem: a necessidade de controle e de distribuição das forças de trabalho. O surgimento da psicanálise é contemporâneo ao surgimento do homem, e este só surgiu com o desenvolvimento da economia capitalista e sua exigência de controle dos corpos e dos desejos. Porém, mesmo em se descartando de qualquer inocência quanto aos compromissos sociais da psicanálise, o fato é que ela se constituiu como uma das práticas mais eficazes de escuta do discurso individual. (p. 22-3)

O autor prossegue e aponta uma mudança significativa a partir da psicanálise. O sujeito da consciência é desfocado relativamente ao conhecimento da verdade. Não é a partir da racionalidade que se encontrará quem é o sujeito, qual a sua verdade. A psicanálise opera uma reviravolta ao conhecimento do racionalismo do ser uno, coerente e consciente. A verdade do sujeito está nos seus enganos, nos seus lapsos, esquecimentos, sintomas, na sua loucura. O discurso neste contexto não segue uma linearidade histórica para aparecer. Não se trata de, remetendo à pergunta feita no início desta dissertação, encontrar um momento e uma forma específica para a construção do discurso fundador da psicanálise. Como diz Foucault (2004), o discurso é:

[...] fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo. (p. 133).

Não é demais pontuar que, ao se tratar de processos discursivos, a referência é feita para a posição do sujeito no discurso. Dito de outra forma, é a posição discursiva e não um lugar empírico que o sujeito ocupa no discurso, em relação ao contexto sócio-histórico e à memória discursiva.



## 5 A PSICANÁLISE NO CONTEXTO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

### 5.1 O CONHECIMENTO CIENTÍFICO ANTERIOR AO SÉCULO XIX

É necessário saber que conhecimentos científicos estavam disponíveis à época em que Freud fazia as suas descobertas. E antes disso, também é oportuno fazer uma contextualização dos caminhos percorridos pela ciência anteriormente ao século XIX. Assim, apresento, de forma muito geral e breve, como era a ciência antes do século XIX.

Inicialmente, conforme Chassot (1994), o espírito curioso do homem pergunta sobre os fatos da natureza, o porquê da chuva, do trovão, dos relâmpagos, da origem da vida e assim por diante. Em uma época primordial da existência humana, as respostas possíveis para estas indagações estavam na ordem dos mitos e das religiões. Assim, as divindades míticas e religiosas eram utilizadas para dar um sentido às inquietações humanas.

Com o passar do tempo, ou, mais precisamente, no início do séc. VI a.C., na cidade grega de Mileto, vivia Tales, que foi considerado o primeiro filósofo da humanidade. Tales de Mileto inova ao dizer que a origem de todas as coisas se devia à água. Embora sua resposta não tenha sido fruto do uso de métodos científicos, não era devida às explicações da ordem do sobrenatural. A água é observável, bem como a sua ligação com a vida e o crescimento dos seres vivos.

Depois de Tales se seguiram outros importantes nomes gregos da Antiguidade que foram consolidando o caminho da filosofia e da ciência, tais como: Heráclito (séc. VI/V a.C.), Pitágoras (séc. VI a.C.), Parmênides (séc. VI/V a.C.), Demócrito (V/IV a.C.), Hipócrates (Séc. V a.C.), e Sócrates (Séc. V a.C.), Platão (séc. IV a.C.) e Aristóteles (séc. IV a.C.).

Por uma série de fatores que não cabe aqui explicitar, houve a decadência do império grego e a ele se seguiu o surgimento do império romano. O politeísmo foi substituído pelo monoteísmo. Surgiu o cristianismo, que se tornou a religião oficial do Império Romano. As especulações filosóficas precisavam ser iluminadas pela fé e o conhecimento científico não podia negar os dogmas religiosos.

No período chamado de Idade Média, o conhecimento científico não deveria ser procurado na observação da natureza, mas nas sagradas escrituras. A observação foi substituída pelo estudo da bíblia. Na Renascença (século XV), a Itália ocupou um papel fundamental na civilização ocidental. Este período é marcado pela saída da Igreja de uma posição central que ocupava na Idade Média. Há uma redescoberta dos valores da Antiguidade e o descobrimento de novos mundos através das expedições marítimas. No final do século XV chegava à Espanha a notícia da descoberta da América. As bases do movimento renascentista foram proporcionadas pela corrente filosófica do Humanismo. Um nome importante desta época foi Martin Lutero (1483-1546), que se opôs aos abusos da Igreja Católica. O monge foi condenado pelo Papa Leão X (1520) e fez o movimento da Reforma na Alemanha. A Igreja faz o movimento de contra-reforma e revive as práticas da Inquisição.

O alemão Johann Gutemberg, por volta de 1450, cria a imprensa. Nas artes, com a introdução da perspectiva, os pintores reproduzem fielmente a natureza, que é utilizada pela biologia, botânica e zoologia. Leonardo da Vinci figura como o grande pintor desta época.

Pode-se considerar que as artes em geral e a literatura tiveram uma grande expressão na Renascença, após o período de retraimento da Idade Média. As ciências médicas também ganham impulso nesta época, com o surgimento das Universidades e o início da experimentação na anatomia.

A química encontra-se influenciada pela alquimia, ainda não é considerada uma ciência. A física estuda o magnetismo, a mecânica e a óptica. A matemática teve um grande

crescimento neste período. Os cálculos matemáticos foram aplicados para a construção das catedrais e a serviço das expedições de navegadores.

No século XVII nasce a ciência moderna com Copérnico, Galileu e Newton. Copérnico (1473-1543) estudou direito canônico e astronomia. Afirma que a terra não é o centro do Universo, como até então se pensava. Diz que a terra gira ao redor do sol. Galileu Galilei (1564-1642) confirma as afirmações de Copérnico e estuda na física o movimento acelerado uniforme e a lei que diz que todos os corpos têm peso. Francis Bacon é considerado um dos criadores do método científico moderno e da ciência experimental. Iniciador do empirismo, enaltece a experiência e o método dedutivo que será seguido por Galilei.

Segundo Almeida (2004), Galileu rompeu com o modo de se fazer ciência. Ele é considerado o pai da ciência moderna por três razões. A primeira delas: ele rompe com a dependência que a ciência ainda mantinha com a teologia. A segunda razão: rompe também com o método aristotélico. Aristóteles propunha a indução, porém sem a experimentação; Galileu defende uma ciência ativa, através de método experimental de verificação das hipóteses. A terceira e última: agrega às ciências da natureza o rigor da linguagem matemática.

O método matemático trouxe como característica para a ciência moderna o conhecimento da realidade através da medição e da quantificação. Galileu, através das experimentações das situações particulares, foi construindo um modo de ir explicando como ocorriam os fenômenos e não o porquê. O movimento dos corpos foi entendido a partir das suas propriedades mais elementares e particulares para, pouco a pouco, ir se tornando mais complexo e ampliado. As explicações mais gerais, causais e metafísicas foram se diferenciando das ciências e ficando reservadas ao domínio metafísico da filosofia.

Ao criar a psicanálise, Freud precisava que esta ocupasse um lugar respeitável no meio científico. As ciências da natureza eram as ciências por excelência. Consolidavam-se

como saberes capazes de serem observados experimentalmente e terem hipóteses racionalmente construídas. Um parceiro importante para dar respeitabilidade às ciências naturais era a matemática: os eventos observáveis podiam ser medidos. No século XIX, estas premissas da nova ciência surgida com Galileu estavam vigentes.

Neste trecho escrito por Freud (1987w) pode-se observar os cuidados que tem para demonstrar que o campo de conhecimento dos processos mentais, com toda a subjetividade que isto implica, pode ser um campo conceitual rigoroso baseado na observação. Aliás, é somente desta forma que a psicanálise poderia ser considerada como ciência.

Já ouvi dizer várias vezes em tom de desprezo que é impossível aceitar seriamente uma ciência cujos conceitos mais gerais se ressentem de exatidão, como os da libido e do instinto na psicanálise. Mas essa censura repousa numa concepção totalmente errônea dos fatos. Conceitos básicos claros e definições vivamente traçadas somente são possíveis nas ciências mentais até o ponto em que as segundas procuram ajustar uma região de fatos no arcabouço de um sistema lógico. Nas ciências naturais, das quais a psicologia é uma delas, tais conceitos gerais nítidos são supérfluos e na realidade impossíveis. A zoologia e a botânica não partiram de definições corretas e suficientes de um animal e de uma planta; até hoje a biologia foi incapaz de dar qualquer significado certo ao conceito da vida. A própria física, realmente, jamais teria feito qualquer progresso se tivesse tido de esperar até que os seus conceitos de matéria, força, gravitação, e assim por diante, houvessem alcançado o grau conveniente de clareza e precisão. As idéias básicas ou os conceitos mais gerais em qualquer das disciplinas da ciência sempre ficam determinados no início e somente são explicados, para começar, mediante referência ao domínio dos fenômenos de que se originaram; é somente por meio de uma análise progressiva do material de observação que podem ser tornados claros e podem encontrar um significado significativo e consistente. Sempre julguei grave injustiça que as pessoas se tenham recusado a tratar a psicanálise como qualquer outra ciência. Essa recusa encontrou expressão no levantamento das mais obstinadas objeções. A psicanálise era constantemente censurada pela sua falta de completamento e insuficiência; embora seja claro que uma ciência baseada na observação não tem nenhuma outra alternativa senão elaborar seus achados de forma fragmentária e solucionar seus problemas passo a passo. (p. 73-74)

Anteriormente o organicismo era a forma de conceber a natureza, ou seja, o mundo era compreendido como um organismo vivo orientado para um fim. Galileu lança as bases para o mecanicismo. No mecanicismo, o mundo é compreendido à semelhança de uma máquina. Seus elementos ou partes estão interligados para um funcionamento preciso. Há leis

mecânicas que possibilitam a compreensão do seu funcionamento. Um dos grandes defensores do mecanicismo foi Descartes, o filósofo que mais influenciou a maneira ocidental de pensar. Parte da dúvida e justifica o poder da razão em perceber o mundo através da objetividade do pensamento. São suas estas palavras:

Eu não sei de nenhuma diferença entre as máquinas que os artesões fazem e os diversos corpos que a natureza por si só compõe, a não ser esta: que os efeitos das máquinas não dependem de mais nada a não ser da disposição de certos tubos, que devendo ter alguma relação com as mãos daqueles que os fazem, são sempre tão grandes que as suas figuras e movimentos se podem ver, ao passo que os tubos ou molas que causam os efeitos dos corpos naturais são ordinariamente demasiado pequenos para poderem ser percebidos pelos nossos sentidos. (apud ALMEIDA, 2004, p.8)

Freud, sem dúvida, sofreu influência do pensamento de Descartes. Em uma de suas *Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise*, que escreveu com a idade de 76 anos, numa época em que já havia escrito as bases da teoria psicanalítica, ele diz:

Nossa esperança para o futuro é que o intelecto – o espírito científico, a razão – possa, com o decorrer do tempo, estabelecer seu domínio sobre a vida mental do homem. A natureza da razão é uma garantia de que, depois, ela não deixará de dar aos impulsos emocionais do homem, e àquilo que estes determinam, a posição que merecem. (FREUD, 1987z, p. 208).

Isaac Newton (1642-1727) descreveu com linguagem matemática os movimentos dos planetas ao redor do sol, como havia afirmado Copérnico. Criou igualmente a “Lei da Gravidade” e o “binômio de Newton”, entre outros conceitos importantes.

As teorias desses três cientistas, ao mesmo tempo em que foram revolucionárias em termos de mudança de paradigmas, também suscitaram fortes resistências do meio científico e do clero, que via em suas descobertas uma afronta ao texto bíblico. Sobre o impacto que pesquisas científicas causam na sociedade, Freud (1987p) comenta os três grandes golpes narcísicos que a humanidade sofreu em decorrência das descobertas científicas.



O primeiro deles ocorreu com a descoberta de Copérnico, ao afirmar que a Terra gira ao redor do Sol. Desta feita, a espécie humana teve que rever sua ilusão de que estava no centro do Universo, isto é, o homem era o centro do Universo. No seu desejo onipotente, o Universo existia para e em função do Homem. O segundo golpe citado por Freud foi dado pelos estudos de Darwin, que veremos mais adiante.

Galileu e Newton influenciam o Iluminismo; neste período há uma busca para a emancipação da ciência do poder da igreja. Freud foi um defensor da primazia da razão e do conhecimento científico e um crítico contundente da interferência do pensamento religioso sobre o científico. Em 1933 ele escreve:

O que fazemos é enfatizar o fato de que, de modo algum, está sendo cogitada uma invasão da área da religião pelo espírito científico; pelo contrário, sim uma invasão, pela religião, na esfera do pensamento científico. Qualquer que seja seu valor e importância, ela não tem o direito, em nenhum sentido, de limitar o pensamento – não tem o direito, portanto, de se furtar à eventualidade de o pensamento tentar investigá-la. (FREUD, 1987z p. 207)

Pode-se observar o caminho das ciências como o movimento do homem em utilizar meios mais ligados à racionalidade do pensamento para a compreensão do mundo, ao invés do pensamento anímico. A religião oferece ao homem a crença de que ele não está sozinho para enfrentar as angústias frente ao desconhecido de si e do mundo, porém exige em troca um submetimento do homem às leis da Igreja. O não questionamento de seus dogmas trouxe como consequência ao conhecimento científico períodos de repressão epistemológica, uma vez que o pensamento religioso e o científico estiveram atrelados por mil anos na Idade Média. Três nomes que exemplarmente mostram a força coercitiva da Igreja Católica em abolir o conhecimento científico sempre que este ameace “as verdades da fé” (por mais paradoxal que seja essa expressão) foram Copérnico, Galileu e Newton.

A partir da Renascença, observa-se o despregamento do pensamento religioso, mágico e científico. Sabe-se que esse despregamento se dá lentamente, com avanços e recuos

ao longo da história, sendo que ainda nos dias de hoje várias práticas vindas da religião e do misticismo tentam validar-se no espaço das Ciências.

Freud (1987i) tinha uma clara consciência de que o saber da psicanálise era um saber científico. Concebia que o conhecimento podia ser adquirido através de sistemas de pensamento. O primeiro deles era o pensamento animista ou mitológico, em que eram atribuídos aos mitos, deuses, ou figuras da fantasia, as causas para as inquietações humanas. Exemplifica como um pensamento típico dos povos primitivos, das crianças e dos sujeitos que por alguma condição psicopatológica regrediam a este nível de funcionamento psíquico.

O segundo era o pensamento religioso; neste, a figura de Deus como uma entidade onipresente e onipotente representava a crença infantil de um pai todo poderoso a quem a criança deveria obediência e a repressão dos seus desejos edípicos.

O terceiro sistema de pensamento é o científico, onde o conhecimento é adquirido através de um pensamento ligado ao princípio da realidade. O conhecimento está ligado a uma percepção realística da realidade.

## 5.2 AS CIÊNCIAS NO SÉCULO XIX

### 5.2.1 A filosofia

A filosofia e a ciência neste século encontram-se influenciadas pelos ideais iluministas da Revolução Francesa. Há um interesse pela compreensão das bases econômicas que regem a vida social e política das pessoas, conforme destaca Chauí (2004). Com o crescimento dos centros urbanos, principalmente na Europa Ocidental, há um enfoque em medir a importância econômica que tem a agricultura ligada às áreas rurais e o comércio e a indústria que surgem como decorrência da urbanização.

A racionalidade continua embasando o pensamento filosófico. Pela razão, o homem pode conquistar a liberdade e a felicidade social e política. Através da razão o homem pode escapar dos preconceitos religiosos e morais, bem como dos seus medos e preconceitos.

No plano social, político e econômico há uma equiparação entre racionalidade e civilização. Assim, há uma divisão entre as civilizações mais avançadas e desenvolvidas com o exemplo mais característico dos países da Europa Ocidental, como a França e Alemanha, e as civilizações mais primitivas e consideradas selvagens, como as das Américas.

Ocorre um contraponto entre Natureza e civilização. A primeira é o campo dos fenômenos naturais e universais, que são regidos pelas leis de causa e efeito, estudadas pela

física e pela química. A segunda é o campo do humano, da liberdade: pela vontade, o ser humano irá fazer opções rumo a um aperfeiçoamento moral, que será estudado pela filosofia.

Nesse período há um grande interesse pelas ciências que se relacionam com a idéia de evolução e, por isso, a biologia terá um lugar central. Há igualmente grande interesse e preocupação com as artes, na medida em que elas são a expressão por excelência do grau de progresso de uma civilização.

Os principais pensadores do período foram: Hume, Voltaire, D'Alembert, Diderot, Rousseau, Kant, Fichte e Schelling (embora comumente este último seja colocado como filósofo do Romantismo).

Russell (1982) faz referência a duas vertentes da filosofia que se fizeram presentes no século XIX: a racionalista, mencionada anteriormente, e a romântica. A trajetória racionalista se faz presente com os filósofos franceses da Revolução, de forma atenuada com os filósofos radicais da Inglaterra, e culmina com Marx na Rússia Soviética, enquanto que a trajetória romântica passa por Byron, Schopenhauer, Nietzsche, e culmina com as ações de Mussolini e Hitler.

O Romantismo se desenvolveu entre o final do século XVIII e metade do século XIX. É considerado como o último movimento marcado pelo domínio cultural da Europa. Tem início na Alemanha como uma reação à racionalidade iluminista e uma oposição à filosofia de Kant. Foi essencialmente um movimento urbano, em um período em que as grandes cidades da Europa pós-Revolução Francesa tiveram um grande crescimento econômico. Os românticos típicos eram jovens estudantes, antiburgueses, que moravam em pequenas pensões e morriam muito jovens de tuberculose – chamada de “o mal do século” –, ou por praticarem suicídio.

É considerado um movimento de reação à visão de mundo predominante do Iluminismo, que era o mecanicismo. Assim, os românticos propõem uma volta à natureza,

vista como uma unidade. Voltam os valores da Antiguidade e do Renascimento (que já vimos anteriormente), bem como as idéias de filósofos como Aristóteles e Platão.

O Romantismo apresentou duas fases: O Romantismo universal e o Romantismo nacional. Na primeira, que se desenvolve em torno de 1800, predominava a preocupação com a natureza no âmbito universal, com uma visão holística e voltada para valores místicos. Na segunda, surgida num período posterior, seus integrantes se voltaram para a cultura popular e valores regionais, como a história e língua dos povos.

Desde Descartes o homem era entendido como um ser dividido: razão X desrazão ou, com Kant, razão X sentidos; agora, no Romantismo, o homem é entendido segundo uma visão integradora. O *eu* é glorificado e único. O processo da criação é visto como algo da ordem do indizível e da ordem do divino. São artistas desta época: na música, Beethoven; na poesia, Novalis; na literatura, os irmãos Grimm e E.T.A. Hoffmann.

Um grande filósofo desta época foi Friedrich Schelling (1775-1854), que propunha a abolição da divisão entre espírito e matéria. Para Schelling, toda a natureza, incluindo os seres vivos e os não vivos, eram a expressão de um espírito único, que também pode ser Deus. Assim, o espírito, que também está na consciência, está no Universo e dentro do próprio homem. É uma visão holística de ver o cosmos em todos os lugares, inclusive dentro de si. Deus representava a consciência, mas também representava o lado da natureza não conhecida, o lado obscuro, sua inconsciência. O filósofo Johann Gottlieb Fichte entendia a natureza como uma força superior inconsciente.

O filósofo Emmanuel Kant (1724-1804) faz parte do século XVIII. Gaarder (1995) comenta que Kant consegue pôr um fim à briga entre os racionalistas e empiristas no que concerne às bases em que está assentado o conhecimento do mundo: a razão ou os sentidos. Dá um passo adiante e diz que o Homem precisa dos sentidos para perceber o

mundo que é exterior a si. Contudo, o modo como ele percebe este mundo está determinado pela sua consciência.

Desenvolve como método filosófico o da crítica, que vem a ser a análise reflexiva das condições que tornam possível o conhecimento. Os juízos verdadeiros e universais, segundo o filósofo, são independentes da experiência. A experiência possui um caráter contingente e particular. Estes juízos prescindem da experiência porque sua verdade está na própria definição do objeto a ser conhecido. Por exemplo, não é necessário ver um triângulo para dizer que ele tem três ângulos: o triângulo é, por definição, constituído de retas formando três ângulos. Espaço e tempo são quadros *a priori* da percepção, do espírito. O espírito possui categorias para dar forma ao fenômeno estudado. O espírito dispõe da experiência no seu quadro espaço-temporal e imprime ordem e coerência através das suas categorias. O espírito constrói a ordem da natureza.

Kant chama de “revolução copernicana” seu entendimento de que é a partir da percepção humana que o mundo é construído. Utiliza-se do que diz Copérnico, que não é o Sol que gira em torno da Terra, mas o contrário, a Terra gira em redor do Sol. O conhecimento não ocorre por reflexo do objeto externo; pode-se entender que é o espírito humano que, através de sua percepção, constrói o mundo. O conhecimento fundamentado, vai dizer o filósofo, é o conhecimento científico capaz de ser categorizado dentro do espectro espaço-temporal. Porém há coisas que não podem ser captadas dentro desse espectro de percepção: são as coisas *em si*. O conhecimento humano está condicionado à lei de causa e efeito, que é uma categoria da consciência ou razão. Não é possível saber com certeza como as coisas são em si, porém é possível saber como as coisas são captadas pela consciência.

Freud, em 1915, no seu trabalho metapsicológico *O Inconsciente*, faz referência a Kant quando diz que o mundo externo é incognoscível: só temos acesso a este através do que pode ser percebido pelos sentidos e nomeado através das palavras. Diz que para uma

representação ter acesso à consciência, a representação de palavra deverá estar associada à representação de coisa. Quando não há esta associação a representação está inconsciente, ou seja, trata-se somente da representação de coisa (FREUD, 1987n, p. 197).

Kant também formula uma teoria sobre a moral. Considera o ser humano dual. Por um lado ele é dotado de sentidos, pertencendo à ordem da natureza. Quanto a este aspecto não existe o livre-arbítrio. De outro lado, o ser humano é dotado de razão: quando age segundo a lei moral está fazendo uma ação de não ser guiado pelas leis da natureza. Para Kant, neste momento o homem está exercendo a sua liberdade.

A lei moral kantiana é formulada com base no *imperativo categórico*, ou seja, a lei moral vale para todas as situações, possui um caráter universal e também é imperativa, é uma ordem. Para Kant, a capacidade de distinguir o certo e o errado é uma capacidade humana inata e também é uma propriedade da razão. Todas as pessoas têm acesso à lei moral universal e que funciona como máximas: todos estão submetidos a elas.

Freud utiliza o imperativo categórico de Kant para explicar a forma com que o *superego* freia, no *ego*, as pulsões oriundas do *id*. O *superego* é o guardião para a satisfação pulsional edípica. “O Imperativo Categórico de Kant é, assim, o herdeiro direto do complexo de Édipo.” (FREUD, 1987u, p. 209).

Outro filósofo importante do Romantismo foi o alemão Friedrich Hegel (1770-1831). Diverge de Schelling quanto ao seu conceito de “espírito do mundo”. Para Hegel existe o “espírito do mundo”, porém ele não está em toda parte do Universo: ele se restringe às manifestações humanas. Para Hegel, a verdade é subjetiva, não existe uma verdade absoluta, como propunha Kant. A verdade é subjetiva porque ela é válida em um contexto histórico. Assim, Hegel introduz no pensamento filosófico a importância do tempo histórico como um balizador para reconhecer a validade de uma determinada verdade.

Hegel vai chamar de “evolução dialética” para os três estágios de conhecimento humano obtido a partir da formulação de uma tese, uma antítese e uma síntese. Quando alguém discorda de uma tese vai construir argumentos para contrariá-la; Hegel chama isso de “pensamento negativo”, isto é, a negação da tese.

Russel (1882) qualifica Hegel como um metafísico que utiliza a palavra ‘lógica’ como semelhante à metafísica. A lógica de Hegel diz que quando um predicado ou atributo é tomado como um todo, isto o torna contraditório. O todo em sua complexidade e unidade é chamado por Hegel de “O Absoluto”.

A Alemanha era um país com um predomínio intelectual importante neste período. Tem Kant e Hegel como influenciadores do pensamento filosófico da época. Após a morte de Hegel, a filosofia acadêmica da qual ele fazia parte permaneceu tradicional e pouco importante como influenciadora do pensamento da época. Na Inglaterra predominou a filosofia empírica britânica. No final do século, tanto na Inglaterra quanto na França a filosofia de Kant e Hegel vai suceder a linha de pensamento ocupada pela filosofia tradicional.

Darwin (1809-1882), através da observação e coleta de plantas e animais, fósseis e vivos, terrestres e marinhos, acumulou dados para demonstrar a evolução das espécies. Através da sua teoria da "seleção natural" demonstrou como as espécies evoluem. Na natureza a lei é a da sobrevivência: só os mais aptos sobrevivem. As adaptações que as plantas e animais sofrem para garantir a sobrevivência ficam impressas nas modificações pelas quais as espécies vão passando ao longo da história.

Suas observações colidiram com o relato bíblico do livro do Gênesis, que diz que Deus criou as espécies já perfeitamente capacitadas para a perpetuação. Freud (1987p) comenta que as descobertas de Darwin representaram para a humanidade o segundo golpe narcísico. Como consequência desta teoria científica, o homem teve que se deparar com o fato



de não ser tão diferente, em termos de origem, das outras espécies animais. A crença humana de que ele se aproxima de uma ascendência divina e não mantém ligação com os animais foi um abalo para sua suposta onipotência. O terceiro golpe narcísico é nomeado por Freud como um golpe psicológico, por o *eu* não conseguir ser o dono da sua própria morada: ela é habitada pelo inconsciente, que é quem governa os desejos.

Karl Marx (1818-1884), filósofo e cientista social de família alemã judia, mas convertida ao protestantismo, foi responsável pela elaboração de uma doutrina econômica que mostra, com tratamento científico, como no sistema capitalista o operário vende a sua força de trabalho e como isto gera lucro ao capital. A "mais-valia", conceito criado por Marx, é o valor a mais que o trabalhador dá ao capitalista. Este valor a mais é o lucro do capital, uma vez que é gerado pelo *plus* (a mais) do trabalho do operário. Há uma série de termos usados pelo capital para significar a geração de mais-valia: aumento do ritmo de trabalho, redução de salários pela lei da oferta e da procura, uso de máquinas para aumentar a produção e reduzir o número de funcionários, etc.

O marxismo desencadeou uma reflexão crítica das chamadas ciências sociais, área onde se busca uma avaliação e aplicação ética dos conhecimentos científicos. As conseqüências da alienação do trabalhador foram estudadas pelos campos da medicina, da psicologia, da sociologia, da engenharia, entendendo-se o trabalho como um fator de adoecimento dentro da sociedade burguesa e do sistema capitalista.

### **5.2.2 A física e a química**

A partir do seu desenvolvimento, a física no século XIX obteve um grande *status* no meio científico. Freud procurava equiparar ao método da física, pautada na observação, a

própria psicanálise, porém há uma sutileza em sua argumentação. Ao mesmo tempo em que afirma a importância da observação para o conhecimento científico, diz que mesmo na física as suas noções básicas “são quase tão discutíveis quanto” as da psicanálise. Veja-se este trecho do seu trabalho *Sobre o narcisismo: uma introdução*, de 1914.

Esta última não invejará a especulação por seu privilégio de ter um fundamento suave, logicamente inatacável, contentando-se, de bom grado, com conceitos básicos nebulosos mal imagináveis, que espera apreender mais claramente no decorrer de seu desenvolvimento, ou que está até mesmo preparada para substituir por outros, pois essas idéias não são o fundamento da ciência, no qual tudo repousa: esse fundamento é tão-somente a observação. Não são a base, mas o topo de toda a estrutura, e podem ser substituídas e eliminadas sem prejudicá-la. Em nossos dias, a mesma coisa vem acontecendo na ciência da física, cujas noções básicas no tocante a matéria, centros de força, atração etc. são quase tão discutíveis quanto as noções correspondentes em psicanálise. (FREUD, 1987l, p. 93-94)

Os cientistas estudaram a conversão do trabalho em calor e do calor em trabalho, propuseram a lei da conservação da energia, determinaram as leis que regem o rendimento de máquinas térmicas e estabeleceram o conceito de entropia e a segunda lei da termodinâmica. No seu trabalho intitulado *História de uma neurose infantil*, de 1918, Freud escreve:

A grande mobilidade ou morosidade das catexias libidinais (bem como de outros tipos de catexias enérgicas) são características particulares que se vinculam a muitas pessoas normais e de modo algum a todos os neuróticos, e que, até agora, não foram relacionadas com outras qualidades. São, por assim dizer, como números primos, não divisíveis. Sabemos apenas uma coisa: que a mobilidade das catexias mentais mostra uma diminuição surpreendente à medida em que a idade avança. Isso nos propiciou uma das indicações dos limites dentro dos quais o tratamento psicanalítico é efetivo. Há pessoas, no entanto, que conservam essa plasticidade mental muito além do limite de idade habitual, e outras que a perdem prematuramente. Se estas últimas são os neuróticos, estamos diante da desagradável descoberta de que é impossível anular nelas as manifestações que, em circunstâncias aparentemente semelhantes, são facilmente tratáveis em outras pessoas. De modo que, ao considerar a conservação [conservação] da energia psíquica, não menos do que a de energia física, devemos fazer uso do conceito de entropia, que se opõe à anulação do que já ocorreu. (FREUD, 1987p, p. 144)

Como já se viu em outras passagens, Freud utiliza vários termos e conceitos oriundos das ciências naturais. Aqui utiliza o conceito físico da entropia para explicar a falta de mobilidade dos investimentos libidinais que a fixação da energia sexual ocasiona. Por obra

de processos específicos da vida mental, a energia psíquica se comporta analogamente à energia física no que concerne à reversibilidade da energia.

Na física há um sentido natural e espontâneo para que haja transferência de calor de um objeto a outro. Por exemplo, a água quente em um recipiente transfere calor para a água fria posta em contato em outro recipiente. Porém, não é possível a água quente voltar à mesma temperatura quando for afastada do recipiente da água fria. A entropia, ou seja, medida de energia da água, não pode ser revertida. Em relação à energia psíquica, se a libido ficou fixada na fase oral, não haverá mais a mesma quantidade de energia disponível para ser transferida para a nova fase, ou seja, a fase anal do desenvolvimento da libido. Dito de outra maneira, a energia não pode ser revertida.

Se compararmos a Física do final do século XIX com a de cem ou duzentos anos antes, pode-se considerar que o avanço científico foi espantoso. Os maiores sucessos, entretanto, não foram as descobertas de novos fenômenos, mas os resultados teóricos que revolucionaram a visão sobre os principais fenômenos físicos.

Sendo uma ciência da natureza e considerada uma ciência pura, por ser pautada na observação e experimentação dos fenômenos, a física também sofre transformações no seu método de pesquisa. A princípio suas descobertas são decorrentes das observações dos fenômenos. Em um segundo momento, a partir do nascimento da ciência moderna com Galileu, as observações adquirem um caráter controlado e experimental e ganham um reforço do método matemático. A partir do século XIX, já com um conhecimento acumulado e especificado nas diferentes áreas da física como a eletricidade, a mecânica e o magnetismo, realizam-se pesquisas teóricas, ocorrendo as grandes sínteses como o eletromagnetismo e a física quântica.

A ciência, a partir do final do século XIX, vai trilhando um caminho por considerar que é possível haver conhecimento não só da observação da realidade, mas

também de conjecturas teóricas, o que se aproxima das idéias de Kant e do próprio desenvolvimento da psicanálise.

A química teve um grande desenvolvimento ao longo de todo o século XIX. Milhares de substâncias naturais são estudadas e outras tantas são sintetizadas em laboratório. Os estudos da química do carbono (química orgânica) permitem a obtenção e produção em larga escala de combustíveis, medicamentos, vários processos de conservação de alimentos, corantes, fibras e outros insumos para a indústria, inclusive alguns tipos de plástico.

Mesmo utilizando-se de vários termos oriundos da física e da química nos seus textos, como *análises*, *forças* e *movimentos*, para descrever os fenômenos psíquicos, Freud mantinha plena consciência de que as analogias tinham a função de legitimar a psicanálise como um conhecimento científico. Contudo, também expressa, quando necessário, as diferenças entre elas, e mais do que tudo, que se trata de objetos de estudo diferentes. Na passagem citada abaixo, no seu estudo sobre as pulsões (1915), ao falar sobre a fonte pulsional deixa claro que os processos somáticos são da ordem dos processos físico-químicos. A psicanálise vai estudar as representações psíquicas que são inscritas sobre este corpo biológico.

Por fonte [*Quelle*] de um instinto entendemos o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por um instinto. Não sabemos se esse processo é invariavelmente de natureza química ou se pode também corresponder à liberação de outras forças, por exemplo, forças mecânicas. O estudo das fontes dos instintos está fora do âmbito da psicologia. (FREUD, 1987m, p.143).

Nesta outra passagem (de 1912) está um exemplo de analogia realizada por Freud, quando compara a análise dos processos psíquicos à dos processos químicos.

Na verdade, acostumamo-nos a atribuir a todo ser humano civilizado certa quantidade de repressão e impulsos perversos, determinada cota de erotismo anal, de homossexualismo e assim por diante, bem como uma porção de complexo paterno e complexo materno e de outros complexos fora esses, tal como na análise química de uma substância orgânica esperamos encontrar certos elementos: carbono, oxigênio, hidrogênio, nitrogênio e traços de enxofre. O que distingue as substâncias orgânicas umas das outras são as quantidades relativas desses elementos e a maneira pela qual

as ligações entre eles se acham constituídas. Do mesmo modo, no caso das pessoas normais e neuróticas, o que se acha em debate não é se esses complexos e conflitos existem, mas se se tornaram patogênicos e, nesse caso, mediante que mecanismos assim se tornaram. (FREUD, 1987h, p. 314).

### 5.2.3 A medicina

Segundo Sournia (1992), a medicina se torna um saber científico a partir do século XIX. Todos os conhecimentos adquiridos nos séculos anteriores ganham um novo *status* graças ao espírito da racionalidade da época. A evolução da medicina no século XIX é marcada pelo desenvolvimento social, político e econômico dessa época. A Revolução Francesa, ocorrida no final do século XVIII, traz no século XIX seus desdobramentos. É relevante ter-se em conta que foi no decorrer do século XIX que os demais países da Europa vão sofrendo as influências sócio-econômicas da Revolução Francesa.

O início do capitalismo já é vislumbrado com o surgimento das indústrias de extração (carvão e minério de ferro) e de produção (fiação, tecelagem e metalurgia). A Europa é o centro do mundo, estendendo seus domínios às terras colonizadas em outros continentes. As cidades européias recebem um grande contingente de mão-de-obra na zona urbana. É necessária uma reorganização social que até então era constituída pela nobreza e plebeus. Agora a sociedade é dividida em classes sócio-econômicas, criam-se as subdivisões entre os ricos e pobres. No final do século XIX a medicina terá que ser oferecida a todas as classes. É necessário haver o controle das epidemias que, devido à concentração urbana e à produção industrial, torna-se fundamental à manutenção do novo sistema econômico.

A Revolução Francesa vai imprimir profundas modificações ao ensino da medicina. Com seus ideais de liberdade-igualdade-fraternidade as assembleias revolucionárias fecham as faculdades de medicina e suprimem os títulos de médicos adquiridos pela formação acadêmica. Como todas as outras profissões, a prática médica pode ser exercida por qualquer pessoa que se qualifique para tal.

Depois da queda de Robespierre, em março de 1794, inicia-se a reconstrução do sistema de formação médica. Antonin Fourcroy (1755-1809) restabelece três escolas: em Paris, em Montpellier e em Estrasburgo. A medicina francesa vai imprimir, nesta época, modificações ao ensino que perduram até os dias de hoje. Há uma unificação entre os médicos e cirurgiões que até então tinham uma formação separada. A partir dessa época, todos os médicos, independentemente da especialização que exercerem, terão a mesma formação acadêmica.

Ocorre o acréscimo, ao antigo ensino teórico existente, de uma formação prática. Os hospitais, até então lugar dos miseráveis, vão ganhar um reforço financeiro passando ao poder dos municípios. Serão também o lugar da formação médica, sendo povoado pela presença dos estudantes de medicina. Cria-se a disciplina de ensino e prática dos "partos", que até então era de responsabilidade dos cirurgiões. A cadeira de partos é exercida por Jean-Louis Bedelocque (1746-1810). É criada por ele a maternidade de *Port-Royal*, que continua a ser considerada um local de referência para o ensino.

Tem-se pelas reformulações ocorridas no ensino médico na França, a partir da Revolução Industrial, uma formação unificada de prática médica. A França vai constituir, no século XIX, o país na dianteira das inovações na área médica. A igreja perde o seu poder no ensino da medicina e dentro dos hospitais. É a chamada "revolução científica", que tem o saber laico e a racionalidade como soberanos, proporcionando um espaço cultural propício para descobertas e emergência de nomes importantes no século XIX.

Philippe Pinel (1745-1826) dirige a primeira escola psiquiátrica francesa e foi um dos responsáveis pela vacinação contra a varíola. Os métodos da ciência médica sobrepõem-se às especulações filosóficas, e adota-se o modelo científico da observação do fenômeno e da experimentação. Os médicos passam a adotar o interrogatório como método clínico, a observação da evolução do paciente e a dissecação anatômica de cadáveres. Assim, há uma geração de médicos que trazem contribuições científicas valiosas à prática clínica, tais como: François-Xavier Bichot (1771-1802), que realiza um estudo sobre as membranas; Théophile-René Laenner (1781-1826), que cria o estetoscópio; Jean-Baptiste Bouilloud (1796-1881), que cria a medicina anátomo-clínica, dando ênfase ao exame clínico do paciente; estuda também as lesões nervosas e estabelece a relação entre os reumatismos inflamatórios e as lesões cardíacas; Pierre-Charles Louis (1787-1872) alia o método matemático à medicina e cria o "método numérico", que une a observação apurada dos sintomas à sua repetição e frequência. Introduce os cálculos de probabilidade na ciência médica e é considerado o precursor da estatística médica.

Essa geração de médicos franceses vai influenciar a ocorrência de novas descobertas na área em outras partes da Europa. A Inglaterra e a Áustria de Freud serão os países mais fecundos em contribuições.

Surnia (1992) comenta que nos séculos passados a medicina se voltou mais para a terapêutica com o uso de drogas, muitas delas ineficazes. Já no século XIX a ênfase recai sobre a prevenção e o diagnóstico das enfermidades. Os franceses vão relacionar os sintomas clínicos a lesões orgânicas, associar alterações tecidular a um sinal particular e uma alteração funcional determinada, com isso, cada doença pode ser identificada por um conjunto de sinais e sintomas específicos.

Claude Bernard (1813-1878) foi um importante médico fisiologista. Fixou as regras da pesquisa biológica. A sua obra *Introdução à medicina experimental* (1865) contém

as regras e critérios básicos para os experimentos na área da fisiologia e reflexões filosóficas sobre a prática da medicina. Antes de escrever esse livro, já havia se dedicado aos estudos sobre as secreções do pâncreas, os papéis antagônicos entre o Sistema Nervoso Simpático e o nervo Pneumogástrico, vasomotricidade, transformação de açúcar em glicogênio entre outros. Estabelece o conceito da função que cada tecido ou órgão ocupa dentro da fisiologia humana dentro do princípio da vida. Estuda também o meio interno, que vem a ser um conjunto de processos físico-químicos que irrigam os tecidos do corpo. Claude Bernard vai dizer que a vida depende da constância do meio interno, na medida em que uma modificação neste meio pode desencadear modificações nos diversos órgãos do corpo.

Roudinesco (2000) chama a atenção sobre a proximidade que Freud mantinha com as ciências naturais, que eram consideradas a ciência por excelência, em contrapartida com as ciências filosóficas que, por serem especulativas, não são passíveis de experimentação e refutabilidade.

A autora pontua as correlações que Freud realiza entre as estruturas cerebrais e o aparelho psíquico em um trabalho que para ele nunca passou de um rascunho. Este trabalho foi publicado após a sua morte, graças ao fato de a Princesa Marie Bonaparte tê-lo reavido junto aos pertences de Fliess e não ter dado a Freud, que queria destruí-lo.<sup>13</sup>

Freud (1987a [1895]) inicia assim este trabalho:

A intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição. Duas são as idéias principais envolvidas: [1] A que distingue a atividade do repouso deve ser considerada como Q, sujeita às leis gerais do movimento. (2) Os neurônios devem ser encarados como partículas materiais. (p. 315)

Observa-se a relação estabelecida entre o psíquico e o neuronal para dar embasamento verificável, experimental e mensurável aos processos psíquicos. O autor

---

<sup>13</sup> O trabalho em questão é “O projeto para uma psicologia científica (1895)”, que foi publicado pela Edição Standard Brasileira e faz parte das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud v. I.



aproxima a idéia de funcionamento psíquico à idéia da física de movimento dos corpos e da fisiologia sobre o funcionamento do Sistema Nervoso.

Freud apresenta um estilo telegráfico neste trabalho, o que não acontece nos outros trabalhos. Chama a atenção do tradutor James Strachey que as abreviações que se mantêm ao longo do texto não se restringem às palavras, mas também a frases. Assim, há frases onde não há artigos, pronomes, vírgulas, fechamento de parênteses e outras omissões que, além de dificultar o trabalho dos tradutores, evidencia o estilo telegráfico de um manuscrito que teve várias partes escritas num trem. Neste trabalho, Freud esboça o funcionamento psíquico numa linguagem neurofisiológica e quantificável. São alguns dos termos utilizados ao longo do trabalho: inércia e excitação neuronal, acúmulo, descarga e condução de energia, células perceptuais e mnêmicas.

A medicina, nas últimas décadas do século XIX, é influenciada por duas correntes: de um lado o interrogatório do médico para o paciente e a relação que se estabelece entre eles, que por si só já é terapêutica; de outro lado, as descobertas da física e da química que colocam a serviço da medicina o laboratório capaz de analisar, dosar e numerar as alterações físico-químicas dos organismos.

O combate às infecções vai marcar o progresso da medicina na segunda metade do século XIX. Louis Pasteur (1822-1895), como químico, trabalha para uma indústria de vinho e de cerveja, para investigar a melhor forma de conservação das bebidas. Aprofunda-se mais nos mecanismos da fermentação e identifica as leveduras microscópicas. Logo após, identifica o germe microscópico que causa a doença epidêmica do bicho da seda. “Pasteur terá o mérito de demonstrar a universalidade da vida microbiana, aconselhando mesmo os cirurgiões a não operar senão com instrumentos esterilizados, e a não utilizar senão pensos previamente escaldados”. (SOURNIA, 1992, p. 253). Embora não tenha inventado a vacina (quem o fez foi Jenner), Pasteur foi o primeiro a utilizar o próprio germe da doença a ser prevenida, depois de

realizar vários processos para atenuar a sua virulência. A partir dos estudos de Pasteur, surge a bacteriologia como um ramo indispensável à medicina. Os hospitais se equipam de laboratórios. Provada a existência do mundo microscópico, é provada também a existência das doenças contagiosas. As bactérias são identificadas como as responsáveis pelas mais diversas doenças. Até as doenças mentais são identificadas na sua etiologia com o espiroqueta da sífilis.

O alemão Robert Koch (1843-1910) confirma a tese da “especificidade”, segundo a qual cada doença é devida a um determinado germe. Ele identifica o bacilo da tuberculose e o vibrião da cólera. Rudolph Virchow (1821-1902) demonstra que cada tecido é formado por um tipo particular de célula. Fala sobre a reprodução celular, ou seja, cada célula nasce de uma célula semelhante. Vai afirmar que a célula é a unidade orgânica, a forma elementar de vida, e que cada célula tem uma função definida. A alteração de uma ou mais células dá origem à patologia celular. Na segunda metade do século, a anatomia patológica microscópica se desenvolve de forma semelhante ao desenvolvimento da autópsia na primeira metade do século.

A partir de 1806, isola-se a morfina a partir do ópio, depois a codeína, a heroína, a emetina, a estricnina, a cafeína, etc. Enfim, a química se distingue da física e concentra-se em retirar as substâncias ativas dos vegetais para a fabricação de medicamentos. A partir da fabricação da seringa por Charles Pravoz (1791-1853) abre-se a possibilidade da administração dos novos medicamentos líquidos. No século XIX se desenvolvia a procura dos princípios ativos das plantas da farmacopéia medieval. A química penetra no processo de decomposição dos alimentos no organismo e descobre as enzimas como uma substância presente nesse processo.

Com a influência da termodinâmica, os termômetros tornam-se menores e mais precisos e a verificação da temperatura e da pulsação torna-se processo importante para

detectar sinais de certas enfermidades. A partir da descoberta de Thomas Edison no século XIX sobre a eletricidade, o médico passa a explorar as cavidades obscuras do corpo (ampolas luminosas, laringoscópio, eletrocardiograma, etc).

Willian Morton, em 1846, vai descobrir o poder anestésico do éter. Como consequência, novas experiências são realizadas e a anestesia vai se firmar como uma técnica auxiliar nas cirurgias. A assepsia nas cirurgias e curativos pós-operatórios vai ser mais eficaz a partir das contribuições de Pasteur. Com o controle da dor pela anestesia, o controle das infecções pelas técnicas de assepsia e uma plena iluminação das salas de cirurgia, as técnicas de cirurgia adquirem uma grande expansão. Na clínica médica inicia-se uma tendência para as especialidades médicas. Os grandes clínicos cedem lugar aos especialistas. Surge Jean-Martin Charcot (1825-1893), neurologista, fundador da Escola de Salpêtrière em Paris.

Foucault (2004) chama a atenção para uma característica marcante da medicina a partir do século XIX. Decorrente de toda a evolução da ciência, que resumidamente se apresentou neste capítulo, o médico foi se afastando paulatinamente da sua posição de observador. Os procedimentos, as técnicas, os instrumentos, e todo um aparato de outras áreas, que foram sendo incorporados à prática da medicina, mudaram o sistema de informação. O médico deixa de ter o lugar do registro e da interpretação das informações e transforma-se num solicitante de exames laboratoriais e emissor de receitas, ou seja, as descrições perceptivas de outrora se tornam observações mediadas por instrumentos e cálculos.

O autor prossegue suas considerações sobre a formação do discurso médico no século XIX, e entende que ele foi modificado por uma nova rede de filiações que a sua prática adquiriu. A formação do discurso do médico clínico deve ser considerada com a relação deste discurso nos lugares institucionais de onde o médico obtém a sua legitimidade: o hospital, a clínica privada, o laboratório e as informações de que dispõe. É da regularidade destes feixes

de relações que o médico adquire o seu *status* e, conseqüentemente, o seu lugar de enunciação discursiva. É preciso saber quem fala, de onde fala e qual a sua posição em relação aos objetos apresentados.

Freud (1987w), em *Um estudo autobiográfico*, de 1925, comenta que nunca teve uma vocação específica para a carreira médica. Seu pai o havia deixado à vontade para seguir a sua predileção. Fala sobre suas preferências para a leitura, seu interesse pela história da Bíblia e a curiosidade pelas ciências humanas. Atribui a sua escolha pela medicina à influência das teorias de Darwin na compreensão de mundo e por ter escutado o ensaio de Goethe “Fragment über die natur” em uma conferência pouco antes de ter terminado a escola.

Em outro artigo que se intitula *A questão da análise leiga* de 1926, Freud (1987x) diz que na juventude se encontrava às voltas com a necessidade de compreender e buscar soluções para os enigmas do mundo e viu na medicina uma forma de fazê-lo. Seu interesse inicial foi pelas pesquisas em laboratório no ramo da zoologia e da química, porém seu envolvimento maior foi com a fisiologia. Declara que o professor Brücke “[...] teve mais influência sobre mim do que qualquer outra pessoa em toda minha vida” (FREUD, 1987x, p. 288).

Porém as circunstâncias fizeram com que Freud se afastasse da carreira acadêmica. Não dispunha de uma situação financeira que lhe possibilitasse o trabalho de pesquisa que, já naquela época, era pouco remunerado. Acrescido a isso, havia o seu desejo de casar-se e sustentar a família. Assim, passou da histologia do sistema nervoso para a neuropatologia.

Em 1883, conforme destaca o biógrafo Jones (1979), Freud foi trabalhar no laboratório do neurologista Meynert. Realizou estudos sobre o cérebro de recém-nascidos e sobre as paralisias faciais. Foi o primeiro médico em Viena a diagnosticar a causa da morte por polineurite aguda, confirmada com o exame de autópsia. A partir da descoberta da

eletricidade, a neurologia desenvolve a terapia elétrica. Freud se interessou por estudar mais os efeitos terapêuticos deste novo instrumento. Estudou com Bettelheim, Heither, Plowitz entre outros.

É digna de nota uma observação que faz quando atende a sua primeira paciente particular e aplica a eletroterapia. Percebe que o sucesso terapêutico depende mais da personalidade da paciente do que do próprio instrumento. Mais tarde iria estudar o poder da sugestão nos tratamentos. Durante os dezoito meses em que Freud se ocupou da neurologia em Viena, antes de sua ida a Paris, destacou-se pelos seus trabalhos realizados no campo da histologia do sistema nervoso. Desenvolveu novos métodos para o exame do tecido nervoso. Um deles foi colorir o tecido nervoso com uma solução de cloreto de ouro. Pesquisou por dois anos o bulbo raquidiano e publicou três trabalhos sobre o tema.

Nas investigações histológicas que realizou com Brücke, primeiramente se deteve nos aspectos mais arcaicos (filogenéticos) e depois se voltou para os aspectos ontogênicos. Nas suas investigações posteriores sobre os fenômenos psíquicos também trilhou este caminho.

Freud permaneceu em Paris de outubro de 1885 a fevereiro de 1886 com o mestre da neurologia Charcot, no hospital de Salpêtrière. Ficou fascinado pelo carisma e o discurso envolvente de Charcot ao proferir suas aulas, com a presença dos pacientes, para a apresentação dos casos clínicos. Contudo, continuava o seu interesse pelas investigações anatômicas e fazia estudos no laboratório de Salpêtrière. Realizava investigações anatômicas em cérebros de crianças. Conforme declara Jones (1979), pela correspondência que Freud mantinha com sua noiva Marta, sabe-se que ele deixou de se dedicar à pesquisa científica porque dessa forma não conseguiria sustentar uma família.

Por motivos que apontam para sua judeidade, Freud não conseguia ter uma carreira universitária, o que lhe possibilitaria dedicar-se à pesquisa. Desta forma só lhe restava

a clínica, e foi assim que abriu seu consultório de neurologia em Viena. Seu interesse pela psicopatologia e pela clínica médica teve grande influência de Charcot. Durante os cinco anos seguintes, Freud se dedicou a fazer trabalhos de tradução e a escrever trabalhos científicos sobre anatomia, fisiologia e neuropatologia infantis.

A publicação seguinte, em 1891(1977), foi o seu trabalho sobre as afasias. É considerado como o mais importante dos seus trabalhos em neurologia. É possível observar o seu estilo argumentativo e persuasivo, bem como o ordenamento que dá aos argumentos para no final apresentar suas proposições. Este estilo se mantém ao longo de sua obra.

O trabalho sobre as afasias é um estudo crítico sobre o modo como era entendida a perturbação da fala. Broca, através de suas pesquisas, descobriu, em 1861, uma área do lóbulo frontal que, quando lesionada, dá origem à afasia motriz (perturbação grosseira da função da fala) e Wernicke, em 1874, localizou uma área do lóbulo temporal cuja lesão dá origem à afasia sensorial (incapacidade de entender a linguagem).

Wernicke e Lichtheim construíram diagramas com localizações cerebrais para explicar as inúmeras variedades de perturbações da fala. A cada nova perturbação se abria uma nova área de localização. Isto ocasionou complicadas leituras gráficas e muitos erros diagnósticos que eram constatados pelas autopsias. Freud propôs uma explicação de origem funcional, ao invés do esquema de diminutas localizações para as afasias, com exceção das afasias motora, acústica e visual, que continuaram com a origem nas localizações cerebrais. Divergiu das teorias de Broca e Wernicke reduzindo a importância das áreas lesionadas a uma questão anatômica e não fisiológica, como propunham os referidos pesquisadores.

Surgiu um Freud mais desvinculado da escola mecanicista de Helmholtz na qual havia se formado. Divergiu dos ensinamentos de Meynert, que postulava uma associação localicionista entre o pensamento e as palavras. Criticou também as idéias de Meynert, que dizia que o córtex contém uma projeção das partes do corpo. Propôs uma maior diferenciação

entre os processos fisiológicos e os psicológicos. Os últimos trabalhos realizados por Freud na área da neurologia estão relacionados às suas investigações no Instituto infantil de Kassowitz. Os trabalhos são da área da paralisia infantil, e Freud se transformou na primeira autoridade sobre este tema.

Na área das doenças mentais há nomes que se destacam como Pinel, Esquirol, Mesmer, Charcot, Janet, Breuer e Freud. Pela estreita relação que há entre a psiquiatria, a neurologia e o surgimento da psicanálise, este tema foi também tratado na seção “A história da loucura”.

#### **5.2.4 A história da psicologia**

A psicologia constituiu-se como área do conhecimento científico no final do século XIX, mais precisamente em 1875, quando Wilhelm Wundt (1832-1926) criou o primeiro “Laboratório de Experimentos em Psicofisiologia”, em Leipzig, na Alemanha. Não obstante isto, a psicologia enquanto estudo da alma já existia entre os gregos desde a Antiguidade. O próprio termo “psicologia” vem do grego *psyché*, que significa “alma”, e de *logos*, que significa “razão”.

Etimologicamente a significação que é dada ao termo “Psicologia” é “estudo da alma”. A alma ou o espírito se refere a tudo o que não é material no homem, ou seja, os pensamentos, sentimentos, desejos e assim por diante. Não invalidando esta significação já estabelecida na cultura, pode-se pensar nos termos *psyqué* e *logos* significando uma justaposição da alma e da razão – o que de alguma forma está presente no pensamento filosófico no que diz respeito ao dualismo entre a alma e a razão.

Outro aspecto para o qual chamo a atenção é que, no momento em que se diferenciou da filosofia, a psicologia precisou fazer alguns acertos, como veremos mais adiante, para ser aceita no campo das ciências, porém ela não surge aí. A psicologia já existia dentro do campo da filosofia, assim como já existiam outros saberes, como a matemática, a física, a química, a astronomia, em uma época em que a filosofia englobava as tentativas humanas de sistematização dos saberes.

Diferentemente, a psicanálise surge a partir de Freud; anteriormente não existia como saber e prática dentro da filosofia, ou posteriormente, dentro da medicina. Na própria história da psicanálise, ela está ligada aos acontecimentos ligados ao seu criador, enquanto que a história da psicologia está ligada aos gregos. Embora exista uma data que demarque o nascimento da psicologia como ciência, também existe uma época na Antiguidade que traz a preocupação dos filósofos em entender a alma ou o espírito humano.

Retoma-se Foucault (1997) quando trata da diferença entre a instauração de uma discursividade e a fundação de uma ciência. Na primeira, o que está em jogo é a existência de um autor que marca um excesso, que vai gerar novos textos derivados dele. Será necessário voltar às origens: fazer um retorno a Freud e, nos vazios do seu texto, fazer novos textos. É preciso haver um esquecimento estrutural do que já foi dito, para retornar e dizer de outra maneira. É o que aconteceu com Lacan que, ao fazer um retorno ao texto freudiano, construiu a teoria lacaniana, sem romper com o fundador. Na fundação de uma ciência, por outro lado, as modificações futuras estão no mesmo plano que a sua fundação, há um caráter de desenvolvimento das teorias originárias. Penso também, no caso das ciências, que a relação com o autor fundador não é tão visceral quanto com os fundadores de discursividade.

Continuando o tema da fundação de uma ciência, Pêcheux (1997) demarca dois momentos deste processo. Primeiramente, o momento em que há uma ruptura epistemológica com a ideologia vigente. A ciência precisa construir, com bases teóricas e conceituais, as



bases para dar sentido a um novo discurso. Em um segundo momento, dá-se a aplicabilidade das novas bases conceituais. O objeto da ciência é posto em prova experimental: é o que Pêcheux chama de “reprodução metódica”.

O autor faz referência ao momento fundador de uma ciência, em que é construída uma nova forma de utilização dos instrumentos. Estes instrumentos podem ser retirados das ciências já estabelecidas ou das práticas técnicas dos processos de produção – por exemplo, as balanças que eram usadas nas transações comerciais e viraram instrumentos científicos através de Galileu. Mesmo que um instrumento seja transferido de um ramo da ciência para outro, este instrumento ganha nova interpretação, pois será analisado sob a concepção teórica de uma nova ciência.

Até aqui, fazendo um paralelo com textos que tratam da filosofia, medicina, psicologia e outras áreas da ciência, não existe um saber anterior ao surgimento da psicanálise que se possa dizer que daí ela surgiu ou que dela se diferenciou. Ao mesmo tempo em que Freud trata sobre temas que já foram estudados por outros pensadores, como a sexualidade, o inconsciente, a loucura, entre outros, ele também subverte o sentido já dado e funda um novo sentido. É claro que esta fundação não é um fato linear e histórico. No próprio discurso freudiano há avanços e recuos. Há necessidade de pontos de ancoragem aos discursos já ditos e validados (científicos); simultaneamente, há acontecimentos discursivos que rompem os sentidos anteriores. Há dispersão e regularidade na formação do discurso fundador freudiano.

Os filósofos pré-socráticos, retomando o tema da psicologia, discutiam temas relacionados ao que seria chamado depois de *psicologia da percepção*. A questão era se a existência do mundo se dava a partir da percepção humana, ou seja, se a idéia forma o mundo – a tese idealista – ou se o homem percebe um mundo já existente – a tese materialista.

Com Sócrates (469-399 a.C.) ocorre uma diferenciação entre o funcionamento instintivo dos animais e o pensamento racional dos homens. Sócrates é o primeiro filósofo a

definir a razão como algo exclusivo do homem. A partir daí abre-se um caminho que foi percorrido por vários outros filósofos, como Platão, Santo Agostinho, Descartes e Spinoza. Como ressalta Bock (2002), as teorias da consciência são fruto desta sistematização realizada por Sócrates.

A filosofia toma a razão e a consciência como o principal tema dos seus estudos, sendo este o aspecto principal a que Freud se referia para marcar a diferença entre a filosofia e a psicanálise. Em um trabalho intitulado *O interesse científico da psicanálise*, de 1913, Freud (1987j) sistematiza seu ponto de vista sobre o assunto:

Em particular, o estabelecimento da hipótese de atividades mentais inconscientes deve compelir a filosofia a decidir por um lado ou outro e, se aceitar a idéia, modificar suas próprias opiniões sobre a relação da mente com o corpo, de maneira a se poderem conformar ao novo conhecimento. É verdade que a filosofia repetidamente tratou do problema do inconsciente, mas, com poucas exceções, os filósofos assumiram uma ou outra das duas posições seguintes: ou o seu inconsciente foi algo de místico, intangível e indemonstrável, cuja relação com a mente permaneceu obscura, ou identificaram o mental com o consciente e passaram a deduzir dessa definição que aquilo que é inconsciente não pode ser mental nem assunto da psicologia. Essas opiniões devem ser atribuídas ao fato de os filósofos terem formado seu julgamento sobre o inconsciente sem estarem familiarizados com os fenômenos da atividade mental inconsciente e, assim, sem qualquer suspeita de até onde esses fenômenos se assemelham aos conscientes ou em que aspectos deles diferem. Se alguém, tendo esse conhecimento, não obstante se aferrar à convicção que iguala o consciente ao psíquico e, conseqüentemente, nega ao inconsciente o atributo de ser psíquico, nenhuma objeção, naturalmente, pode ser feita, a exceção de que essa distinção resulta ser altamente impraticável, pois é fácil descrever o inconsciente e acompanhar seus desenvolvimentos, se o abordarmos pelo lado de sua relação com o consciente, com o qual tem tanto em comum. Por outro lado, parece não haver ainda possibilidade de abordá-lo pelo lado dos acontecimentos ou fatos físicos, de maneira que se acha destinado a continuar sendo assunto de estudo psicológico. (p.213-214).

Platão (427-347 a.C.) deu um lugar para a morada da alma e definiu a cabeça como a sede do espírito e da razão. Concebia a alma separada do corpo; após a morte a alma estava livre para ocupar outro corpo. Mais uma vez a alma fica equiparada à razão e a cabeça é sede da racionalidade, contudo a alma possui o atributo da imortalidade.

Aristóteles (384-322 a.C.) escreveu *De anima*, considerado o primeiro tratado em Psicologia. É um estudo sobre as diferenças entre sensações, percepções e razão. Propunha

que a alma é o princípio da vida; sendo assim, todos os seres vivos possuíam uma psique. Dizia também que o corpo e a alma estão unificados. Para Aristóteles, ao contrário de Platão, a alma é mortal.

Na Idade Média, como em todas as outras áreas, a Igreja Católica vai monopolizar o estudo do psiquismo. Santo Agostinho (354-430), à semelhança de Platão, compreende a alma separada do corpo, porém amplia a compreensão da alma atribuindo-lhe, além da razão, a sua vinculação com a manifestação divina. A alma imortal aproxima os homens de Deus. A Igreja passa a se ocupar da compreensão da psique humana. O corpo é a sede da alma, o corpo morto é o símbolo do encontro da alma com Deus. Nas universidades observa-se a aproximação entre o estudo da Filosofia, da Teologia e da Psicologia.

São Tomás de Aquino (1225-1274) viveu em uma época em que havia um declínio do poder da Igreja Católica com o surgimento do protestantismo e os precursores do capitalismo. Justifica os dogmas da Igreja com argumentos racionais e continua mantendo o monopólio da Igreja no estudo da alma. Busca de Aristóteles as idéias de essência e existência e diz que o homem atinge a perfeição na busca de Deus.

No Renascimento ocorre o declínio do poder da Igreja Católica e sua progressiva desvinculação do saber. O movimento da reforma marca este período, como já apresentamos na seção sobre “O conhecimento científico anterior ao século XIX”.

No plano da Psicologia, René Descartes (1596-1659) mantém o dualismo mente e corpo proposto inicialmente por Platão. Conforme já destacamos em “A história da loucura” e “O conhecimento científico anterior ao século XIX”, Descartes é o filósofo que irá dar destaque à razão relacionada à verdade e à desrazão relacionada à loucura, conforme destaca Foucault (1993b). Isto trouxe desdobramentos ao campo da psicologia, embasando suas teorias no campo da consciência, nas áreas da percepção, sentimentos, pensamento e comportamento.

Outra influência para a psicologia e a medicina, exercida por Descartes, é o avanço no campo da Anatomia e da Fisiologia como consequência da sua tese de que o corpo sem razão é como uma máquina. Este entendimento torna possível a manipulação e o estudo do corpo morto, sem o caráter da heresia imposto pela Igreja na Idade Média.

No século XIX, com a vigência do sistema econômico capitalista, também já descrito nas seções anteriores, há um grande incentivo para que a ciência dê resultados que possam ser postos em prática para a sociedade urbana. É a era da chamada “ciência moderna”.

Neste contexto surge Augusto Comte (1816-1857) com o positivismo, que ocupa a segunda metade do século XIX. O positivismo propõe que a ciência deve se limitar à experiência imediata, fazendo uma descrição e análise objetiva da experiência. Esta corrente filosófica tem como fonte o empirismo e se opõe ao idealismo que predominou na primeira metade do século XIX. O idealismo contemplava a experiência, porém buscava na razão uma interpretação dos fenômenos.

O positivismo corresponde às exigências econômicas que necessitavam de respostas técnicas e objetivas – é a ciência aplicada. Não obstante, do ponto de vista do pensamento filosófico, o positivismo representa um empobrecimento, ao não considerar uma explicação para as causas dos fenômenos.

A filosofia é reduzida à metodologia e à sistematização das ciências. Há uma tentativa de equiparar todas as ciências ao método experimental e matemático das ciências naturais. Com influência do pensamento hegeliano, o positivismo engloba a importância do fato histórico para a ciência, reforçando a descrição “exata” dos fatos. Com o prestígio adquirido pela matemática, pela física e pela química, devido ao grande desenvolvimento que obtiveram nos séculos anteriores, as ciências biológicas, incluindo a medicina, se enquadraram nos métodos das ciências naturais, que são consideradas as ciências puras. Como já vimos nas seções “O conhecimento científico anterior ao século XX” e “A história

das ciências”, a quantificação e a mensuração dos fenômenos através da utilização do método matemático era uma exigência para o conhecimento ser considerado científico. Esta é também uma grande diferença entre a psicologia e a psicanálise, além do estudo da consciência pela psicologia. Enquanto a primeira foi na direção de uma psicometria, a psicanálise, sob pena de não ser considerada uma ciência, rompe com esta exigência de exatidão científica. Apresenta uma teoria sobre o funcionamento psíquico que não pode ser confirmada pelos métodos experimentais.

A psicologia inicia a se desvincular da metafísica filosófica e a se aproximar mais da Fisiologia, Neurofisiologia e Neuroanatomia, que obtiveram um significativo desenvolvimento nas suas pesquisas. Na vigência das teorias taylorianas, os seres humanos são comparados às máquinas, que precisam ser ajustadas e treinadas para ter um funcionamento perfeito. Para conhecer os processos psicológicos é necessário compreender os mecanismos e funcionamento da máquina cerebral. Na área da Neuroanatomia, a partir de pesquisas realizadas nos centros cerebrais superiores, descobre-se o fenômeno chamado “reflexo”. É a lei do arco-reflexo. A fisiologia se aproxima da física para estudar os fenômenos psíquicos e surge a Psicofísica.

Freud, influenciado pelos conhecimentos da física, utiliza o modelo do arco-reflexo para construir uma teoria do funcionamento psíquico – teoria que contempla o mundo físico, como uma fonte de estímulos para o psiquismo, e o resultado como uma ação motora que influencia o real. Contudo, o objeto de estudo da psicanálise não é o estímulo nem a resposta. Freud concebe um aparelho psíquico de representações, é do campo simbólico da linguagem que a psicanálise fala.

A mensuração dos fenômenos psíquicos é a condição para que a psicologia passe a ser considerada um campo da ciência desvinculada da filosofia. Pela lei de Fechner-Weber

em 1860, é possível mensurar, a partir de um estímulo físico, a sensação despertada no organismo. Esta lei foi um passo importante, marcando os primórdios da psicologia científica.

Wilhem Wundt (1832-1926), também desta época, é considerado o pai da psicologia científica. Criou na Universidade de Leipzig, na Alemanha, como citado anteriormente, o primeiro laboratório em Psicofisiologia. Desenvolve a concepção de paralelismo psicofísico, isto é, há uma correspondência entre os fenômenos mentais e os orgânicos.

A Alemanha no final do século XIX é considerada o berço da psicologia moderna. Lá trabalham Wundt, Weber e Fechner; uniu-se a esse grupo o inglês Edward B. Titcher e o norte-americano William James. Porém, é nos Estados Unidos que a psicologia vai se desenvolver, influenciada pelo rápido crescimento econômico que esse país teve na era capitalista. De lá também surgem as primeiras teorias psicológicas. São elas:

a) *O Funcionalismo*. Tem como seu fundador William James (1842-1910). É a primeira teoria americana e, como tal, busca responder às demandas pragmáticas da sociedade. De acordo com Bock (2002), as questões formuladas pelo funcionalismo eram: “o que fazem os homens” e “por que o fazem” (p. 41). Para responder a tais questões a teoria de William James vai estudar o funcionamento da consciência e seus mecanismos adaptativos.

b) *O Estruturalismo*. Tem como seu representante Edward Tichmer (1867-1927), que seguiu as idéias de Wundt. É uma teoria experimental, realizada em laboratório, que vai estudar a consciência como uma estrutura do Sistema Nervoso Central.

c) *O Associacionismo*. Tem como seu representante Edward L. Thorndike (1874-1949). Foi o criador da primeira teoria da aprendizagem em psicologia. O associacionismo parte do princípio de que a aprendizagem é feita por associações de idéias.

as, das mais simples às mais complexas. Thorndike também formulou a “Lei do Efeito”, que diz que todo ser humano tende a repetir um comportamento se for recompensado por isso. Da mesma forma, evitará um comportamento se sobre este ganhar um castigo. Esses efeitos tendem a ser “associados” a situações semelhantes e haverá uma “generalização” do comportamento. Esta teoria foi utilizada e desenvolvida pela psicologia comportamentalista.

Pêcheux (2002), no seu livro *O discurso: estrutura ou acontecimento* faz uma série de reflexões acerca das diferenças entre as ciências da natureza e as ciências sociais, em que certamente pode-se englobar a psicologia e a psicanálise, que são pertinentes à análise aqui realizada. O autor escreve que as ciências da natureza e as ciências matemáticas trabalham com o real. O real não se descobre, se encontra. É o ponto do impossível, aquilo que só pode ser assim. As técnicas e os instrumentos utilizados pelas ciências da natureza procuram dar conta do real através da medição, quantificação, observação dos seus movimentos, etc. As ciências sociais também são influenciadas por essa maneira de conceber o real, dessa forma os indivíduos são identificados, classificados, quantificados e assim por diante.

O uso de proposições lógicas do tipo verdadeiro ou falso, casado ou solteiro, masculino ou feminino, proíbe o uso de interpretações. Estas evidências lógico-práticas do tipo “ou está em SC ou no RS” exemplificam espaços discursivos lógicos, em que o sujeito sabe do que fala. Não há espaço para equívocos, contradições e simultaneidades. O sujeito pragmático é o sujeito da homogeneidade lógica. Isto coloca os discursos numa polarização, estabelecendo-se a tendência a uma simplificação maniqueísta. Terá uma assertiva que será verdadeira (ou a certa) em contraposição à falsa (ou errada). Acabam as singularidades e a subjetivação do sujeito. Esta prática discursiva vem ao encontro de uma tendência do ser

humano à divisão entre o bem e o mal, como também, de depender da aprovação de alguém que irá ditar as normas e valores culturais. Em suma, nas palavras de Pêcheux (2002): “As ‘coisas-a-saber’ representam assim tudo o que arrisca faltar à felicidade” (p. 34). A segurança de uma ciência que corresponda a esse desejo de ditar a verdade sem a necessidade de o sujeito realizar suas próprias interpretações é bem-vinda em face destes temores.

O autor abre a questão para se pensar na existência de um outro ou outros reais que não estão na ordem dessa previsibilidade lógica e outros saberes que não sejam ensinados e transmitidos, mas estão lá produzindo efeitos discursivos. O estruturalismo, prossegue o autor, vai desenvolver um pensamento “antipositivista” para dar conta da existência deste outro real na intersecção entre a história e a linguagem. Deste movimento surgem “novas práticas de leitura” que procuram entender o sentido de dizer uma coisa e não outra, relacionada com o dito diferente em outros lugares, para se entender sobre o outro sentido no discurso, o não dito que produz efeitos.

Pêcheux faz referência a Freud por denunciar o duplo sentido na fala que traz na sua simultaneidade o sentido da consciência (o que pode ser dito) e o sentido do inconsciente (o que está lá, porém só é conhecido pelos seus efeitos). Freud aponta os lapsos de linguagem, os atos falhos, os chistes, os sonhos e os sintomas como formas de falar o inconsciente. Refere-se a Marx, Freud e Saussure como desbancadores da ordem “natural” instituída de conceber o homem somente como um ser bio-social. Abre-se uma fenda na forma como as ciências, a religião e a sociedade vêem o homem como um todo homogêneo e totalmente consciente de si e dos seus atos. Desta fenda surge o simbólico e o significante como novas formas de dar sentido ao seu discurso.

O autor comenta que o estruturalismo vai contra as psicologias do ego e do comportamento, reconhecendo a castração simbólica, que contradiz a ilusão narcísica. Contudo, o estruturalismo caiu em outro narcisismo, o narcisismo conceitual. As estruturas



ganham vida própria nas formas de leitura, onde as análises estruturais ganham o valor da equivalência interpretativa. Procuram negar a interpretação, porém caem na sobre-interpretação. Os sistemas estruturalistas ocupam o lugar da “ciência-régia”, deixando o discurso sem sujeito e assemelhando suas análises a processos matemáticos.

O estruturalismo reduziu o sujeito a um ser assujeitado pelo e no seu discurso, ao considerar que a ele só é possível reproduzir o discurso e o sentido permitido ideologicamente. Pêcheux propõe que a análise lingüística contemple os deslizos e equívocos do discurso como um fato estrutural da ordem simbólica. A língua como objeto lingüístico se acha dividida entre as normas, regras e a idéia da transparência da língua de um lado, e do outro, o trabalho da interpretação que dá sentido ao sentido já dado.

Ao considerarem como excepcional a possibilidade de os trabalhadores fazerem uma leitura interpretativa diferente ao ideologicamente determinado, os estruturalistas trabalham com a mesma lógica elitista de atribuir somente aos burgueses o luxo de ter um inconsciente. Esta crítica foi também feita a Freud, pelos que consideram a psicanálise uma prática burguesa. Pêcheux indica o espaço da interpretação na análise de discurso:

Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso. (p.53)

## **6 CONCLUSÃO**

A análise da construção do discurso fundador da psicanálise passa pela análise do discurso de Freud, enquanto autor fundador de uma discursividade. Pêcheux (2002), com propriedade, chama a atenção para a interpretação como uma alternativa da não-repetição discursiva. O autor enfatiza os deslocamentos inconscientes que é possível fazer às determinações sociais e históricas para formar uma nova organização enunciativa. Chama a

atenção, também, para a necessidade de um posicionamento político e ético do enunciador, para sustentar a sua interpretação, mesmo com as pressões que podem surgir da comunidade discursiva. Observa-se em Freud, como no caso da análise dos seus sonhos, a posição que assume ao dizer que é preciso se despir de constrangimentos e privacidade pessoais que a maioria dos cientistas tem. Ele une o conhecimento do seu inconsciente – é o experimento, já que o objeto de estudo da psicanálise é o inconsciente – e, conscientemente, toma uma posição política de fundar e sustentar um saber.

Freud interpreta o que sente e interpreta o que pensa. Não se trata de estabelecer uma discussão se a psicanálise é uma ciência ou uma hermenêutica, não é esse o objeto de análise, mas conceber a interpretação como forma de dar sentido aos discursos. É o que ocorre na leitura do Torá<sup>14</sup>, em que, pela fluidez de sentidos, é necessária uma constante interpretação para construção de sentidos, onde o significado de uma palavra no texto é construído remetendo ao outro texto (intertextualidade). Pode-se dizer que a interpretação é um instrumento que possibilita o surgimento de leitores críticos, autores e sujeitos fundadores.

O autor rompe com a tradição racionalista da época ao recusar-se a ocupar o lugar de hermeneuta. A interpretação, como instrumento terapêutico da psicanálise, não se presta a explicar e descrever o paciente frente a um distúrbio psicopatológico. Ela rompe com a racionalidade, quando o sentido e a lógica são dados pelo paciente através dos seus lapsos, deslizes e atos falhos na linguagem. A psicanálise não busca colocar o sujeito dentro de um pensamento lógico, coerente e preditivo; ao contrário, ela percorre a contramão da lógica, assinalando que o sentido emerge, por instantes, do ilógico – o que vem ao encontro dos conceitos foucaultiano de acontecimento e acaso, já tratados anteriormente, bem como do conceito de Pêcheux (2002) acerca da interpretação como forma de surgir o novo aos discursos já ditos e a transfiguração de idéias, abordada por Orlandi (2001 b).

Como autor fundador de uma discursividade, Freud trata de interpretar os vazios e silêncios do discurso humano, a partir da interpretação da sua realidade, dos pacientes, da sociedade e do conhecimento científico. Silencia a visão cartesiana do sujeito único e racional, rompe com a ideologia segundo a qual a verdade está na racionalidade. Vai procurar o sentido da verdade do inconsciente através da técnica da associação livre. É não censurando o seu dizer que o homem vai dizer a sua verdade. A censura tem mecanismos internos (pelo recalçamento) e mecanismos externos (pelas determinações sócio-históricas – a ideologia), ou seja, a censura necessita de repressões internas e externas para se manter. Freud é um desbravador na elaboração das suas repressões internas através de sua auto-análise e um obstinado em enfrentar as censuras externas.

Estudando o surgimento da civilização, Freud analisa como as proibições externas se transformam em tabus e, pela continuidade em várias gerações, vão sendo incorporados à constituição do sujeito, fazendo parte da sua memória filogenética. Identifica as proibições do parricídio e do incesto como tabus organizadores da sociedade, uma vez que a sua prática coloca em risco a sobrevivência da espécie. Pode-se pensar que as censuras e proibições ideológicas, por si sós, não têm a mesma força que os tabus. Assim, quando nas determinações do inconsciente não estiver impressa a coibição ideológica, há possibilidade de sair da repetição discursiva e instituir novas formas de dizer.

Freud institui um novo discurso sobre a sexualidade, a loucura e o inconsciente; os sentidos não se esgotam, possibilitando o surgimento de uma cadeia infindável de textos-comentários sobre a psicanálise. É ponto de consideração, seguindo Foucault (1993a), que Freud, com seu discurso, rompe com as proibições institucionais de não falar sobre a sexualidade, a loucura e a verdade. Pela compreensão de estar infringindo uma proibição ideológica é que consegue suportar as sanções de exclusão que a sociedade lhe impinge. Dito

---

<sup>14</sup> Torá significa a Lei e a doutrina judaica, que é transmitida tanto oralmente como por escrito. (cf. FUKS,

de outra maneira, Freud trata as resistências da sociedade da mesma forma como entende as resistências ao inconsciente. É um indicador de que está no caminho “certo” na descoberta da verdade recalcada. Ao tratar destes temas, enfrenta proibições que vêm de duas direções: as censuras internas, já que a sexualidade faz parte da etiologia das neuroses, e as censuras externas, pela relação que estes temas têm com o poder. Estão presentes determinantes sociais, históricos e psicológicos que condicionam a repetição discursiva e que o discurso fundador de Freud modifica.

Aliados à interpretação para a emergência do novo estão o acontecimento e o acaso (cf. FOUCAULT, 1993a) e a transfiguração de idéias (cf. ORLANDI, 2001b). São fendas no enunciado, que não estão ligadas a uma associação lógica de causalidade ou simultaneidade ao sentido das palavras no discurso, mas se abrem para a produção de novos sentidos. Pode-se articular que o acontecimento é a fenda discursiva para a emergência do inconsciente, que vai impor uma outra organização nos sentidos ao discurso já estabelecido.

É oportuno enfatizar a importância da auto-análise de Freud, como fator psicológico condicionante da emergência do discurso fundador para a elaboração da sua teoria. Além da análise dos sonhos, as cartas que manteve com Fliess entre 1887 e 1902 são espaços que possibilitaram este processo. Neste trecho de uma carta a Fliess datada de Viena em 7 de julho de 1887, Freud diz (1987b):

Ainda não sei o que andou acontecendo comigo. Algo proveniente das mais recônditas profundezas de minha neurose insurgiu-se contra qualquer avanço em minha compreensão das neuroses, e você, de algum modo, esteve envolvido nisso. Isso porque minha paralisia redacional me parece destinada a impedir nossas comunicações. Não estou nada seguro disso; são apenas sentimentos de uma natureza muito obscura. Não lhe aconteceu algo parecido? Nos últimos dias, pareceu-me que se vislumbra uma saída dessa obscuridade. Constato que, nesse ínterim, realizei todo tipo de progressos em meu trabalho, e a cada momento me ocorre mais uma idéia. Para isso concorrem, sem dúvida, o tempo quente e o excesso de trabalho.(p. 278)

---

2000). Este tema foi tratado no capítulo sobre “Freud e a judeidade”.

O estilo da escrita freudiana, conforme já assinalado por Mahony (1990) e Ornston (1999), traz a marca do incognoscível do inconsciente, quer através do caráter fragmentário de sua escrita, quer da linguagem evocativa ou de ser o presente o tempo verbal utilizado para falar do passado – recursos que recriam a atemporalidade do inconsciente. O texto freudiano possui um caráter aberto e convida à participação do leitor na cena descrita. A leitura talmúdica e a leitura freudiana possuem a característica de uma leitura aberta, possibilitando a cada leitor a interpretação de um outro sentido. A escrita freudiana é análoga, em muitos aspectos, à técnica da associação livre, é uma linguagem que se abre para a emergência do acaso e do acontecimento, denunciando pela linguagem que o sujeito é constitutivamente dividido. Trazendo, como uma das conseqüências, a riqueza interpretativa de que o sentido sempre pode ser outro, pois que o enunciador pode ser o outro.

O idioma alemão também contribuiu muito na forma de Freud expressar-se. Ornston (1999), considerando este aspecto, escreve:

As imagens cotidianas de Freud, bem como muitos de seus retratos psicológicos, são típicos do alemão – quer dizer, puro alemão do século XIX – em que costuma ser possível fazer muitas coisas diferentes com as mesmas palavras ao mesmo tempo. (p.29)

A riqueza de expressão do pai da psicanálise está relacionada às características da língua hebraica e da língua alemã. Abraham, em carta a Freud, numa época em que Freud considerava a importância de Jung, um não judeu, ser presidente da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), escreve sobre sua preocupação em não deixar desaparecer o pensamento talmúdico. Ao ler o texto freudiano *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1975 a), Abraham considera a composição e a técnica de decifração dos chistes “totalmente talmúdica”. É importante lembrar que a mãe de Freud contava aos filhos chistes somente em hebraico.

A organização dos sentidos, dada pelos fatores históricos e sociais, vai formar a ideologia de uma determinada época. Quando apresenta uma nova compreensão aos temas

proibidos da sexualidade, verdade ou loucura, Freud desestabiliza a lógica vigente. É possível identificar substratos sociais para o novo discurso de Freud acerca da sexualidade. Foucault (cf. BIRMAN, 2000) diz que na sociedade europeia do século XIX havia uma esfuziante efervescência da sexualidade. Como observou Freud nos seus primeiros casos clínicos, a repressão sexual das senhoras vienenses só denunciava seus poderosos desejos. O que a psicanálise promove é um novo sentido para o desejo sexual, que já era historicamente conhecido. Os sentidos anteriores relacionavam o desejo sexual a forças demoníacas, ao feminino e à loucura. Houve um enfraquecimento destes sentidos para o surgimento de um sentido que remonta ao constitutivo pulsional do sujeito psíquico. Freud apresenta uma compreensão sobre a passagem e as conseqüências psíquicas para o homem da sua inscrição na cultura. Mais especificamente na descoberta do inconsciente, como sistema psíquico e a importância da sexualidade na etiologia das neuroses, marcos teóricos-clínicos da fundação da psicanálise, o que importa não é que essas idéias nunca houvessem sido ditas, porém uma coisa é falar e outra coisa é incluí-la no dizer de uma comunidade discursiva.

A memória simbólica da humanidade é constituída a partir do tabu do incesto. A fundação da civilização cria, portanto, um discurso de proibições sobre o desejo e a conduta humana. Freud organiza um novo sentido discursivo para a memória da civilização ocidental, quando interpreta o sentido dos rituais totêmicos e do tabu do incesto. A civilização ocidental é a civilização da culpa pelo assassinato simbólico do pai. Pode-se relacionar a tradição sócio-histórica do catolicismo como um dos fatores condicionantes ao discurso fundador da psicanálise.

Através da história apresentada em *Totem e tabu*, Freud (1987i) vai trabalhar em uma área de indiferenciação referida por Orlandi sobre o discurso fundador. No nível da realidade, quando faz um levantamento antropológico das civilizações primitivas; no nível fantasístico, quando reproduz os rituais totêmicos; e no nível imaginário, através do tabu e da

instauração da lei. Utiliza o mito do Édipo (interdiscurso) como metáfora às conseqüências de não seguir a proibição do incesto (intradiscurso), ou seja, atualiza a tragédia grega utilizando-a para explicar o complexo de Édipo (intradiscurso). A cegueira de Édipo desloca seus sentidos à luz da compreensão freudiana para a castração edípica. É oportuno fazer uma articulação entre a ideologia da submissão e culpa oriunda da igreja católica, e a culpa entendida por Freud como conseqüência dos desejos parricidas. O ingresso do sujeito em uma nova ordem da lei simbólica, de acordo com a psicanálise, liberta-o do submetimento e culpa pelos seus desejos. Tira-o da regência do princípio do prazer e o coloca no princípio da realidade.

A crítica que outras áreas do saber fazem, de que a psicanálise dá seguimento à culpa instituída pela igreja, nesta análise não procede – pois que a psicanálise diz que é possível a satisfação pulsional, atingida por um prazer de acordo com o princípio da realidade, ao invés da descarga total que uniria Eros a Tanatos.

A proliferação de textos psicanalíticos (comentários) sobre o discurso freudiano expressa um excesso de significância sobre o seu discurso, e que o caracteriza como fundador. Os significantes estudados por Freud abrem uma cadeia infinita de sentidos que cria a necessidade de novas interpretações. A multiplicidade de sentidos cria o equívoco, desta forma observa-se a existência de textos que se propõem a explicar o que Freud disse. Além disso, correntes teóricas existentes na psicanálise partem da valorização de pontos específicos da teoria freudiana, para desenvolver suas sistematizações, recebendo críticas de representantes de outras teorias de que estão cometendo um equívoco na interpretação do pensamento freudiano.

Cesarotto e Leite (1992) consideram que a proposta de Lacan de fazer um retorno a Freud denuncia o desvio que a teoria freudiana teve após a sua morte. A psicologia do ego, escola pós-freudiana surgida nos Estados Unidos, e a escola kleiniana, surgida na Inglaterra,



são criticadas por transformarem a psicanálise, diferentemente da proposta do seu fundador<sup>15</sup>. O próprio Freud era um crítico mordaz em relação aos seus dissidentes. Em uma carta a Abraham no final de 1913 (apud GAY, 1989), antes do rompimento final com Jung, que seguiu um entendimento teórico diferente sobre a importância da sexualidade, Freud escreve: “Fica-se furioso com Jung até que se descobre que ele é apenas crassamente estúpido, ‘estupidez emocional’, como dizem os psiquiatras” (p. 229).

É clara a consciência de Freud de que a comunidade discursiva é que legitima o seu discurso. A originalidade do seu dizer é recebida pela comunidade discursiva com uma estranheza – estranheza de não lhe ter outorgado o direito e/ou poder para falar sobre temas não autorizados. Apresentamos exemplos do ostracismo sofrido por Freud quando lançou seu livro sobre os sonhos, seus trabalhos sobre a sexualidade, sua teoria do trauma. Porém, como já foi referido por Freud, o *Das Unheimliche* é estranho à consciência e familiar ao inconsciente. É por essa verdade do inconsciente que Freud invoca, através da sua argumentação, a que o leitor se transforme num co-autor de suas descobertas. Interpreta o silêncio da comunidade discursiva como um sinalizador de que está no caminho certo. Constantemente dialoga com seu leitor, ora invocando a familiaridade do tema tratado pela identificação que o leitor é convidado a fazer com seus fatores inconscientes, ora invocando outros dizeres pelo extradiscurso, que confirmam suas afirmações. Faz estas relações para legitimar o seu discurso.

Para melhor entender as condições de produção do discurso freudiano é preciso localizar as formações imaginárias de onde surge e para onde é dirigido o seu dizer. A posição discursiva de Freud, ou seja, qual o poder de falar o que falava, era autorizada por alguns significantes, como: ser do sexo masculino, europeu e médico; mas esse poder se desestabilizava pelas suas origens judaicas e seus poucos recursos econômicos.

---

<sup>15</sup> Não nos deteremos nas justificativas destas críticas por se afastarem do objetivo desta dissertação. Há diversas

Na época em que Freud viveu, na passagem do sistema pré-capitalista ao capitalista, o direito individual era considerado um avanço em relação ao agrupamento dos povos, segundo as etnias e crenças religiosas. Freud vinha de um grupo segregado pela crença religiosa judaica; o apagamento desta diferença e a ênfase na individualidade eram, sem dúvida, um avanço. O sentido da exclusão e discriminação à comunidade em que vivia é evidenciado em várias passagens da sua obra e apresenta-se na seção “Freud e a judeidade”. É digno de lembrança que até os 19 anos de idade Freud viveu na parte mais miserável de um bairro de judeus. Pode-se dizer uma dupla exclusão. É desse lugar de exclusão marcada no corpo pela circuncisão e na fala pelo ídiche que emerge o seu discurso sobre temas considerados excluídos da sociedade. Tem-se aí outro fator sócio-histórico como condicionante do discurso fundador.

Retomando Pêcheux (1997) no tocante aos lugares atribuídos para as formações imaginárias, quem é Freud para falar assim: é um excluído do território externo. Quem são eles para que ele possa falar sobre as exclusões? Também são excluídos, mas não sabem que são. Há um território interno inconsciente em cada um, para onde é mandado tudo o que é excluído de estar na consciência. Freud considera sua experiência anterior de exclusão (memória discursiva) como um facilitador para enfrentar os períodos de ostracismo por que passou pela reação dos intelectuais ao seu discurso. Freud (1987v) escreve: “Professar crença nessa nova teoria exigia determinado grau de aptidão a aceitar uma situação de oposição solitária — situação com a qual ninguém está mais familiarizado do que um judeu” (p. 275). Pode-se analisar que Freud faz um deslocamento de idéias no seu discurso: utiliza a exclusão judaica e coloca-a no contexto da psicanálise, realizando uma transfiguração de idéias. A condição de excluído o habilita a fundar a psicanálise.

---

obras que tratam sobre o tema, como Cesarotto e Leite (1992).

Está presente no discurso de Freud a formação imaginária que ele atribuiu a seus interlocutores, as relações de força (exteriores a situação do discurso) e as relações de sentido. As fortes críticas e represálias que Freud sofreu representam a não-aceitação da comunidade do lugar de onde vinha o seu discurso, como também do seu conteúdo. Freud não ocupava uma posição de poder que lhe outorgasse ser original. E o que falava era proibido. São inúmeras as passagens em que se refere à reação da comunidade científica às suas idéias.

Verifica-se, no discurso freudiano, como a realidade externa (verdade histórica) é usada para o reconhecimento da realidade interna. O entendimento sobre a religião é um exemplo. Deus representa esta figura inquestionável de fé, amparado na correspondência interna do pai da infância “todo-poderoso”. Desta forma, há um constante deslocamento de sentidos do que está fora para o que está dentro e vice-versa. Em termos discursivos, a historicidade está entrelaçada com a memória. Assim, a ideologia é um valor de verdade, é o que só poderia ser assim. Neste contexto, o sentido dado ideologicamente já está pronto para o sujeito. Daí se dizer que o sujeito do discurso é assujeitado. A essência do discurso fundador é romper com este entrelaçamento (historicidade do discurso e memória discursiva). Como hipótese, pode-se pensar que o mesmo discurso se entrelaça com o inconsciente e emerge o acontecimento, que, por sua vez, rompe com determinações ideológicas. A significação da verdade para a psicanálise segue uma direção semelhante à idéia de arquivo para Derrida (cf. FUKS, 2000): o registro da memória está marcado pela lei, como princípio social regulador e estruturado.

A loucura, tomada como objeto discursivo, aponta para as diferentes formações discursivas de acordo com o seu conteúdo histórico. A idéia de loucura está ligada a atitudes que expressam um modo diferente de ser em determinadas épocas, comparado com as regras sociais seguidas pela maioria da sociedade. A mente insana se encontra possuída por deuses, demônios, fatores genéticos, falta de substâncias neuroquímicas, enfim, causas consideradas

relevantes de acordo com o contexto sócio-histórico, que retiram do sujeito sua história, sua racionalidade e, conseqüentemente, seus direitos na sociedade em que vive. O louco não é responsável pelo seu discurso, pois no seu discurso não há sentido.

O período Clássico fornece os substratos de base, conforme já abordamos na seção “A história da loucura”, através das interdições religiosas e proibições sexuais para o entendimento que a ciência terá da loucura. A loucura entra como um objeto de estudo para o saber da medicina longe da propagada “neutralidade científica”. O discurso médico é valorizado quando é chamado a controlar os loucos, através da constituição da loucura como objeto de conhecimento. Com o nascimento da ciência moderna, da revolução francesa, do sistema capitalista, dos avanços no campo da física, química e biologia, estão assentadas as bases para que a medicina se estabeleça, definitivamente, como um ramo aplicado da ciência, habilitada a ser responsável pela loucura. O século XIX estabelece a loucura como objeto de estudo da medicina e inaugura a psiquiatria como especialidade médica. Pinel organiza e sistematiza a loucura como uma doença. A herança ideológica dos séculos XVII e XVIII é transmitida e revestida pela linguagem médica. Mudam-se as palavras, porém o sentido é o mesmo. O psiquiatra é possuidor de poderes que até então eram atribuídos à família, aos governantes, aos juízes e à polícia. A relação médico-paciente vai estabelecer uma relação de submissão (paciente) e poder (médico). O poder está concentrado numa só categoria social, o que antes estava posto em vários lugares.

Freud aproveita vários dos conhecimentos adquiridos nesta época, tais como: o poder médico será explorado na hipnose, nas técnicas sugestivas e no entendimento da transferência. O interrogatório médico e a confissão do paciente evidenciavam os efeitos catárticos da fala. Não obstante isto, o discurso freudiano realiza uma clivagem no campo da subjetividade e da verdade. Para Freud, a verdade não é a busca da razão da consciência cartesiana. Há uma subversão do pensamento filosófico e científico do século XIX. A loucura

não é entendida pela psicanálise como equivalente da desrazão humana. Ela ganha um sentido no seu dizer, busca a verdade do inconsciente, juntamente com os sonhos, os chistes, os lapsos e atos falhos. A fala é o lugar privilegiado de aparição do inconsciente e intervenção do psicanalista. Com este sentido dado à loucura pela psicanálise, ela se afasta e se diferencia da medicina. Seu objetivo não é controlar o paciente, visto que ele não é incontrolável. Seu intento é entender os sentidos ocultos do inconsciente que, num tropeço da consciência, aparecem no discurso.

A psicanálise realiza uma reviravolta ao racionalismo ao dizer do sujeito uno, coerente e consciente. Também se diferencia do empirismo, pois a verdade não vem da percepção através dos sentidos da realidade externa. Distancia-se da psicologia, quando vai definindo que a psicanálise não fala do biológico nem quantifica a subjetividade. Aproxima-se de Kant quando concebe que a realidade externa é construída pela representação que o sujeito concebe. Freud possuía o espírito curioso que moveu o homem desde o início da sua existência. Suas questões não eram solucionadas atribuindo as respostas/soluções aos deuses, aos mitos, à natureza, a Deus, aos métodos/experimentos das ciências da natureza, à racionalidade da consciência, como foi se construindo o desenvolvimento do pensamento científico.

Freud foi um defensor do conhecimento científico. Opunha-se à busca do conhecimento através de métodos que cerceassem a razão humana. Em *Totem e tabu* (1913) escreve que a humanidade desenvolveu ao longo da sua existência três sistemas de pensamento: animista ou mitológico, religioso e científico, para buscar explicações sobre o mundo. Considera o pensamento científico o mais evoluído, por não utilizar o pensamento mágico, típico dos dois primeiros sistemas. O pensamento científico é dotado de uma racionalidade que afasta o homem dos recursos utilizados pelos povos primitivos e na vida infantil.

A questão proposta na dissertação não é a discussão se a psicanálise é uma ciência, a questão que se propõe é como Freud usou o discurso da ciência para fundar a psicanálise. Ao longo das seções sobre “ O conhecimento científico anterior as século XIX” e “As ciências do século XIX”, identifica-se que ele usou conhecimentos e métodos das ciências da natureza. Porém, dadas as diferenças entre os objetos de estudo, das ciências da natureza, que, por um lado, se ocupam da materialidade do real, e da psicanálise, que, por outro lado, se ocupa do inconsciente no plano da subjetividade, do simbólico e da significação, vai se evidenciando a diferença entre elas.

A fundação da psicanálise se dá em um século de efervescência científica, e é considerando o racionalismo científico desta época que foi possível avançar na própria racionalidade utilizada pela física, pela química, pela biologia e pela medicina<sup>16</sup>, para considerar a irracionalidade e partir para uma outra/nova racionalidade. Freud bebeu de todas as fontes: do racionalismo, do positivismo, da hermenêutica, da metafísica, porém é difícil inserir a psicanálise em um desses lugares. O discurso fundador também funda um novo espaço para este discurso e este saber. Como disse Freud em uma carta a Pulnam, não há que se preocupar tanto com o nome para os conceitos, o importante é explicar o maior número possível de vezes a sua significação. O mais importante não é encontrar um lugar já nomeado pela filosofia ou pelas ciências para a psicanálise. Talvez o importante seja se convencer de que, por ser fundador, o discurso da psicanálise cria um lugar original para a sua permanência.

---

<sup>16</sup> É oportuno lembrar que Freud, no início de sua carreira médica, se dedicou a pesquisas em laboratório, nos ramos da zoologia, da química, da fisiologia e da neuropatologia.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aires. **Filosofia e ciências da natureza**: alguns elementos históricos. Disponível em <<http://www.simposio.ufsc.br>>. Acesso em 13 out. 2004.

BIRMAN, Joel. **Entre cuidado e saber de si**: sobre Foucault e a Psicanálise. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BOCK, Ana Mercês, FURTADO, Odair, TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo: Saraiva, 2002.

CESAROTTO, Oscar e LEITE, Márcio P. de Souza. **O que é psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

CHASSOT, Attico. **A ciência através dos tempos**. São Paulo: Moderna, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. Disponível em <<http://www.armazemliterario.com.br>>. Acesso em 28 out. 2004.

EMMANUEL **Kant**: vida e obra. Disponível em <<http://www.mundodosfilosofos.com.br>>. Acesso em 27 set. 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural pronunciada no Collège de France, 1970, Paris. Tradução de Sírio Possenti. Campinas, 1993a.

\_\_\_\_\_. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1993b.

\_\_\_\_\_. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1997.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FRAYZE-PEREIRA, João. **O que é loucura**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e a sua relação com o inconsciente** (1905). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976a.

\_\_\_\_\_. **Moisés e o monoteísmo: três ensaios** (1938). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976b.

FREUD, Sigmund. **A interpretação das afasias: um estudo crítico**. Lisboa: Edições 70, 1977.

FREUD, Sigmund. **O projeto para uma psicologia científica** (1895). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1987a.

\_\_\_\_\_. **Extratos dos documentos dirigidos a Fliess** (1892-1899). In: Edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1987b.

\_\_\_\_\_. **Estudos sobre a histeria: Josef Breuer e Sigmund Freud** (1895). In: Edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. II. Rio de Janeiro: Imago, 1987c.

\_\_\_\_\_. **A interpretação dos sonhos** (1900). In: Edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1987d.

\_\_\_\_\_. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). In: Edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1987e.

\_\_\_\_\_. **Cinco lições de psicanálise** (1910). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1987f.

\_\_\_\_\_. **A dinâmica da transferência** (1912). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1987g.

\_\_\_\_\_. **Contribuições a um debate sobre a masturbação** (1912). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1987h.

\_\_\_\_\_. **Totem e tabu** (1913). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1987i.

\_\_\_\_\_. **O interesse científico da psicanálise**. (1913). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1987j.



\_\_\_\_\_. **A história do movimento psicanalítico** (1914). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1987k.

\_\_\_\_\_. **Sobre o narcisismo: uma introdução** (1914). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1987l.

\_\_\_\_\_. **Os instintos e suas vicissitudes** (1915). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1987m.

\_\_\_\_\_. **O inconsciente** (1915). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1987n.

\_\_\_\_\_. **Conferências introdutórias sobre psicanálise** (1915). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1987o.

\_\_\_\_\_. **História de uma neurose infantil** (1917). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1987p.

\_\_\_\_\_. **Uma dificuldade no caminho da psicanálise**. (1917). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1987q.

\_\_\_\_\_. **O 'Estranho'** (1919). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1987r.

\_\_\_\_\_. **Além do princípio de prazer** (1920). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1987s.

\_\_\_\_\_. **A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher** (1920). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1987t.

\_\_\_\_\_. **O problema econômico do masoquismo** (1924). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1987u.

\_\_\_\_\_. **As resistências à psicanálise** (1925). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1987v.

\_\_\_\_\_. **Um estudo autobiográfico** (1925). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1987w.

\_\_\_\_\_. **A questão da análise leiga** (1926). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1987x.

\_\_\_\_\_. **Discurso perante a Sociedade dos B'nai B'rith** (1926). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1987y.

\_\_\_\_\_. **Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise: Conf. XXXV – A questão de uma *Weltranschauung*** (1933). In: edição Standard brasileiro das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1987z.

\_\_\_\_\_. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Coordenação geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FUKS B. Betty. **Freud e a judeidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FURLANETTO, M. Marta. Função-autor e interpretação – uma polêmica revisitada. Versão do texto apresentado no Seminário Internacional Foucault – perspectivas, realizado em setembro de 2004 na Universidade Federal de Santa Catarina.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**: romance da história da filosofia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GARCIA-ROZA, Luiz A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

GAY, Peter. **Freud**: uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JONES, Ernest. **Vida y obra de Sigmund Freud**. Buenos Aires: Paidós, 1979. Volume I.

LAPLANCHE e PONTALIS. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LYONS, Albert S & PETRUCELLI, Joseph. **História da medicina**. São Paulo: Manole, 1997.

MAHONY, Patrick J. **Sobre a definição do discurso de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

\_\_\_\_\_. **A propósito da noção de discurso constituinte**. II SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE ANÁLISE DO DISCURSO, 2002, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2002. Tradução de Maria Marta Furlanetto.

MARTINS, Roberto de Andrade. **Física do século XIX: modelos em crise.** Disponível em <http://planeta.terra.com.br> Acesso em 22 jan.2004.

MEZAN, Renato. **Psicanálise, judaísmo: ressonâncias.** Campinas – SP: Escuta, 1987.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

**O POSITIVISMO - Comte:** características gerais do positivismo. Disponível em <http://www.simpozio.ufsc.br>. Acesso em 15 set. 2004.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** Campinas, SP: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Terra à vista.** Campinas, SP: UNICAMP, 1990.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** Campinas, SP: UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional.** São Paulo: Pontes, 2001.

ORNSTON, Darius Gray (Org). **Traduzindo Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET F. e HAK T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. p. 61-161.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Campinas, SP: Pontes, 2002.

PESSOTTI, Isaias. **A loucura e as épocas.** São Paulo: Ed. 34, 1994.

**QUÍMICA no século XIX.** Disponível em <http://www.conhecimentosgerais.com.br>. Acesso em 23 jan. 2004.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

RUSSELL, Bertrand. **História da filosofia ocidental.** São Paulo: Nacional, 1982. 3 v.

SOURNIA, Jean-Charles. **História da medicina**. Lisboa : Instituto Piaget, 1992.